

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

O CÃO E O FRASCO, O PERFUME E A CRUZ  
arquivo *Rosa-Cruz* revisitado

Florianópolis, maio de 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

O CÃO E O FRASCO, O PERFUME E A CRUZ  
arquivo *Rosa-Cruz* revisitado

Dissertação de Mestrado de Fernando Floriani Petry, desenvolvida sob orientação da Professora Doutora Maria Lucia de Barros Camargo, apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, maio de 2011.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

P498c Petry, Fernando Floriani

O cão e o frasco, o perfume e a cruz [dissertação] :  
arquivo Rosa-Cruz revisitado / Fernando Floriani Petry ;  
orientadora, Maria Lúcia de Barros Camargo. - Florianópolis,  
SC, 2011.

230 p.: il., tabs., +; 1 DVD

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Dimas, Antonio, 1942. 2. Universidade de São Paulo.  
Instituto de Estudos Brasileiros. 3. Literatura. 4.  
Periódicos. 5. Projetos culturais. 6. Arquivos. I. Camargo,  
Maria Lucia de Barros. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III.  
Título.

CDU 82

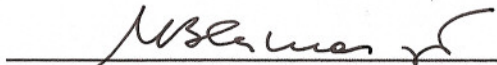
# O CÃO E O FRASCO, O PERFUME E A CRUZ arquivo Rosa-Cruz revisitado.

**Fernando Floriani Petry**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

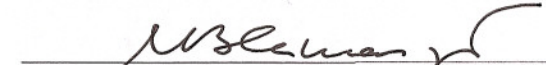
**MESTRE EM LITERATURA**

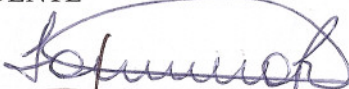
Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final  
pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de  
Santa Catarina.

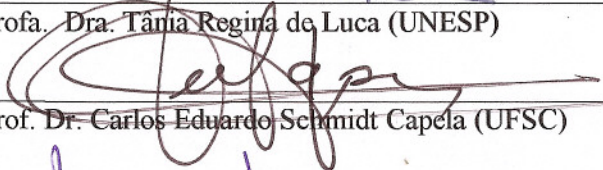
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo  
ORIENTADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Stélio Furlan  
COORDENADOR DO CURSO

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo  
PRESIDENTE

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Tânia Regina de Luca (UNESP)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela (UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Susana Célia Scramim (UFSC)

## Resumo:

A presente dissertação de mestrado em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina tem por objetivo geral um estudo comparativo entre as diferentes metodologias de pesquisa e de indexação de periódicos adotadas, respectivamente, pelo projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira* – coordenado pelo professor José Aderaldo Castello, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – USP) – e pelo projeto *Poéticas Contemporâneas* – coordenado pela professora Maria Lucia de Barros Camargo, no Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC – UFSC). O *corpus* admitido como elemento comparativo entre as duas metodologias – a de pesquisa no caso do IEB e a de indexação no caso do NELIC – é a revista *Rosa-Cruz*, uma revista simbolista publicada nos anos de 1901 e 1904, no Rio de Janeiro. Adotou-se como parâmetro de comparação o estudo desenvolvido por Antonio Dimas, em sua dissertação de mestrado a fim de instrumentalizar o cotejamento entre as duas metodologias. Desenvolveu-se também a discussão de conceitos chave, tais como Arquivo, Periódico, Indexação, Invenção / Inventário, Descrição, fundamentais para a proposta de análise da revista a partir das diferentes metodologias abordadas.

Palavras-chave: Revista Rosa-Cruz; Poéticas Contemporâneas; IEB – USP; Arquivo; Invenção; Antonio Dimas.

## Abstract:

This dissertation objective a comparative study between different research methodologies or indexing of periodicals taken by the project's research journals in Brazilian Literature - coordinated by Professor Jose Aderaldo Castello, in the

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB - USP) – and the project *Poéticas Contemporâneas* - coordinated by Professor Maria Lucia de Barros Camargo, in the Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC - UFSC). The corpus admitted as evidence comparing the two methodologies - the search in case the IEB and indexing in the case of NELIC - it is Rosa-Cruz magazine, a Symbolist journal published in years 1901 and 1904, in Rio de Janeiro. It was adopted as a benchmark in the study by Antonio Dimas, in his dissertation in order to equip the comparison between the two methodologies. Has also developed a discussion of key concepts, such as Archive, Indexing, Invention / Inventory, fundamental to the analysis of the revised proposal from the different methodologies addressed.

Key-Words: Rosa-Cruz Magazine; *Poéticas Contemporâneas*; IEB – USP; Archive; Invention; Antonio Dimas.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 – Tela de apresentação do Banco de Dados – 2.0  
Periodismo literário e cultural \_\_\_\_\_ 84
- Figura 02 – Recorte da tela da Página 01, de informações  
gerais, das fichas de indexação, contendo os campos **Ordem  
de Exibição, Idioma, Entidade Coletiva, Título do Artigo,  
Subtítulo do artigo, Página, Vocabulário Controlado, Nome  
pessoal como assunto, Autores e Colaboradores e Palavras-  
Chave** \_\_\_\_\_ 89
- Figura 03 – Recorte da tela da Página 02 das fichas de  
indexação, contendo os campos **Autores Citados e  
Tradutores** \_\_\_\_\_ 91
- Figura 04 – Recorte da tela da Página 03 das fichas de  
indexação contendo os campos **Resumo e Iconografia** \_\_\_\_ 93
- Figura 05 – Recorte da tela da Pesquisa por artigo, contendo as  
abas de opções de pesquisa e os tipos de apresentação para os  
resultados \_\_\_\_\_ 98
- Figura 06 – Capa revista *Rosa-Cruz*, n.01, 1901. Apresenta  
diversas manchas e sinais de desgaste natural pelo tempo \_ 153
- Figura 07 – Cruz Pátea \_\_\_\_\_ 155
- Figura 08 – Cruz de Cristo \_\_\_\_\_ 162

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Lista Geral de Autores _____	169
Tabela 02 – Totais de grupo de leitura – ano 1901 _____	185
Tabela 03 – Totais de grupo de leitura – ano 1904 e total geral da revista <i>Rosa-Cruz</i> _____	185



## SUMÁRIO

<b>0.</b>	<b>Por uma pequena apresentação</b>	<b>12</b>
<b>1.</b>	<b>IEB – NELIC: Projetos e Históricos</b>	<b>24</b>
<b>1.1</b>	<b>Instituto de Estudos Brasileiros – IEB e o projeto <i>A pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira</i></b>	<b>24</b>
<b>1.2</b>	<b>Outros centros, outras leituras</b>	<b>43</b>
<b>1.3</b>	<b>O projeto <i>Poéticas Contemporâneas</i> e o Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC</b>	<b>50</b>
<b>2.</b>	<b>Arquivando conceitos: metodologias em revista</b>	<b>62</b>
<b>2.1</b>	<b>Revisitando o projeto do IEB: metodologia e roteiro de pesquisa</b>	<b>63</b>
<b>2.2</b>	<b>O projeto <i>Poéticas Contemporâneas</i> e sua base de dados – metodologia de indexação</b>	<b>82</b>
<b>2.3</b>	<b><i>Inventando</i> noções de arquivo</b>	<b>99</b>
	<b>Uma pausa: descrever o inventário e o <i>objeto</i></b>	<b>110</b>
<b>2.3.1</b>	<b>Um arquivo de periódicos <i>inventado</i></b>	<b>122</b>
<b>2.3.2</b>	<b>Formações, Instituições e Tradição: manobrar diferentes usos para / no arquivo</b>	<b>130</b>

<b>3.</b>	<b>Exumando rosas – procurando (por) símbolos</b>	<b>__ 138</b>
<b>3.1</b>	<b>A revista <i>Rosa-Cruz</i> e seu entorno</b>	<b>_____ 145</b>
<b>3.2</b>	<b>Observando pétalas</b>	<b>_____ 152</b>
<b>3.3</b>	<b>O cão e seus frascos – ou ainda, da maceração de pétalas, perfume</b>	<b>_____ 164</b>
<b>4.</b>	<b>Emanação de cruces – desdobramentos</b>	<b>_____ 208</b>
<b>5.</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>_____ 214</b>
<b>6.</b>	<b>Anexos</b>	<b>_____ 230</b>

Se queres penetrar intimamente na alma de uma cidade, evita-lhe os homens importantes, e pergunta a qualquer transeunte de suas ruas: “quais os desconhecidos mais interessantes deste lugar?”

Aníbal Machado, *Cadernos de João*

## 0. Por uma pequena apresentação

Esta dissertação de mestrado em literatura apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina tem por objetivo geral um estudo comparativo das diferentes metodologias de pesquisa ou indexação de periódicos adotados pelo projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira*, coordenado pelo professor José Aderaldo Castello dentro do Instituto de Estudos Brasileiros, o IEB, da Universidade de São Paulo, e pelo projeto *Poéticas Contemporâneas*, coordenado pela professora Maria Lucia de Barros Camargo, desenvolvido no Núcleo de Estudos Literários e Culturais, o NELIC, da Universidade Federal de Santa Catarina.

A fim de *instrumentalizar* a proposta de um estudo comparativo entre as diferentes metodologias, a de pesquisa no caso do IEB e a de indexação no caso do NELIC, adotamos, como elemento aglutinador, a Revista *Rosa-Cruz*, uma revista simbolista publicada nos anos de 1901 e 1904, no Rio de Janeiro, sob direção de Saturnino de Meirelles. Essa escolha justifica-se por conta do estudo de Antonio Dimas, publicado no livro *Rosa-Cruz*<sup>1</sup>, desenvolvido como dissertação de

---

<sup>1</sup> DIMAS, Antonio. *Rosa-Cruz: Contribuição ao estudo do Simbolismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1980.

mestrado dentro do projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira*, sob orientação do próprio Aderaldo Castello, escolhido aqui como um "exemplo" de pesquisa através do roteiro do projeto do IEB. Assim, realizamos a indexação da revista através da metodologia de indexação do projeto *Poéticas Contemporâneas* e estabelecemos elementos suficientes para o estudo comparativo entre as diferentes metodologias de cada projeto. Vinculado ao projeto *Poéticas Contemporâneas*, esse trabalho visa, portanto, discutir a própria metodologia do projeto ao contrapô-la ao roteiro de pesquisa do projeto do IEB.

Antes de iniciarmos o trabalho, é preciso assumir algumas posições e defender algumas escolhas. A primeira delas é a ligação entre o presente trabalho e o projeto desenvolvido no NELIC. Isso porque o projeto *Poéticas Contemporâneas* visa ao estudo de periódicos literários e / ou culturais a partir da segunda metade do século XX. O que causa o primeiro estranhamento nessa dissertação é, portanto, a discrepância entre as datas, os escopos, uma vez que o *Poéticas* tem seu enfoque em periódicos publicados a partir da segunda metade do século XX e a revista *Rosa-Cruz* data do início do século XX.

Tal opção se justifica, de um lado, por propiciar a necessária reflexão acerca da metodologia de estudos sobre

periódicos a que essa dissertação se propõe e, por outro lado, pela possibilidade de levantar dados de pesquisa que permitam futuras análises acerca das sobrevivências ou dos vestígios da revista *Rosa-Cruz nas poéticas contemporâneas*. Como um dos objetivos desse trabalho é desenvolver uma reflexão sobre conceitos fundamentais no estudo de periódicos, tais como *Revista, Periódico, Arquivo, Metodologia, Indexação* etc., associados às novas perspectivas teóricas acerca das histórias das artes, isto é, da literatura, o anacronismo<sup>2</sup> que liga o presente trabalho ao projeto *Poéticas Contemporâneas* se justifica, se torna pertinente.

Maria Lucia de Barros Camargo, ao descrever o projeto que coordena, lembra que

é no campo das publicações periódicas dedicadas à literatura e à cultura – em que se incluem revistas literárias propriamente ditas (sejam elas tradicionais, consagradas ou marginais), revistas culturais (acadêmicas ou não) e suplementos de jornais – que os debates substanciais da literatura e da cultura emergem, participando da construção de um dado ambiente cultural e evidenciando problemáticas constantes num período, bem como suas transformações. Tais periódicos constituem um espaço privilegiado de circulação e de intersecção de discursos altamente significativos para o estudo não apenas da literatura, mas também da história da cultura e de suas ideias num dado contexto, sem que isso

---

<sup>2</sup> Por anacronismo adotados as concepções apresentadas por Georges Didi-Huberman para quem o anacronismo "es necesario, el anacronismo es fecundo, cuando el pasado se muestra insuficiente, y constituye incluso, un obstáculo para la comprensión de sí mismo". In: *Ante el tiempo*. 2008, p. 42.

signifique um tratamento meramente instrumental dos periódicos em questão. Partindo desses pressupostos gerais e considerando a necessidade de ampliar e aprofundar os estudos sobre as mudanças ocorridas e sobre os rumos tomados pela literatura e, de modo mais amplo, pela cultura no Brasil da segunda metade do século XX, tempos de fortes mudanças políticas e econômicas e da consolidação da indústria cultural e da cultura de massas, é que este projeto se desenvolve. E até mesmo um simples olhar para os periódicos culturais e literários que se publicaram no Brasil nas últimas décadas do século XX pode constatar fortes mudanças, sintomas evidentes de que este estudo se justifica e se impõe. Assim, o projeto *Poéticas Contemporâneas IV*, com apoio do CNPq, vem dando continuidade ao trabalho de: a) mapear periódicos culturais e literários que circulam ou circularam no Brasil a partir da década de 50, montando um amplo banco de dados informatizado a partir da indexação de todas as matérias de cada número dos periódicos tratados; b) estudar a produção literária e cultural contemporânea através da análise destes periódicos, procurando detectar linhagens críticas e poéticas, releituras da tradição literária, construção e desconstrução de cânones.<sup>3</sup>

Assim, esse trabalho se vincula ao projeto *Poéticas Contemporâneas* de diversas maneiras. Primeiro por sua proposta de trabalho metodológico de indexação de periódicos; segundo, através de seu objetivo de estudos da produção literária e cultural através de periódicos; terceiro, na observada necessidade de discutir conceitos fundamentais para o projeto desenvolvido dentro do NELIC.

---

<sup>3</sup> Descrição do Projeto *Poéticas Contemporâneas IV*, disponível no site do NELIC, [www.nelic.ufsc.br](http://www.nelic.ufsc.br).

É importante ressaltar e justificar que minha proposta inicial de trabalho, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, tinha por objeto a produção do poeta Régis Bonvicino, editor da revista Sibila, com um enfoque mais centrado em três de seus livros de poemas: *Página Órfã*, *Céu-Eclipse* e *Ossos de Borboletas*, em continuação às pesquisas desenvolvidas em meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2009<sup>4</sup>.

A radical mudança da pesquisa se deu a partir do contato com o livro de Antonio Dimas, através dos seminários de leitura de bibliografia sobre estudos de periódicos no Brasil, realizados no NELIC. Coube-me, em um desses seminários, a tarefa de ler e “fichar” o livro de Dimas. Essa leitura despertou afinidades e interesses bastante intensos e como estava no final do primeiro semestre de curso, entrevi a possibilidade de mudar os planos de trabalho. Assim, o fichamento estendeu-se a ponto de se tornar essa dissertação de mestrado.

Após longos debates com minha orientadora, chegamos ao consenso a favor da mudança de projeto, com mudança inclusive na área de pesquisa adotada – de *Teoria da Literatura* passei a “frequentar” a *Literatura Brasileira*. Contemplado

---

<sup>4</sup> PETRY, Fernando Floriani. Ossos de Borboleta sob um céu-e(c)clipse: Nas dobras sem órgãos da coleção de panapaná em Régis Bonvicino. In: **Revista Via Litterae**. v. 2, n. 02, Anápolis, Goiás, 2010.



com uma bolsa de mestrado pelo CNPq, a mudança de projeto justificou-se, mais uma vez, pela maior possibilidade de desdobramentos das pesquisas desenvolvidas, assim como pela observada necessidade de revis(i)tar um estudo sobre periodismo desenvolvido na década de 1970, publicado em 1980, no pioneiro, nessa área, projeto do IEB.

Adotamos, portanto, a mudança de projeto de pesquisa a favor da revista *Rosa-Cruz* a fim de perseguir uma continuidade e maior pertinência, em vez de insistir na pesquisa acerca do poeta paulista. Ou seja, preferi iniciar um percurso a ser continuado na formação do doutorado a repetir à exaustão os passos iniciados na graduação. Preferi iniciar um percurso que me possibilitasse uma maior abertura e um vínculo ainda mais intenso com o projeto *Poéticas Contemporâneas*.

Esta dissertação estrutura-se, portanto, de diversas formas. Mais que um trabalho pronto, os debates aqui desenvolvidos se prolongarão em meus futuros estudos, dando a esse trabalho um aspecto inconcluso, mas não insuficiente. Inconcluso porque as pesquisas aqui apresentadas não se encerram em um dado final, mas não insuficiente por entendermos que a pesquisa em e sobre arquivo é tal qual o próprio arquivo: abertura. Inconcluso porque não chega a uma

conclusão final, um fechamento. Não insuficiente porque acreditamos ser profícuo o movimento aqui realizado, afinal, essa é justamente a proposta: compreender como o arquivo é atravessado e nos atravessa ao mesmo tempo.

Portanto, esse trabalho enquanto um estudo das *funções* de arquivo, metodologias de pesquisa, conceituações acerca do periodismo adota a revista *Rosa-Cruz* como um parâmetro de pesquisa por ter sido estudada por Antonio Dimas, de acordo com o roteiro de pesquisa em periódicos do IEB, abrindo-se, portanto, a possibilidade de comparação metodológica. Optamos pela revista *Rosa-Cruz*, em detrimento dos outros periódicos estudados pelo projeto do IEB por ser a revista o único periódico não modernista – ou melhor, anterior ao modernismo – de poesia dentre os pesquisados pelo projeto, possibilitando, assim, uma ligação para com o projeto *Poéticas Contemporâneas*, mais especificadamente para com o subprojeto *Poesia em Revista*, por seus possíveis desdobramentos e sobrevivências na poética contemporânea. Já enquanto uma dissertação de mestrado do projeto *Poéticas Contemporâneas*, esse trabalho apresenta-se também como um estudo da revista *Rosa-Cruz*, seus desdobramentos e suas possibilidades de leitura.

Assim, esse trabalho abre-se em mais de um caminho. Um primeiro caminho pode ser apontado na adoção da revista

como um elemento motivador para o estudo comparativo entre as diferentes metodologias de pesquisa e de indexação do IEB e do NELIC. Um segundo caminho centra-se no estudo da revista *em si*, uma análise dos textos, dos textos, da indexação, a fim, justamente, de instrumentalizar o estudo comparativo do primeiro caminho. Um terceiro caminho antevê-se nas diversas possibilidades de desdobramentos dos estudos acerca da revista *Rosa-Cruz* embora não sejam o foco central dessa dissertação. Esse trabalho caracteriza-se, enfim, como um trabalho de abertura por propor discussões que não se encerram aqui, procurando nelas próprias as suas validades e desdobramentos possíveis.

Vale destacar que a metodologia do projeto de Castello é um roteiro de pesquisa, o qual visa não só ao estudo do periódico, mas também cria um método para a própria dissertação ou tese a ser desenvolvida. Já a metodologia do projeto *Poéticas* é de indexação de periódicos: apenas uma estratégia de entrada no arquivo, um método de levantar e organizar dados acerca dos periódicos estudados, uma etapa necessária e inicial para o projeto de pesquisa em periódicos, que vai muito além de somente indexar. O estudo da revista *Rosa-Cruz* faz-se fundamental por poder ser ele um elemento aglutinador, um elemento comparativo entre as duas metodologias.

Antes de iniciarmos o trabalho propriamente dito, é preciso estabelecer algumas compreensões metodológicas e, por assim dizer, burocráticas. A primeira delas é a nomenclatura adotada. Por ter o estudo de Antonio Dimas como referência principal, utilizarei as nomenclaturas “revista *Rosa-Cruz*” ao me referir à revista publicada em 1901 e 1904, na cidade do Rio de Janeiro, por Saturnino de Meirelles; e “livro *Rosa-Cruz*” ao me referir ao livro de Dimas, resultado de sua dissertação de mestrado defendida em 1970, publicado em 1980, pela Edusp.

É importante notar também que o projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira* recebe aqui o nome de projeto. Adotamos a nomenclatura de projeto por dois motivos: primeiro para separar o trabalho desenvolvido por Aderaldo Castello para com os periódicos dentro do IEB, uma vez que o instituto é responsável por diversas outras pesquisas, algumas inclusive também com periódicos, como é o caso de trabalhos orientados pela professora Telê Porto Ancona Lopes. E segundo para estabelecer uma noção hierárquica. O projeto de Castello é uma parte do IEB. Os mesmos argumentos podemos encontrar ao falarmos do NELIC e o projeto *Poéticas Contemporâneas*. O projeto *Poéticas* é um projeto dentro do Núcleo, o qual conta com diversos outros projetos e pesquisas.

No caso do IEB, a separação é mais evidente, uma vez que o projeto encerrou-se na década de 1980 e o instituto continua em pleno funcionamento. Já no caso do NELIC, é preciso tomar o constante cuidado da separação, uma vez que o NELIC foi criado para abrigar o projeto, desdobrando-se posteriormente em outras pesquisas.

Esses avisos iniciais servem, na verdade, para alertar o leitor de que ao falar do IEB, falo especificadamente do trabalho de Aderaldo Castello; e ao falar do NELIC, falo especificadamente do projeto *Poéticas Contemporâneas*, salvo indicações.

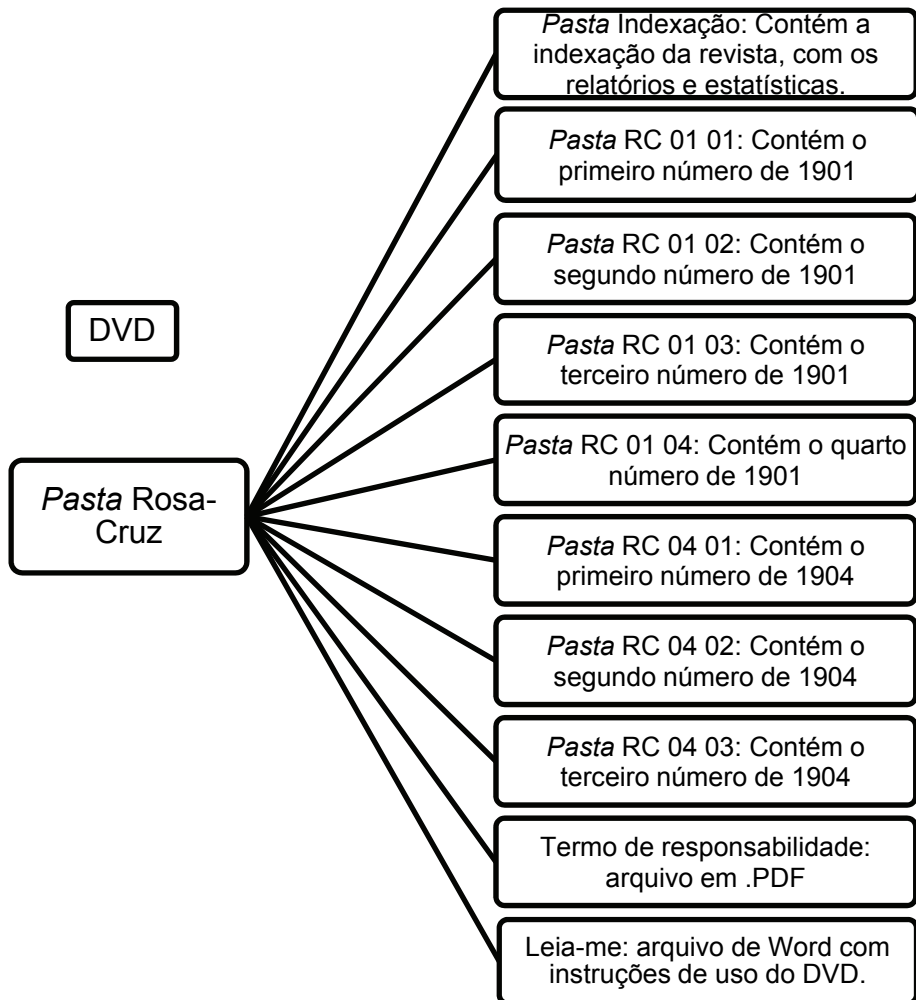
Optamos por organizar o trabalho em uma seção introdutória que apresenta um breve histórico das produções da área de estudos de periódicos, com um maior enfoque nas atividades desenvolvidas pelos dois projetos aqui estudados. O segundo movimento percorrido é o de apresentação e análise das diferentes metodologias dos projetos. Nesse capítulo apresentamos também as discussões desenvolvidas acerca das noções de arquivo, objeto, periódicos; fundamentais na análise das metodologias e da própria revista.

O terceiro movimento do presente trabalho é o de análise da revista e de como as diferentes metodologias apoiam diferentes leituras. Apresentaremos questões que a indexação da revista "nos fez" ver e que passou invisível à análise de

Dimas. O último movimento é o de abertura de outros desdobramentos possíveis na leitura e estudo da revista, bem como mais questões a serem pensadas acerca das noções de arquivo, periódicos.

Junto à dissertação apresentaremos um DVD contendo os arquivos da revista *Rosa-Cruz* digitalizada na íntegra, bem como todos os relatórios e estatísticas de indexação geradas pelo banco de dados do NELIC. A digitalização da revista foi realizada na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina a partir dos microfimes adquiridos na Fundação Biblioteca Nacional. Os arquivos digitais da revista estão organizados em pastas, divididos por ano e número. Dentro das pastas de cada um dos números da revista encontrar-se-á, em .PDF, o número completo e em .JPG as digitalizações de cada uma das páginas da revista.

Tem-se, portanto, a seguinte organização no DVD anexo:



## **1. IEB – NELIC: Projetos e Históricos**

Este capítulo procura estabelecer um histórico dos estudos de periodismo no Brasil. O levantamento aqui proposto parte do projeto de Estudos de Periódicos coordenado por José Aderaldo Castello dentro Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – da Universidade de São Paulo; discorre acerca de outros estudos importantes para a área, como o de Ana Luiza Martins, Tania de Lucca, Saúl Sosnowski; e apresenta o projeto *Poéticas Contemporâneas*, de estudos de periódicos, desenvolvido no Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC – da Universidade Federal de Santa Catarina.

### **1.1 Instituto de Estudos Brasileiros – IEB e o projeto *A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira***

Fundado em 1962, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo teve e tem por objetivo principal a pesquisa e a documentação sobre a história e a cultura do Brasil. O Instituto tem seu início na aquisição da biblioteca *Brasiliana*, do historiador paulista Yan de Almeida Prado, em 1962. O IEB,



um centro multidisciplinar de pesquisa, foi pioneiro ao integrar ao seu acervo o arquivo do escritor Mário de Andrade, em 1968, segundo Maria Cecília Cardoso em seu artigo *A memória e a pesquisa nos arquivos pessoais do IEB – USP*<sup>5</sup>.

Atualmente, a biblioteca do IEB é considerada uma das mais ricas em assuntos brasileiros, aproximando-se dos 140 mil volumes – livros, periódicos, teses, partituras, mapas e outros documentos. Contém diversos arquivos pessoais, que podem ser divididos, conforme Cardoso, em:

a) Arquivos de escritores: Afrânio Zuccolotto, Fernando Mendes de Almeida, Freitas Valle, João Guimarães Rosa, John Wilson da Costa<sup>6</sup>, Graciliano Ramos, Julieta Godoy Ladeira, Mário de Andrade, Osman Lins, Theon Spanudis, Newton Freitas, Odete Barros Mott e Valdomiro Silveira.

b) Arquivos de historiadores: Caio Prado Jr., Ernani Silva Bruno, Julita Scarano, Lidia Besouchet, José Honório Rodrigues e Raul Andrada e Silva.

---

<sup>5</sup> Artigo publicado nos anais do Seminário Internacional de Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana, realizado pelo Serviço Social do Comércio - SESC Vila Mariana, em São Paulo, 2006.

<sup>6</sup> O nome de John Wilson da Costa (1908 – 1978) não aparece na listagem organizada por Maria Cecília Cardoso, mas consta na listagem de fundos arquivísticos disponível no site do IEB: [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br), acessado em 26 de outubro de 2010.

- c) Arquivos de pintoras: Anita Malfatti e Yolanda Mohalyi.
- d) Arquivo do geógrafo: Pierre Monbeig.
- e) Arquivo do educador e sociólogo: Fernando de Azevedo.
- f) Arquivo dos músicos: Camargo Guarnieri e Francisco Mignone.
- g) Arquivo da cantora: Julieta Telles Meneses
- h) Arquivo da atriz de teatro: Lélia Abramo.
- i) Arquivo da funcionária do consulado brasileiro na Alemanha: Aracy Carvalho Guimarães Rosa.
- j) Arquivo da museóloga: Waldissa Rússio Camargo Guarnieri<sup>7</sup>.

Ainda no artigo sobre os arquivos pessoais da Biblioteca do IEB, Maria Cecília Cardoso propõe uma categorização de acordo com os usos e funções de cada um dos arquivos:

- 1) Aqueles que por seu caráter eminentemente "biográfico" oferecem subsídios a trabalhos orientados para a pesquisa da vida e obra do autor e de suas áreas de atuação profissional,

---

<sup>7</sup> Vale notar que tanto Aracy Carvalho Guimarães Rosa e Waldissa Rússio Camargo Guarnieri, apesar de estarem relacionadas como funcionária do consulado e museóloga, respectivamente, tem seus acervos no IEB por suas relações pessoais. Aracy Carvalho foi a segunda esposa do escritor Guimarães Rosa e Waldissa casou-se com o compositor e regente Camargo Guarnieri, cujos acervos também se encontram no IEB.

que geralmente são os mais frequentes. Podemos aqui incluir os arquivos de: Afrânio Zuccolotto, Anita Malfatti, Aracy Carvalho Guimarães Rosa, Camargo Guarnieri, Fernando de Azevedo, Fernando Mendes de Almeida, Freitas Valle, Francisco Mignone, Graciliano Ramos, Odete Barros Mott, Pierre Monbeig, Theon Spanudis, Waldissa Rússio.

2) Arquivos que poderíamos chamar de "monumentais" ou "conjunturais", no qual os documentos foram acumulados "segundo a lógica de uma edificação de uma imagem histórica", cuja documentação extrapola a simples participação do indivíduo no tempo isto é, este arquivo contém além de dados biográficos e relativos às atividades profissionais do titular, importantes informações para reconstituir o meio no qual evoluía o titular do arquivo, os grupos de pressão da época e seus valores tradicionais ou inovadores e que em função de suas atividades profissionais e seus interesses pessoais contém material recolhidos em trabalho de campo, através de informantes, informações de terceiros, depoimentos importantes para a preservação da memória coletiva e imaginário de uma época. Um exemplo desse tipo de arquivo é o Arquivo Mário de Andrade.

3) Arquivos mistos que reúnem documentação encontrada nos dois tipos descritos anteriormente, mas que não poderíamos classificá-lo como "biográfico" ou "monumental". O exemplo disto é o Arquivo de João Guimarães Rosa e o de Caio Prado Jr. No caso do Guimarães Rosa, a consulta à documentação de seu arquivo pessoal mostra que o material é riquíssimo em registros das mais diversas manifestações da cultura popular. Dizer que a cultura popular está lá, dentro da obra de Rosa não representa nenhuma novidade. Ela salta aos olhos até do leitor mais desavisado. Quadras, provérbios, estórias, conhecidos de todos nós se entrelaçam na trama do texto. Já existem importantes estudos dedicados à obra de Guimarães Rosa e muitos são aqueles em que a presença da cultura popular é apontada e atestada. Vários pesquisadores investigam toda sorte de documento relacionado com a arte de criar, relativos à construção do texto e os diversos estágios de produção em que têm sido utilizados os documentos da série Estudos para Obra, provavelmente a parte mais rica deste arquivo, possibilitando pesquisas variadas e inovadoras, a recuperação

das diversas etapas da construção do texto, objeto da crítica genética, assim como a recuperação do imaginário mineiro.<sup>8</sup>

Dentro dos diversos arquivos que compõem a biblioteca do IEB, a seção de Periódicos é também de grande valor, contando hoje com mais de 1900 documentos. E é justamente nesse acervo que se concentrou o projeto de estudos de periódicos, coordenado pelo professor José Aderaldo Castello – diretor do IEB de 1967 a 1981 – e, em um segundo momento, pela professora Cecília de Lara. Castello apresenta o projeto no prefácio do livro *Lanterna Verde e o Modernismo*, de Roselis Oliveira de Napoli<sup>9</sup>. Publicado pelo próprio IEB, em 1970, o estudo de Napoli acerca do periódico **Lanterna Verde**, o Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira, conta com o prefácio de Castello a fim de introduzir *A pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira* que a justifica por ser:

um dos aspectos mais importantes da investigação e da pesquisa histórica, sem mencionar os levantamentos, em arquivos e bibliotecas, de inéditos e dispersos e de éditos que exigem edições criteriosas, a partir da fixação dos textos, é o estudo da evolução das ideias críticas, atitudes e preferências que marcam e caracterizam os sucessivos movimentos literários entre nós, já não digo desde o período colonial, mas sobretudo do Romantismo para cá. Nesse caso, o campo

---

<sup>8</sup> CARDOSO, Maria Cecília. *A memória e a pesquisa nos arquivos pessoais do IEB – USP*. São Paulo, 2006.

<sup>9</sup> NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

principal a ser explorado é sem dúvida o representado pelos periódicos – revistas, jornais, tidos como expressão de “grupo literário” fechado ou aberto, nos limites ou não de sua respectiva geração. E do século XIX para cá, periódicos se contam às dezenas, sobretudo quando chegamos ao Movimento Modernista, ainda atuante nos nossos dias. Eles se impõem em dois centros principais – Rio de Janeiro e São Paulo, mas se apresentam também importantes para uma visão totalizadora dos movimentos literários em âmbito nacional em vários outros centros ditos provincianos, por toda a extensão do Brasil. E só o levantamento desses periódicos, revistas e jornais – estes entre nós quase sempre aberto às colaborações literárias – e sua devida seleção e classificação como material de pesquisa e estudo, já é trabalho amplo, preliminarmente indispensável.<sup>10</sup>

Dessa breve introdução já podemos antever uma série de conceitos a serem mais bem trabalhados, tais como o próprio conceito de periódicos, de revistas, mas também como o de “grupo”, seleção e classificação realizados pelo projeto, cuja origem, como nota Mauro Nicola Póvoas, em seu pequeno ensaio *Memória (afetiva e esparsa) dos encontros sobre periódicos*, deu-se a partir dos estudos realizados por Castello em sua tese de Doutorado, *Introdução ao Romantismo no Brasil*, da década de 1950.

Ao se debruçar sobre o período, Castello observou a importância dos periódicos para a compreensão da época e da literatura nacional, apesar de adotar a percepção de que os

---

<sup>10</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *A pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira*. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Op. Cit.* 1970, p. 06.

periódicos evoluíram de acordo com os movimentos literários, culminando no modernismo. Por trás dessa concepção há um jogo de valores e interesses que não devem passar despercebidos, uma vez que os valores adotados pelo IEB definiram e construíram todo um cânone em torno do movimento modernista paulista no Brasil. Na tese de Castello podemos encontrar um levantamento de jornais e revistas surgidos a partir da implantação da imprensa no Brasil em 1808, com a vinda de Dom João VI para o país. A profusão de periódicos elencados, somados ao grande número de periódicos presentes no Arquivo de Mário de Andrade, permitiu a Castello delinear o seu projeto de pesquisa em periódicos, desenvolvido no IEB. O projeto foi implantado e começou a render frutos logo a partir do início da década de 1970.

Cruzando as informações do artigo de Póvoas com os dados apresentados por Margaret Abdulmassih Wood da Silva, em seu artigo *O projeto de estudos de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*<sup>11</sup>, e com os dados coletados através dos currículos e orientações dos professores do IEB, foi possível organizar, a partir do título do periódico estudado, uma lista com os trabalhos resultantes das

---

<sup>11</sup> SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. *O projeto de estudo de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*. In: **Revista do IEB**, n. 21, p. 117 – 122, São Paulo, 1979.

pesquisas orientadas por Castello, pelo professor Alfredo Bosi, pela professora Cecília de Lara e pelo professor Neroaldo Pontes de Azevêdo, da Universidade Federal da Paraíba, além de um único trabalho orientado por José Carlos Garbuglio:

1. **Nova Cruzada** (Bahia: 1901 – 1911) – Cecília de Lara (1969 – 1971). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.<sup>12</sup>

2. **Lanterna Verde** (Rio de Janeiro: 1934 – 1944) – Roselis Oliveira de Napoli (1970 – 1970). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

3. **Rosa-Cruz** (Rio de Janeiro: 1901 e 1904) – Antonio Dimas (1970 – 1980). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

4. **Via Láctea** (São Paulo: 1903) – Zita Kiel (1970). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

5. **Festa** (Rio de Janeiro: 1927 – 1929 e 1934 – 1935) – Neusa Pinsard Caccese (1971). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

---

<sup>12</sup> Organizamos a listagem dos periódicos estudados no projeto do IEB da seguinte forma: **Nome do periódico** (cidade ou estado e data de publicação do periódico) – Nome do pesquisador que estudou o periódico (data de defesa do trabalho e, quando houver, a data de publicação do estudo em questão). Nome do orientador. Nível de pesquisa.

6. **Klaxon** (São Paulo: 1922 – 1923) e **Terra Roxa e Outras Terras** (São Paulo: 1926) – Cecília de Lara (1972 – 1972). Orientador: J. A. Castello. Doutorado.
7. **Kosmos** (Rio de Janeiro: 1904: 1920) – Antonio Dimas (1975 - 1983). Orientador: Alfredo Bosi. Doutorado.
8. **Revista do Brasil 2ª Fase** (São Paulo: 1926 – 1927) – Marilda Aguiar Balieiro Ikeda (1975). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.
9. **O mundo literário** (Rio de Janeiro: 1922 – 1923) – Eneida Maria Chaves (1977). Orientadora Cecília de Lara. Mestrado.
10. **Minerva Brasiliense** (Rio de Janeiro: 1843 – 1845) e **Guanabara** (Rio de Janeiro: 1849 – 1857) – Hélio Lopes (1978). Orientado por Alfredo Bosi. Doutorado.
11. **Arco & Flecha** (Salvador: 1928 – 1929) – Ivira Iracema Duarte Alves (1978 - 1978). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.
12. **Movimento Brasileiro** (Rio de Janeiro: 1929 – 1930)– Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura (1978 - 1978). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.
13. **Estética** (Rio de Janeiro: 1924 – 1925) – Maria Célia de Moraes Leonel (1979 - 1984). Orientadora: Cecília de Lara. Mestrado.



14. **Revista de Antropofagia** (São Paulo: 1928 – 1929) – Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura (1979). Orientador: J. A. Castello. Doutorado.

15. **Revista Nova** (São Paulo: 1931 – 1932) – Glória Aparecida Rodrigues Kreinz (1979). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

16. **Novidade** (Maceió: 1931) – Arriete Vilela Costa (1979). Orientador: Neroaldo Pontes de Azevêdo. Mestrado.

17. **Cadernos da Hora Presente** (São Paulo: 1939 – 1940) – Iracema Eiko Karazawa Nishikawa (1979). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

18. **Clima** (São Paulo: 1941 – 1943) – Maria Neuma Barreto Cavalcante (1979). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

19. **Revista Brasileira de Poesia** (São Paulo: 1947 – 1960) – Maria Marcelita Pereira Alves (1979). Orientador: J. A. Castello. Mestrado.

20. **Revistas Simbolistas** – Cassiana Lacerda Carollo (1980). Orientador: J. A. Castello. Doutorado.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> O trabalho de Cassiana Lacerda Carollo foi organizado e publicado em livro, intitulado *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1980. No segundo capítulo dessa dissertação apresentaremos mais detalhes sobre o trabalho de Carollo.

21. **Revista da Sociedade Filomática** (São Paulo: 1833) e **Niterói** (Paris: 1836) – José Nery de Gouvêa (1980). Orientador: José Carlos Garbuglio. Mestrado.
22. **Revista Brasileira 3ª fase** (Rio de Janeiro: 1879 – 1881) – José Cavalcanti de Sousa (1980). Orientador: José Aderaldo Castello. Doutorado.
23. **Era Nova** (João Pessoa: 1921 – 1922) – Laélia Maria Rodrigues da Silva (1980). Orientador: Neroaldo Pontes de Azevêdo. Mestrado.
24. **Revista do Brasil 1ª fase** (São Paulo: 1916 – 1925) – Marta Livia Volpe Orlov (1981). Orientador: Cecília de Lara. Mestrado.
25. **Verde** (Cataguazes: 1928 – 1929) – Kátia Bueno Romanelli (1981). Orientadora Cecília de Lara. Mestrado.
26. **Novíssima** (São Paulo: 1923 – 1925) – Maria Lúcia Fernandes Guelfi (1982). Orientadora: Cecília de Lara. Mestrado.
27. **A semana** (Rio de Janeiro: 1885 – 1887 e 1893 – 1895) – Carolina Maia Gouvêa (1983) Orientadora: Cecília de Lara. Doutorado.
28. **Periódicos Pernambucanos** (1920 – 1930) – Neroaldo Pontes de Azevêdo (1984). Orientador: J. A. Castello. Doutorado.

29. **A revista** (Belo Horizonte: 1925 – 1926) – Margaret Abduimassih Wood da Silva (1985). Orientadora: Cecília de Lara. Mestrado.

30. **Diário de Minas** (Belo Horizonte: 1899 – 1931) – Maria Zilda Ferreira Cury (1986). Orientadora: Cecília de Lara. Doutorado.

Além dos trinta trabalhos acima listados, o levantamento de Margaret Silva faz referência a outras duas dissertações e uma tese em andamento – à época, 1979. Ambas as dissertações eram orientadas por Cecília de Lara e estão marcadas por Silva como em andamento. A primeira das dissertações é a de Marco Antonio Castelli, acerca do **Jornal do Comércio 1917 – 1929**. O trabalho de Castelli não foi concluído, tendo ele realizado seu mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da professora Zahidé Muzzart e de Celestino Sachet, sobre a revista **Terra**<sup>14</sup>. A segunda dissertação é a de Lúcia Maria Cossermelli de Oliveira Rocha, acerca da **Revista do Brasil 1ª fase**, também não concluída.

---

<sup>14</sup> Publicada entre os anos de 1920 e 1921, em Florianópolis, Santa Catarina.

A tese apontada é a de Ivia Iracema Duarte Alves<sup>15</sup>, sobre jornais e revistas da Bahia, orientada por Castello. Ivia defendeu seu mestrado sobre a revista **Arco & Flexa**, com o mesmo orientador. A pesquisadora não concluiu seu doutorado, tendo conquistado o título somente em 1995, sob orientação de Antonio Dimas, sobre a trajetória intelectual de Eugênio Gomes.

Além de todos esses estudos apontados, é importante lembrar o trabalho de Raul Antelo, *Literatura em Revista*, realizado também no IEB, sob orientação de Tele Porto Ancona Lopes. No entanto, o trabalho de Antelo não partilha da mesma metodologia e nem se aproxima em teoria ou em proposta dos estudos do projeto de Castello. Em seu livro, resultado de sua tese de doutoramento, Antelo atravessa três periódicos que circularam durante o Estado Novo brasileiro. Debruçando-se sobre esses periódicos, o autor procura mapear as relações entre os modernistas e outros intelectuais do momento, e de alinhamentos políticos diversos, porém, complementares. O primeiro periódico é **Cultura Política**, publicado de março de 1941 a outubro de 1945, sob a direção de Almir de Andrade. A revista está vinculada ao Departamento de Imprensa e Propaganda da Era Vargas. O

---

<sup>15</sup> Em seu levantamento, Silva grafa o nome de Ivia indevidamente, como Invia. Apresento-o corrigido.

enfoque de Antelo nesse periódico se dá nas crônicas de Graciliano Ramos e Marques Rebelo. O segundo abordado pelo autor é a **Revista Acadêmica**, publicada de 1933 a 1948, sob direção de Murilo Miranda. O terceiro é **Literatura**, de 1946 a 1946, dirigida por Astrojildo Pereira. Antelo ainda nos brinda com um vasto material documental, como entrevistas e levantamentos completos sobre o arquivo estudado.

Caberia mencionar diversos trabalhos posteriores ao de Antelo, como o de Marilena Weinhardt, por exemplo. Porém, optamos por não nos alongarmos por demais em uma introdução.

Agora, através da listagem de periódicos estudados dentro do projeto do IEB, podemos notar que esses se concentram em torno da primeira metade do século XX, principalmente em periódicos modernistas, com uma predominância grande de revistas, em detrimento de jornais. O que nos permite ler a postura do projeto do Instituto em selecionar e classificar revistas modernistas de grupo, como por exemplo, as já canônicas<sup>16</sup> **Klaxon, Estética, Revista de Antropofagia, Terra Roxa e outras terras** dentre outras.

---

<sup>16</sup> Vale destacar que o processo de canonização dessas revistas deu-se em grande medida pelo trabalho do IEB.

Algumas dessas revistas chegaram a ser reeditadas, em fac-símile:

1) **Estética** – Apresentação de Pedro Dantas – pseudônimo de Prudente de Moraes Neto –, Rio de Janeiro, Gernasa – Prolivro, 1974.

2) **Revista de Antropofagia** – Introdução de Augusto de Campos. São Paulo, Metal Leve S. A., 1975.

3) **Klaxon** – Introdução de Mário da Silva Brito. São Paulo, Martins – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

4) **Revista da Sociedade Philomathica** – Introdução de Antonio Soares Amora. São Paulo, Metal Leve S. A., 1977.

5) **Terra Roxa e outras terras** – Introdução de Cecília de Lara. São Paulo, Martins – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

6) **A Revista** – Introdução de Pedro Nava e estudos de Cecília de Lara e Plínio Doyle. São Paulo, Metal Leve S. A., 1978.

7) **Arco & Flecha** – Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

8) **Verde** – Introdução de Guilherme César e Estudos de Cecília de Lara e Plínio Doyle. São Paulo, Metal Leve S. A., 1978.

Das oito reedições listadas, quatro foram publicadas com apoio da Metal Leve S. A., empresa da qual José Mindlin, maior bibliófilo brasileiro, era sócio fundador. O acervo de Mindlin foi doado à Universidade de São Paulo e será integrado ao do IEB, na Biblioteca Brasileira, mais uma demonstração da proximidade entre Mindlin e o Instituto. Já as outras quatro reedições foram patrocinadas por setores do Governo, tanto a Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, como a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Em rápida (re)vista, já podemos notar que o enfoque principal do projeto do IEB se dá nas revistas modernistas, principalmente nas paulistas. Tania Regina de Lucca, historiadora, professora da UNESP, de Assis, em sua fala *A construção do ideal modernista: o lugar das revistas*<sup>17</sup>, bem observa que mesmo as revistas que não pertencem ao “cânone” das revistas modernistas paulistas, não deixam de estar a ele ligadas, como é o caso da revista **Festa**. **Festa** é uma revista

---

<sup>17</sup> Realizada no III Colóquio de História e Arte – Movimentos artísticos e correntes intelectuais, organizado pelo Laboratório de História e Arte da UFSC, nos dias 23 a 25 de junho de 2010.

simbolista / modernista, publicada no Rio de Janeiro, em duas fases, uma de 1927 a 1928, e de 1934 a 1935. Teve como diretores Tasso da Silveira e Andrade Muricy, e tentava propor um outro modernismo, revalorizando a linha espiritualista de tradição católica. É uma revista carioca e modernista, mas de um modernismo diferente do paulista. O que a liga ao IEB, às revistas modernistas paulistas selecionadas pelo IEB, é a polêmica na qual **Festa** se envolve com Mário de Andrade, publicando acusações ao escritor e suas próprias réplicas, como Neusa Pinsard Caccese tão bem demonstra em seu estudo<sup>18</sup>.

Assim, das 30 revistas anteriormente elencadas, 11 são paulistas, o que corresponde a aproximadamente 40%; 22 foram publicadas no período modernista, nas décadas de 1920 e 1930, aproximadamente 74%; e 17 são oficialmente definidas como modernistas, aproximadamente 57%. Nota-se que os cinco primeiros trabalhos desenvolvidos no IEB não tratam de revistas paulistas, sendo apenas uma modernista. A partir de 1972, com a tese – a primeira orientada por Castello, dentro do projeto – sobre **Klaxon e Terra Roxa e outras terras**, de Cecília de Lara – a mesma professora que dá continuidade ao projeto – o enfoque passa a se centrar nas revistas modernistas paulistas.

---

<sup>18</sup> CACCSE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971.



Observa-se, então, um forte apelo, por parte do projeto, em centrar seus estudos em periódicos modernistas paulistas, em detrimento dos demais periódicos, de outras épocas, cidades, grupos ou escolas literárias. Porém, em outra mão, a presença marcante de periódicos modernistas paulistas talvez tenha sido não só uma opção consciente e sim uma força, uma imposição de arquivo, uma vez que a biblioteca do IEB era baseada na coleção Mario de Andrade, como bem aponta Margaret Silva:

Em 1950, ao fazer seu trabalho de Doutorado: *Introdução do Romantismo no Brasil*, o Prof. José Aderaldo Castello, estudando o Romantismo, assinalou a importância de uma sequência de revistas como pano de fundo para a compreensão de um dado movimento literário. A partir daí, empenhou-se em fazer o levantamento dos periódicos surgidos desde a implantação da tipografia no Brasil, com a Imprensa Régia.

Em virtude do grande número de periódicos (revistas e jornais) da Coleção Mário de Andrade e de outros acervos do Instituto de Estudos Brasileiros – notadamente os do período do Modernismo – foi possível a realização de um amplo projeto de estudos desses periódicos.

[...] Esse projeto [...] vem contribuindo para formar uma nítida consciência crítica para com os fatos de nossa literatura, possibilitando a visão profunda de um dos movimentos literários mais comentados de nossas letras: o *Modernismo*. A lista de trabalhos é mais fértil nesse terreno, por isso, pode-se assegurar que, a médio prazo, será possível a elaboração de uma história do movimento modernista brasileiro feita a partir de elementos concretos, com novos dados extraídos de fontes primárias – no caso, os periódicos.

Não é outro o objetivo maior da semente plantada há poucos anos.<sup>19</sup>

Assim, a leitura da “função” IEB na história dos estudos de periódicos no Brasil, com ênfase nos periódicos modernistas paulistas desdobra-se, aqui, em dois possíveis sentidos, a saber: a) uma opção consciente, uma política de valorização e recuperação de periódicos ligados ao movimento paulista, apoiado por José Mindlin, em detrimento de outros movimentos e centros literários; ou b) uma força de arquivo que direcionou os trabalhos do IEB aos periódicos modernistas paulistas em função da Coleção Mario de Andrade, a qual possuía um direcionamento para tais periódicos.<sup>20</sup> Uma postura não invalida nem se sobrepõe a outra, as duas se imbricam e se confundem na tentativa de mapeamento das políticas do IEB. O objetivo concreto do projeto de Castello era elaborar uma história do movimento modernista brasileiro – e é aqui onde paulista se confunde com o nacional – a partir dos periódicos.

---

<sup>19</sup> SILVA, Margaret A. Wood da. *Op. Cit.* p. 117. Grifos da autora.

<sup>20</sup> Não me cabe aqui apontar que o projeto privilegia uma específica leitura de periódicos modernistas paulistas, como o fez Tania de Lucca, na sua apresentação (ver nota 17); nem defender Castello de ter realizado essa leitura por uma força de arquivo ou tomar outros posicionamentos. Gostaria, somente, de notar que há diferentes leituras possíveis para as escolhas do projeto do IEB, ainda que essas escolhas tenham acarretado uma leitura que privilegie o modernismo paulista. Aponto também que, independente de possíveis críticas, negar a fundamental importância do Instituto na historiografia dos estudos de periódicos no Brasil é negar os próprios estudos.

Destaca-se, ainda, que a revista *Rosa-Cruz*, objeto de pesquisa de mestrado de Antonio Dimas – um dos poucos periódicos que foge à regra "modernismo paulista" – não está presente no acervo de Mario de Andrade; Dimas a reuniu a partir de acervos particulares não identificados pelo autor, o que reforça ainda mais a leitura de ser também um sintoma de arquivo a preferência pelos periódicos modernistas paulistas.

## 1.2 Outros centros, outras leituras

Poderíamos, ainda, elencar diversos outros estudos que ampliam o interesse em periódicos, e não somente os literários, como, por exemplo, os trabalhos de Athos Damasceno Ferreira, Nelson Werneck Sodré, Hélio Vianna ou Plínio Doyle. O trabalho de Doyle frente à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, construiu um acervo de periódicos extremamente rico e volumoso, depositado na própria fundação, conforme atesta o *Catálogo de Periódicos da Coleção Plínio Doyle*. É na coleção de Doyle que a revista *Rosa-Cruz* está atualmente depositada. Vale notar que Doyle publicou uma série de textos intitulados *História de Revistas e Jornais Literários* na **Revista do Livro**, periódico do Instituto Nacional do Livro, órgão criado por Getúlio Vargas em 1937 e

extinto somente pelo governo Collor, em 1990. A série de Doyle foi reunida em livro, publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, sob o mesmo título.

A partir do projeto do IEB, nas décadas de 1970 – 80, a área de estudos em periódicos no Brasil ampliou-se consideravelmente. Inúmeros trabalhos, monografias, ensaios, textos, dissertações e teses podem ser localizados no horizonte das áreas de Letras, História, Comunicação Social. Em seu já citado artigo, Póvoas elenca algumas dessas pesquisas, não sem antes alertar que

é impossível enumerar todos aqueles que não deixa(ra)m esmorecer a pesquisa em jornais e revistas, em sua maioria professores universitários, pertencentes às mais diversas unidades da federação. Todavia, mesmo sabendo que vou cometer esquecimentos injustos, corro o risco calculado, e lembro, a seguir, vários nomes, priorizando doutores que trabalharam diretamente com periódicos em suas teses, que publicaram volumes importantes sobre o assunto ou que orientaram vários alunos no setor: Adeíto Manoel Pinho, Alexandra Santos Pinheiro, Álvaro Santos Simões Junior, Ana Luiza Martins, Antonio Hohlfeldt, Artur Emilio Alarcon Vaz, Benedita de Cássia Lima Sant'Anna, Benedito Veiga, Carlos Alexandre Baumgarten, Carlos Augusto de Melo, Carlos Eduardo Schmidt Capela, Diléa Zanotto Manfio, Francisco das Neves Alves, Isabel Lustosa, Jaqueline Rosa da Cunha, Kátia Aily Franco de Camargo, Luciana Brito, Luiz Roberto Velloso Cairo, Margareth Brandini Park, Maria da Conceição Pinheiro Araújo, Maria Eulália Ramicelli, Maria Eunice Moreira, Maria Lucia de Barros Camargo, Maria Zilda Ferreira Cury, Marilene Weinhardt, Marlyse Meyer, Patrícia

Kátia da Costa Pina, Raquel dos Santos Madanêlo Souza, Raúl Antelo, Sílvia Maria Azevedo, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, Tania Regina de Luca, Regina Zilberman, Vera Casa Nova, Yasmin Jamil Nadaf.<sup>21</sup>

Além do projeto *Poéticas Contemporâneas*, coordenado por Maria Lucia de Barros Camargo, implementado em 1996, atualmente na sua quinta “edição” – sobre o qual discorreremos mais adiante –, podemos apontar o projeto de pesquisa *Memória e Literatura nos Periódicos Brasileiros: Do romantismo à Contemporaneidade*, que vigorou entre 2000 e 2003 sob a coordenação de Maria Eunice Moreira (PUC-RS), Luiz Roberto Velloso Cairo (UNESP – Assis) e Ivia Iracema Duarte Alves (UFBA), essa última oriunda do projeto do IEB.

Desse movimento em torno dos periódicos, tivemos quatro eventos científicos na última década, que reuniram os pesquisadores da área. O primeiro deles, organizado pela professora Ivia Iracema Duarte Alves, da Universidade Federal da Bahia, recebeu o título *I Jornada de Periódicos Literários: Tecendo Laços* e foi realizado nas dependências da UFBA, em 16 e 17 de novembro de 2000.

---

<sup>21</sup> PÓVOAS, Mauro Nicola. *Memória (afetiva e esparsa) dos encontros sobre periódicos*. IV Enapel, 2010. Cabe notar que dentre os esquecimentos injustos cometidos por Póvoas está a dissertação de Ademir Demarchi e de Ana Cecília Olmos, além dos trabalhos de Susana Scramim e o livro de Bernardo Kucinski, acerca da imprensa alternativa do jornal *Opinião* e do *Pasquim*.

*A II Jornada de Periódicos Brasileiros: Tecendo outros Laços* foi organizada pelo professor Luiz Roberto Cairo, da Universidade Estadual Paulista, nos dias 05 a 07 de novembro de 2001. A abertura do evento coube ao professor João Alexandre Barbosa, da Universidade de São Paulo.

Em 20 e 21 de agosto de 2002, a professora Maria Eunice Moreira organizou, na PUC – RS, o *1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*, o ENAPEL cuja palestra de abertura coube a Antonio Dimas. O segundo encontro foi realizado nos dias 05 e 06 de setembro de 2006, novamente na PUC – RS. O terceiro encontro, já tornado bianual, ocorreu em 2008, nos dias 10 e 11 de novembro, na FURG, Rio Grande. Esse terceiro encontro celebrou três datas importantes para a literatura brasileira: os 200 anos da implantação da imprensa no Brasil, os 100 anos da morte de Machado de Assis e os também 100 anos da morte de Guilhermino Cesar. E, por fim, o quarto encontro ocorreu na Universidade Estadual de Feira de Santana, nos dias 15 a 17 de setembro de 2010, sob a organização do professor Adeíto Manoel Pinho. Esses trabalhos podem ser lidos como partidário do projeto de Castello.

Além dos trabalhos citados, há o encontro organizado por Tânia Carvalhal, nos dias 26 a 28 de junho de 1996. O Colóquio Internacional "O Periodismo Cultural no Cone Sul"

reuniu pesquisadores sobre o tema, jornalistas, estudantes de Letras e de Ciências da Comunicação e foi organizado pelo Instituto Estadual do Livro. O encontro foi sediado pelo museu Hipólito José da Costa, mantenedor de um dos melhores acervos de periódicos do estado do Rio Grande do Sul. Os textos resultantes do colóquio foram reunidos no segundo número da revista *Continente Sul Sur*, de novembro de 1996, com contribuições de Tania Franco Carvalhal, José Castello, Luz Rodríguez-Carranza, Antonio Dimas, Noé Jitrik, Maria Lucia de Barros Camargo, Gilda Neves Bittencourt, dentre outros. Esse segundo número da revista tornou-se uma importante referência no estudo de periódicos no Brasil.

Outra revista que dedicou um número inteiro aos estudos de periódicos recentemente é a revista *Iberoamericana*, organizada por Roxana Patiño e Jorge Schwartz. Dentre as colaborações, encontramos textos de Pablo Rocca, Jorge Aguilar, Miguel Sanches Neto, Maria Lucia de Barros Camargo, Jorge Wolff, Ana Cecília Olmos, Luz Rodríguez-Carranza; além de resenhas como a de Isabel Lustosa sobre o livro de Ana Luiza Martins, *Revistas em Revista*; ou a de Adriana Kanzepolsky, sobre *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*, organizado por Saúl Sosnowski. Esse último também é fruto de um evento, realizado em Buenos Aires.

É também digno de nota o evento organizado por Isabel Lustosa, na Fundação Casa de Rui Barbosa, nos dias 26 a 28 de novembro de 2003. O seminário *Imprensa, História e Literatura* congregou diversos pesquisadores em torno de um só propósito: debater periódicos. Reunidos no livro *Imprensa, História e literatura* da coleção *Aconteceu*, da fundação, os textos apresentados durante o seminário trazem

uma feliz conjunção de interesses e uma perfeita harmonia entre os temas e os tratamentos conferidos a eles pelos colegas das diversas áreas que participaram. Por isso, creio que o leitor vai reconhecer neste livro uma contribuição verdadeiramente original para o entendimento da imprensa como motor e cenário da ação de escritores, intelectuais, artistas e cientistas na história da cultura e das ideias no Brasil.<sup>22</sup>

Antes de adentrar no histórico de pesquisa do Projeto *Poéticas Contemporâneas*, do NELIC, é importante dar destaque aos trabalhos das historiadoras Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins. A tese de Luca, *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, defendida em 1997 na Universidade de São Paulo, pode ser considerado um dos melhores trabalhos de pesquisas em periódicos no Brasil.

---

<sup>22</sup> LUSTOSA, Isabel. *Apresentação*. In: **imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 12.



Atualmente, a pesquisadora da UNESP, de Assis, realiza pesquisa sobre o jornal *Dom Casmurro* (1937 – 1946).

Quanto à tese de doutorado em História de Ana Luiza Martins pode-se afirmar que a mesma recebeu a mais bem cuidada edição dos trabalhos sobre periódicos no Brasil. O seu *Revistas em Revista*, publicado com o apoio da FAPESP, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e da Editora da USP, impresso em papel Couché fosco 90 g/m<sup>2</sup>, conta com 600 páginas, diversas imagens, entre capas de revistas, miolos, fotografias e outras reproduções, além do prefácio assinado por José Mindlin.

O livro de Martins pode ser resumido, com diversas perdas, como um trabalho que incide sobre a história das revistas publicadas na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1922. Martins dimensiona o significado dessas revistas dentro de um contexto mais amplo, analisando questões como a conformação de imaginários, ampliação do público leitor, além de recuperar parte do universo mental do período delimitado. Assim, a autora trata as revistas em duas vias, a primeira enquanto *objeto*<sup>23</sup> de análise, ou seja, a revista enquanto um tema a ser historicizado; e enquanto *fonte*, ou seja, a revista enquanto fonte de pesquisa, de dados e informações, permitindo a

---

<sup>23</sup> Aprofundaremos as discussões acerca da noção de objeto no próximo capítulo dessa dissertação.

reconstrução da história no âmbito de um dos seus principais suportes documentais, a imprensa. A autora justifica sua opção,

a exemplo da persistente justificativa para o surgimento de uma nova revista – *suprir uma lacuna do mercado* – a opção deste estudo deveu-se, inicialmente, à lacuna registrada na historiografia no tocante às séries periódicas – em que pesem as notáveis contribuições da bibliografia sobre periodismo – em geral trabalhadas sob outro escopo. Concomitantemente, inferiu-se que o uso recente, frequente e indiscriminado de revistas em busca da reconstrução do passado, resultava em equívocos de interpretação, frutos do desconhecimento das condições de vigência daqueles periódicos, da falta de cotejo com seus parâmetros e da efetiva inserção em seu tempo.<sup>24</sup>

### **1.3 O projeto *Poéticas Contemporâneas* e o Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC**

Ao falar do projeto de pesquisa em periódicos de Aderaldo Castello tomamos o constante cuidado de nos referirmos como o projeto de pesquisa de Castello, ou como o projeto de pesquisa de periódicos do IEB a fim de não confundir a existência de um projeto específico de pesquisa, com fins ainda mais específicos, com a história do Instituto. Adotamos essa precaução justamente a fim de evitar falsos juízos em relação ao projeto e ao Instituto. O projeto do

---

<sup>24</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 17. Grifos da autora.

professor Castello é apenas um dos diversos projetos do IEB, marcado temporal, histórico e teoricamente.

Agora, ao falar do projeto *Poéticas Contemporâneas* devemos redobrar, desdobrar os cuidados: afinal, a história do projeto confunde-se até hoje com a do Núcleo de Estudos Literários e Culturais. Essa imbricação deu-se por diversos motivos desde a aprovação do projeto por parte do CNPq em 1995. A aceitação do projeto integrado de pesquisa com o apoio financeiro do CNPq criou a demanda para a criação do primeiro núcleo de pesquisa do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC uma vez que era preciso estruturar fisicamente o projeto a fim de possibilitar a instalação dos microcomputadores, além do espaço de pesquisa e de acervo dos periódicos trabalhados. É preciso destacar também que não pretendemos comparar duas instituições com uma discrepância de porte e de peso institucional como o IEB e o NELIC. O cotejamento proposto é entre os projetos específicos acerca de periódicos.

Agregou-se, portanto, ao projeto *Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos* outros quatro projetos de pesquisa dos quais os professores participantes eram ou coordenadores, ou vice-coordenadores ou pesquisadores a fim de instrumentalizar e agrupar motivos e interesses o suficiente

para justificar a criação do Núcleo de Estudos Literários e Culturais.

Esses quatro projetos eram:

1. *A Opinião Pública: Meios de comunicação e integração do MERCOSUL*. Projeto interinstitucional e internacional, integrado à Rede ONDA – Programa Alfa da Comunidade Europeia, coordenado localmente por Raul Antelo, com a colaboração de Maria Lucia de Barros Camargo. Como colaboradora externa e coordenadora geral do projeto, Luz Rodríguez-Carranza.

2. *A História Cultural Comparada da América Latina*. Projeto interinstitucional e internacional, com a participação local de Raul Antelo, coordenador da linha *A literatura latino-americana sem fronteiras*.

3. Edições Críticas (Obra completa de Oliverio Girondo e *Mistérios do Prata* de Juana Manso de Noronha para a coleção Arquivos da UNESCO e *A Alma encantadora das ruas*, de João do Rio, para a coleção Retratos do Brasil, da Companhia das Letras) coordenado pelo professor Raul Antelo.

4. Comidas indigestas: canibalismo e cultura latino-americanas contemporâneas. O último dos projetos projeto interinstitucionais e internacionais que compuseram o NELIC em sua criação, organizado por Ana Luiza Andrade (UFSC) e Graham Huggan (Harvard University). O projeto contava ainda com a colaboração local de Raul Antelo, e externa de Maria Augusta Abramo (CNPq), Lúcia Helena (UFF), David Jackson (Yale University), Eduardo González (John Hopkins University), Robert Stam (NY University), dentre outros.<sup>25</sup>

Assim, o núcleo sempre contou com diversos projetos concomitantes desde sua criação. Porém, sua história confunde-se com a do projeto *Poéticas Contemporâneas*, pois esse é, até hoje, o projeto que dá suporte e estrutura "fisicamente" o núcleo, com seu acervo de periódicos, computadores para indexação, seus pesquisadores trabalhando

---

<sup>25</sup> Todas essas informações foram retiradas e adaptadas do documento *Exposição de Motivos*, apresentados por Maria Lucia de Barros Camargo, à época coordenadora *protempore* do núcleo, ao chefe do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas como argumentação para a oficial implantação do NELIC. Esse documento pode ser consultado no arquivo do núcleo, e conta com todos os projetos acima elencados, com suas respectivas descrições, atividades e planejamentos anexos. Essas mesmas informações podem ser encontradas nas *disposições transitórias* do *Regimento Interno do Núcleo de Estudos Literários e Culturais*, também disponível para consulta no arquivo do NELIC.

constantemente nas salas do núcleo. Ou seja, ao contrário do projeto de pesquisa de periódicos de Castello no IEB, projeto datado dentro da história do Instituto, o projeto *Poéticas* é o cerne do NELIC, sendo até hoje a principal função e justificativa do núcleo.

O objetivo geral do NELIC, segundo seu regimento interno aprovado pela mesma portaria acima citada, constituiu-se em:

espaço físico e simbólico para a consolidação de grupo de pesquisa nas áreas de Crítica Textual e Crítica Cultural, que possa desenvolver projetos integrados de pesquisa, promover eventos, produzir publicações, sistematizar e informatizar documentação científica e cultural relativa à área, buscando firmar uma identidade própria e institucional e capacitando-se a participar de diretórios nacionais de grupos de pesquisa e similares.

Definida a área de atuação do núcleo, julgou-se necessário estruturar a compreensão e definição das áreas a fim de alcançar todos os objetivos propostos. Raul Antelo, em um documento intitulado *Pressupostos teóricos na definição da área e modo de atuação*, anexo à *Exposição de Motivos* já citada, define a Crítica Textual como uma área que toma o texto como campo metodológico, para além do limite da *doxa*. "Sua definição é, portanto, paradoxal (por atravessar os parâmetros da convenção) e não privilegia a função de

comunicação textual, mas a de enunciação efetiva" <sup>26</sup>. Já a Crítica Cultural opera com conceitos criativos e gerativos, entendendo o texto como um dispositivo heterogêneo e heteroestrutural. O texto é compreendido, de acordo com os pressupostos teóricos, como uma estrutura estruturante, como uma construção dinâmica. Veremos, no capítulo seguinte a essa apresentação dos projetos, como esses pressupostos corroboram na leitura de arquivo, na leitura de periódicos realizada pelo / no *Poéticas Contemporâneas*.

O enfoque transdisciplinar que estrutura o objetivo de realizar projetos interinstitucionais e integrados no núcleo é definido pela citação de Eric Alliez, recuperada por Antelo: "a transdisciplinaridade a um só tempo arqueológica e construtivista, em todo caso, experimental, libera a exigência do conceito de hierarquia das questões admitidas, aguçando o trabalho do pensamento sobre as práticas que articulam os campos do saber e do poder"<sup>27</sup>. A proposta de transdisciplinaridade que o NELIC apresenta permite a integração entre os diversos projetos e pesquisadores.

Esse enfoque também pode ser percebido no projeto *Poéticas Contemporâneas* cujo principal objetivo, de acordo

---

<sup>26</sup> ANTELO, Raul. *Pressupostos teóricos na definição da área e modo de atuação*. Documento disponível no Arquivo Histórico do NELIC.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*.

com o plano apresentado ao CNPq<sup>28</sup>, é desenvolver estudos sobre a produção cultural contemporânea, em suas várias manifestações, através da análise de periódicos. A transdisciplinaridade está presente na proposta de pesquisa da produção cultural em suas várias manifestações, em um arquivo: os periódicos.

O *Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos* é elaborado no ano de 1995 como desdobramento e continuidade das pesquisas realizadas por Maria Lucia de Barros Camargo, coordenadora do projeto, a partir das suas pesquisas focadas principalmente na produção poética dos anos de 1970 e início dos 1980, das quais a coordenadora do projeto constatou duas dificuldades:

De um lado, a dispersão do material para pesquisa no que se refere à produção dos anos 70 / 80, em sua maioria publicado em veículos marcados pela efemeridade; de outro, as questões implicadas na proximidade com o próprio objeto. Afinal, trata-se de lidar com uma história ainda não escrita, com juízos críticos não sedimentados, com material semovente e, por isso mesmo, extremamente desafiador.<sup>29</sup>

A proposta do projeto se configura, portanto, como um estudo transdisciplinar – crítica cultural e textual – de

---

<sup>28</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos*. Projeto Integrado de Pesquisa. Anexo III do Documento *Exposição de motivos*, op. cit.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.



periódicos dos anos 70 / 80, em uma clara tentativa de *olhar* para essas literaturas subterrâneas<sup>30</sup> trazidas a tona através dos periódicos. Assim, o projeto *Poéticas Contemporâneas* se configurou como uma proposta transdisciplinar cujo principal método de pesquisa era o cotejamento entre periódicos de seu escopo – inicialmente anos 70 / 80 – a fim de responder a cinco questões iniciais, apontadas no plano de trabalho:

- a) Quais as tradições crítico-teóricas que circulam no campo cultural?
- b) Quais os cânones literários veiculados? Como se distribuem? Onde circulam?
- c) Há relação entre o que circula no "centro" e na "periferia"?
- d) Há relação entre o que está nas revistas / jornais não universitários e o que a academia ensina, estuda e veicula?
- e) Qual é nossa recente história literária? Que valores e princípios estéticos, teóricos, críticos estão circulando e, possivelmente, constituindo novos (?) cânones?<sup>31</sup>

A maleabilidade de pesquisa do projeto *Poéticas* fica já perceptível a partir das perguntas chave propostas no plano. Ao contrário do IEB que estrutura um roteiro de pesquisa para o estudo de um arquivo muito determinado e específico como o de Mário de Andrade, o *Poéticas* apresenta perguntas

---

<sup>30</sup> Por literaturas subterrâneas dos anos 70 / 80 entendemos como toda produção do período que não se ligava nem ao rótulo de poesia marginal nem ao engajamento político-teórico concretista.

<sup>31</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Op. Cit.*

motivadoras para o trabalho com um acervo semovente, em constante atualização, expansão e revisão. Ao invés de fechar os trabalhos em um roteiro, o *Poéticas* abre caminhos para diversas pesquisas a partir dos periódicos.

Assim, a primeira etapa do projeto elencou o seguinte *corpus*:

Revista José – 1976 / 78 – 10 números

Revista Escrita – 1975 / 83 – 33 números

Folha de São Paulo: Folhetim, Letras e MAIS!

Jornal Nicolau – 50 números

34 Letras – 1988 / 1990 – 7 números

Almanaque – 1976 / 82 – 14 números

Revista do Brasil – 1984 / 1986 – 5 números

Arte em Revista – 1979 / 83 – 8 números

Argumento – 1973 – 3 números

Tempo Brasileiro – mais de 100 números já publicados

Novos Estudos do CEBRAP – a partir de 1990.

A partir desse *corpus* inicial do projeto estruturou-se o acervo de periódicos do NELIC, com doações de professores,

colaboradores<sup>32</sup>, e a aquisição de diversos materiais durante os 15 anos de existência do projeto.

A segunda etapa do projeto, intitulada *Poéticas Contemporâneas II*, iniciada em março de 2000, consolidou a investigação e de prosseguimento ao trabalho de "mapear e analisar os periódicos culturais e literários que circulam ou circularam no Brasil a partir da década de 1970"<sup>33</sup>. Percebemos que a partir da segunda etapa o *corpus* do projeto sofreu uma grande ampliação, abrangendo periódicos dos anos de 1960, como a Revista Civilização Brasileira, e avançando em direção aos anos 2000 tanto com periódicos de grande circulação, como os suplementos da Folha de São Paulo quanto com as "pequenas revistas literárias" como a revista Medusa.

Já a terceira etapa, o *Poéticas Contemporâneas III*, de 2004 a 2007, ampliou o alcance do projeto até a década de 1950, a fim de abranger a revista *Anhembi*, e deu início a um novo subprojeto, o de Poesia em Revista, dedicado a indexar e analisar revistas de poesia publicadas no Brasil a partir da

---

<sup>32</sup> Podemos destacar aqui as doações feitas pela própria professora Maria Lucia a fim de estruturar inicialmente o acervo; além das doações de Antonio Dimas, que dentre outros materiais nos forneceu a Revista Clima, de Raul Antelo, de Diléa Zanotto Manfio. Não cito todas as doações e aquisições pois seria improdutivo para a proposta desse trabalho, dada as atuais dimensões do acervo de periódicos do NELIC.

<sup>33</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Op. Cit.*

década de 1990, trabalhando com revistas como a Inimigo Rumor, Azougue, Oroboro, Ácaro etc.

A quarta fase do projeto dá-se a partir de 2007, com as propostas de dar prosseguimento a indexação e análise de periódicos culturais ou literários, e de manter constantemente atualizado e revisado o amplo banco de dados da indexação – que hoje conta com mais de 100 mil textos – além da sua disponibilização online, através do site do NELIC: [www.nelic.ufsc.br](http://www.nelic.ufsc.br)

A quinta e atual fase do projeto, renovado em março de 2010, visa à continuidade dos trabalhos desenvolvidos nos quatro projetos anteriores, tais como a ampliação e constante revisão do bando de dados da indexação, além de dar um enfoque maior para as revistas de poesia da década de 1990 adiante. Por estar em andamento, os resultados e progressos da atual etapa do projeto não podem ser aqui analisados.

Ao completar seus quinze anos de existência, acreditamos que o projeto *Poéticas Contemporâneas* tem, a sua frente, diversos desafios. O primeiro e o mais constante deles é a difícil tarefa de sempre repensar suas posições teóricas e críticas a partir do trabalho com o arquivo. Um segundo desafio que pode ser apontado é a inclusão nesse acervo de periódicos "físico" as revistas digitais, como o projeto da

revista Sibila, atualmente online. Outro desafio para o projeto atualmente é como dar conta de um acervo babélico, um acervo em constante crescimento, revisão. Um arquivo semovente. Atualmente, do acervo de periódicos do NELIC, apenas aproximadamente 30% dos periódicos estão indexados. Ou seja, se nesses 15 anos de projeto *Poéticas Contemporâneas* muito foi feito, fica sempre a percepção de que ainda há muito mais a fazer.

## 2. Arquivando conceitos: metodologias em revista

### Resultados e instrumentos

De um outro ponto de vista: utilizamos sempre uma régua para medir rectas e um transferidor para medir ângulos.

Experimenta trocar: a régua para medir ângulos e o transferidor para medir rectas.

Chegarás a resultados diferentes. Serão resultados falsos?

Eu não diria isso. Seria mais cauteloso. Diria que são resultados diferentes.

*Breves notas sobre ciência.* Gonçalo M. Tavares

Réguas medindo ângulos, transferidores medindo retas: as diferentes metodologias de pesquisa em periódicos adotadas pelo projeto do IEB e pelo *Poéticas Contemporâneas* se propõem a diferentes trabalhos, com diferentes objetivos e produzindo resultados ainda mais diversos. São resultados falsos? Eu também não diria isso. Diria que são resultados diferentes. O trabalho desenvolvido dentro do IEB foi fundamental, naquele momento, para a pesquisa com periódicos no Brasil. Já a proposta do *Poéticas*, em um momento muito diverso, se abre para outras direções, com outros olhares e perspectivas. Repetir hoje o trabalho do IEB seria ignorar os 40 anos de desenvolvimento da pesquisa em periódicos no Brasil e no mundo; ignorar novas abordagens e

concepções de noções fundamentais para a pesquisa; seria ignorar, principalmente, o próprio trabalho do IEB, embora pareça datado, finalizado, mas ainda deixa vestígios em trabalhos posteriores – como nessa dissertação, na qual o projeto do IEB é muito mais que um vestígio. Assim, apresentaremos as diferentes metodologias de pesquisa – o roteiro do projeto do IEB e a indexação de periódicos do projeto *Poéticas* – e as implicações e desdobramentos de cada um dos projetos. Discutiremos, neste capítulo, como as duas propostas produzem resultados diferentes. No próximo capítulo, mostraremos como se dão esses resultados diversos no caso revista *Rosa-Cruz*.

## **2.1 Revisitando o projeto do IEB: metodologia e roteiro de pesquisa**

O projeto do IEB, coordenado por Aderaldo Castello, baseou seus trabalhos em um roteiro de pesquisa elaborado pelo pesquisador, a fim de orientar e prover de uma metodologia as pesquisas desenvolvidas dentro do instituto. Assim sendo, o pesquisador desenvolveu dois roteiros<sup>34</sup>, um de

---

<sup>34</sup> Conforme apresentado por José Aderaldo Castello, em seu prefácio *A pesquisa de periódicos na literatura brasileira*. In: NAPOLI, Roselis 62

pesquisa nos periódicos, outro de entrevistas a fim de nortear os trabalhos. O primeiro é dividido em seis partes: 1) Levantamento bibliográfico; 2) Leitura e fichamento de bibliografia; 3) Elaboração das fichas de leitura; 4) Leitura e fichamento do periódico; 5) Leitura e fichamento das obras dos integrantes do grupo ou do autor; 6) Esquema básico para o desenvolvimento da monografia sobre o periódico. Nota-se, já de partida, que a proposta do IEB era elaborar um *raio-x* completo do periódico e de tudo que gravitava em torno dele, seus autores ou grupos, seus colaboradores. Nota-se, também, que até mesmo a produção da monografia era padronizada, havendo um esquema básico que determinava o *modus operandi* do pesquisador.

Ao Levantamento bibliográfico, couberam cinco etapas de trabalho:

1.1 Bibliografia das bibliografias

1.2 Fontes básicas ou primárias

1.3 Bibliografia sobre o período, estilo ou movimento, em âmbito universal.

1.4 Bibliografia sobre o período, estilo ou movimento em âmbito nacional.

---

Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970, p. 06 – 11.



## 1.5 Levantamento bibliográfico do “grupo” ou do “autor” e sobre.

Se lembrarmos das dificuldades e limitações de pesquisa bibliográfica no período<sup>35</sup>, somente esse primeiro ponto já se mostrava homérico. Era necessário definir o periódico a ser trabalhado, levantar uma bibliografia geral que delimitasse as demais bibliografias. Ou seja, antes mesmo de "entrar" no arquivo *periódico*, o pesquisador que seguisse o roteiro do projeto do IEB já deveria apresentar um arquivo fechado de bibliografias sobre o periódico. Nota-se, na verdade, que somente no quarto item do roteiro aparece a presença do periódico estudado. Porém, resta a pergunta: sobre o que o pesquisador teria que fazer um levantamento bibliográfico? Sobre o periódico? Sobre os autor ou autores, sobre o grupo

---

<sup>35</sup> Um período, antes de mais nada, pré-digital. A pesquisa estava baseada em idas frequentes às bibliotecas, orientações, e sugestões. É importante dimensionar essas diferenciações ao nos referirmos aos trabalhos do IEB por uma questão de possibilidades técnicas da época. Seria um anacronismo negativo cobrar dos trabalhos realizados à época o cruzamento de dados realizados atualmente pelo computador. Se este trabalho, totalmente inserido na era digital – afinal, é escrito em um computador, analisando um objeto que foi digitalizado, contando com a internet como uma das fontes de pesquisa –, já encontrou dificuldades no levantamento bibliográfico, necessitando de recortes que delimitassem as pesquisas, é importante dimensionar as dificuldades técnicas, os custos de pesquisa da época. Se hoje faço pesquisa em diversas bibliotecas através da internet, sem ela teria um custo extremamente alto para visitar todas as bibliotecas que consultei. O trabalho de Dimas, o qual será aqui analisado, foi publicado, em 1980, ainda datilografado.

responsável pelo periódico? No caso da revista *Rosa-Cruz*, quais seriam as fontes primárias? E como proceder a um levantamento bibliográfico do "grupo" ou do "autor" se a leitura da revista a fim de mapear esse "grupo" ou "autor" está somente no quarto item do roteiro? Ou seja, a fim de responder a todas essas perguntas e a fim de ter seu pleno funcionamento, o roteiro de pesquisa do projeto do IEB demanda, em si mesmo, a não obediência. É preciso, no mínimo, mudar a ordem do roteiro para realizar cada uma das suas tarefas.

O segundo ponto do roteiro de pesquisa é o de Leitura e fichamento da bibliografia, um desdobramento direto do primeiro, e é dividido em três tarefas:

2.1 Leitura e fichamento da bibliografia geral, universal.

2.2 Leitura e fichamento da bibliografia relativa ao Brasil.

2.3 Leitura e fichamento da bibliografia específica sobre o “grupo” ou seus integrantes ou sobre o “autor”.

Assim, além das cinco etapas de levantamento da bibliografia, realizar as três etapas de leitura e fichamento implica, necessariamente, um recorte muito específico. No caso da revista *Rosa-Cruz*, tal levantamento é, de certo modo,

simples, pois há apenas 07 números, com apenas 37 colaboradores no total. Mas com uma revista como a **Revista do Livro**, com 43 números publicados somente na primeira fase, por exemplo, realizar o levantamento bibliográfico de todos os colaboradores é uma tarefa não só homérica, mas também infrutífera. Mesmo no caso da revista *Rosa-Cruz*, realizar o levantamento bibliográfico universal e brasileiro de Baudelaire, por exemplo, colaborador da revista, é uma tarefa infundável.

Enfim, essas duas primeiras etapas referem-se somente a um trabalho inicial de mapeamento, assim como a terceira etapa, a de Elaboração das fichas de leitura, dividida em cinco passos:

- 3.1 Esquema informativo do Movimento.
- 3.2 Ideias estéticas do Movimento.
- 3.3 Críticas ao Movimento.
- 3.4 Críticas ao “grupo”, aos participantes do “grupo” ou ao “autor”.
- 3.5 Anotações de coincidências, contradições e dúvidas entre AA., e de reflexões pessoais.

O roteiro do IEB prevê, antes de qualquer trabalho para com o periódico, um mapeamento complexo de diversos itens

da pesquisa. Seguir esse roteiro já nos dá estrutura e argumentos suficientes para elaborar qualquer trabalho de pesquisa com qualquer periódico. Mas é importante notar que o periódico em si está aqui estabelecido apenas como um *objeto*<sup>36</sup>, ou melhor, como um livro coletivo, algo que pode ser comparado a um rol de textos, publicações de diferentes autores ou de um grupo, uma vez que a própria leitura do periódico ainda não foi contemplada pelo roteiro. As possíveis relações estabelecidas dentro do próprio periódico não aparecem nesses três primeiros passos do roteiro de pesquisa. Nem mesmo no quarto, dedicado exclusivamente ao *livro* de estudos:

4.1 Ficha de caracterização (apresentação) do periódico

4.1.1 Título (especificado).

4.1.2 Duração (ano) – Periodicidade (mensal, trimestral etc.).

4.1.3 Direção (redação).

4.1.4 Colaboradores (em ordem alfabética).

4.1.5 Conteúdo (dividido em seções):

4.1.5.1 Colaborações (artigos);

---

<sup>36</sup> As diferentes noções de *objeto* serão discutidas no capítulo seguinte.

4.1.5.2 Noticiário;

4.1.5.3 Resenhas;

4.1.5.4 Bibliografia crítica.

4.1.6 Outras características peculiares: (ex. gráficas: formato do volume, corpo, mancha, tipo gráfico etc.).

4.1.7 Observações gerais (pessoais do pesquisador: de interesse histórico, cultural e crítico).

4.2 Ficha Matriz

4.2.1 NOME, Pré-nome, “Título do artigo” *In* NOME DA REVISTA, Local, tipografia, mês, ano, Tomo ou Volume, Número, pp.

4.3 Ficha de Assunto

4.3.1 NOME, Pré-nome, “Título do artigo” *In* NOME DA REVISTA, Local, tipografia, mês, ano, Tomo ou Volume, Número, pp.

4.3.2 Prosa crítica, história literária ou ensaio:

4.3.2.1 Resumo, com ou sem citações.

4.3.2.2 Transcrição parcial da matéria

4.3.2.3 Transcrição total da matéria no caso de manifestos etc.

4.3.3 Poesia ou ficção:

4.3.3.1 quando édito – verificar e registrar variantes.

4.3.3.2 quando inédito – transcrever a composição ou recomendar a transcrição.

*Observação importante:* Numerar as fichas a lápis, procedendo-se a classificação só depois de concluído o fichamento, quando então se deve levar em conta os seguintes elementos da própria ficha:

- a) Ordem alfabética de autor (último nome);
- b) Assunto;
- c) Seção do periódico.

#### 4.4 Ficha remissiva de nomes

4.4.1 NOME, Pré-nome, *in* “Título do artigo” Pré-nome e nome (do autor) *In* NOME DA REVISTA, Local, tipografia, mês, ano, Tomo ou Volume, Número, pp.

O roteiro para a elaboração de fichas de leitura a partir da leitura do periódico corrobora com a visão de que o periódico opera dentro do IEB apenas como um *objeto*, um dado morto, um arquivo fechado. Os elementos elencados, os dados a serem levantados não encaminham a nenhum tipo de comparação, cotejamento com outros aspectos e elementos do periódico ou o cotejamento com outros periódicos.

As fichas podem ser divididas em dois tipos. O primeiro é uma ficha do periódico, dando conta de elementos que não variam página a página. Eles são tidos a partir de um macro – dentro do universo do periódico – que pode ser definido como o Título, Direção, Duração, Colaboradores. Esses são os

aspectos que não mudam dentro do periódico. Podemos ter diferentes direções durante o período de publicação, mas esses elementos não variam de acordo com as colaborações, nem de acordo com as seções.

O segundo tipo de fichas que pode ser estabelecido é o de fichas de colaboração, as quais se situam dentro do espaço micro. Nessas fichas temos elementos mutáveis, o colaborador, o título do artigo, a seção na qual a colaboração pode ser enquadrada. Porém, o número reduzido de seções estabelecido pelo roteiro pode nos levar a uma limitação de implicações importantes no estudo do periódico. Veremos mais adiante como, na leitura de Dimas, essa redução levou o pesquisador a contar as três iconografias de Mauricio Jubim publicadas na revista *Rosa-Cruz* como textos, aumentando os índices totais de produção por colaborador<sup>37</sup>, alterando assim a percentagem de produção de Mauricio Jubim na revista.

À indicação de apontar outras características peculiares podemos apontar o trabalho filológico de análise documental de arquivo, das condições de publicação, impressão, papel, mancha do periódico. Essas características podem passar

---

<sup>37</sup> De fato, o roteiro de pesquisa do IEB não prevê a elaboração de índices de colaboração, relatórios estatísticos como na metodologia do *Poéticas Contemporâneas*. A montagem dos índices do trabalho de Dimas a que nos referimos foi elaborada manualmente, com a intenção comparativa desse ensaio.

despercebidas em alguns periódicos, mas são sempre sintomáticas, uma vez que podem definir as condições técnicas de produção. Uma revista ricamente ilustrada no início do século XX, quando os domínios gráficos da tipografia no Brasil ainda não eram totalmente desenvolvidos, traz implicações para a leitura a ser dela realizada, como o próprio Dimas nota muito bem em seu estudo acerca da revista **Kosmos**<sup>38</sup>. Assim como os formatos, os tipos de impressão podem ajudar a definir os custos de produção de um periódico, influenciando nas leituras de grupo, apoios, público leitor etc. Uma revista de alto custo, de grande tiragem pode, por exemplo, contar com financiamento público ou apoio privado, o que, por sua vez, pode influenciar nas decisões editoriais, gráficas, ou relevar relações entre grupos ou autores não explícitas na revista em si, no *objeto*. Esses dados auxiliam, por exemplo, na distinção sempre problemática entre as "revistas literárias" e as "revistas de mercado".

Também é sintomática a existência ou a ausência de textos manifestos, de tipos de poesia, de diferentes produções dentro da revista, em seus diversos números. Por exemplo, uma das seções não previstas no roteiro, é a de Editorial. A existência ou não de um editorial pode revelar diferentes

---

<sup>38</sup> DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos: análise da revista Kosmos (1904 – 1909)*. São Paulo: Ática, 1983.



leituras do periódico. É através do Editorial que podemos reconhecer o manifesto de um grupo, um posicionamento político, literário ou cultural. Como exemplo, podemos pensar em uma revista de resistência política durante a ditadura que exponha suas diretrizes no editorial. Essa revista não pode ser lida com os mesmos mecanismos de uma revista oficial da época. Ou mesmo uma revista de resistência que não apresente um editorial, em uma tentativa de fugir dos censores, por exemplo. São diversas as leituras possíveis que definem a compreensão do periódico a partir desses elementos.<sup>39</sup> Ao roteiro de pesquisa do projeto do IEB faltaria, portanto, a maleabilidade necessária para as adaptações que o próprio arquivo impõe ao pesquisador.

O quinto ponto do roteiro sai novamente do periódico, voltando-se à Leitura e Fichamento das obras dos integrantes do grupo ou de autor, etapa dividida em três passos:

5.1 Fichamento das obras dos integrantes do “grupo” ou do “autor”.

5.2 Entrevistas com remanescentes do “grupo”

---

<sup>39</sup> Veremos mais adiante como a ausência de um editorial explícito na revista *Rosa-Cruz* é significativa, e que alguns dos seus textos podem ser lidos na função de editorial, dizendo *a que veio* a revista, suas propostas, sua seleção de público leitor.

### 5.3 Entrevistas com contemporâneos ou outros.

Há, anexo ao roteiro de pesquisa, um roteiro de entrevistas que será analisado logo adiante. Realizadas, portanto, essas cinco etapas, o pesquisador fica pronto para desenvolver sua monografia, de acordo com o sexto passo, um esquema básico para desenvolvimento da monografia sobre o periódico:

- 6.1 Apresentação da revista.
- 6.2 Origens – composição do “grupo”.
- 6.3 Ideias críticas e estéticas (no próprio periódico).
- 6.4 Realizações do “grupo” (no próprio periódico).
- 6.5 Destino.

Assim, realiza-se um trabalho completo sobre o periódico. Enquanto descrição de um *objeto*. Vale notar que o projeto do IEB apresenta uma leitura do que é *objeto* diferente da leitura de *objeto* do projeto *Poéticas*, como veremos adiante. Em verdade, compreendemos que o roteiro de pesquisa proposto pelo projeto do IEB não prevê uma leitura do periódico enquanto função ativa de um arquivo, e por função ativa de arquivo entendemos a possibilidade de o periódico dizer algo, ter voz ativa dentro da compreensão de movimento,

estética, grupo, período. O periódico enquanto *arquivo*, a partir do qual podemos estabelecer correspondências diversas com outros grupos, outros autores, outros períodos, e também com outros periódicos. Enquanto meramente descrição de um *objeto*, o periódico serve apenas como veículo de ideias ou críticas de um determinado grupo, as quais poderiam prescindir do próprio periódico, podendo ser reunidas em um livro coletivo, em qualquer outro suporte. A noção de *objeto* que entendemos a partir do projeto do IEB é um objeto congelado, morto, finalizado.

Podemos, enfim, resumir essa análise em uma só afirmativa: o roteiro de pesquisa do projeto do IEB ignora um fator essencial para um periódico: o tempo. A relação do periódico com o tempo é não só essencial como imprescindível. Um periódico necessita ter um caráter temporal para ser considerado um periódico. Caso contrário, pode ser considerado um livro coletivo, uma obra de um grupo, mas nunca um periódico. Afinal, o tempo é parte integrante de seu próprio nome. Periódico é o que é relativo a um período, a um intervalo de tempo. No próximo capítulo aprofundaremos teoricamente essa discussão. Porém, é interessante adiantar como o roteiro de pesquisa do projeto do IEB ignora a questão temporal em sua metodologia e como esse ignorar produz uma

leitura muito específica do que é um *objeto*, do que é um periódico.

Constata-se também que o roteiro do projeto do IEB se propõe a trabalhar em um determinado tipo de periódico, muito mais específico. Ao pressupor a existência de um grupo ou de um autor, o roteiro exclui de seu alcance periódicos institucionais, ou com um caráter mais mercadológico, ou ainda periódicos culturais, como, por exemplo, a **Revista do Livro**, ou a **Revista Cult**. A primeira, ligada a uma instituição, não possui um grupo único específico, nem está ligada a um movimento literário. Por estar vinculada a um departamento de um Instituto, o seu corpo editorial sofre variações, assim como os textos publicados variam de acordo com os diferentes corpos editoriais que a controlam. A segunda, uma revista de divulgação cultural, produzida com fins e caráter mercadológico, não está ligada diretamente a nenhuma estética nem a um grupo determinado. E seu corpo editorial é composto por empregados, em uma relação salarial de produção, que deve zelar pelo projeto e vendagem da revista. Assim, o roteiro do projeto do IEB se propõe a trabalhar apenas com periódicos literários, resultantes de um determinado grupo ou estética, restringindo o seu campo de atuação, por uma força de arquivo. O roteiro de pesquisa visa "dar conta" dos periódicos do acervo Mario de Andrade. Talvez por isso que a própria leitura dos

periódicos fosse delegada somente ao quarto item, uma vez que todos os periódicos já estavam mapeados, determinados, já eram todos, de antemão, conhecidos.

Assim, o roteiro visa a um grupo muito específico de periódicos, não sendo suficiente para um estudo dos periódicos editados durante a ditadura, por exemplo. Ou de uma leitura transversal de periódicos de diferentes estéticas, diferentes grupos de uma mesma época ou ainda de épocas distintas. Portando, diante do contexto à época, o roteiro do instituto foi satisfatório e produziu trabalhos importantes para a historiografia do periodismo brasileiro, ainda que o objetivo do projeto não fosse esse, e sim fosse estudar o modernismo literário brasileiro. Com diferentes ferramentas de pesquisa, produção, análise, reproduzir o roteiro do projeto do IEB hoje seria impensável. Primeiro pela distância temporal. Segundo porque aplicar hoje o roteiro de pesquisa seria ignorar os avanços e desdobramentos adquiridos desde então. Avanços esses adquiridos também a partir do próprio trabalho realizado no IEB. Terceiro porque o projeto foi desenvolvido para dar conta de um arquivo determinado de periódicos, o de Mário de Andrade.

Adiante veremos como a metodologia – e o projeto de pesquisa em periódicos desenvolvido dentro do Núcleo de Estudos Literários e Culturais, o NELIC – propõe uma

compreensão diferente de periódicos e de ferramentas de leitura e pesquisa. Não queremos cair na armadilha de valorar cada uma das metodologias. Tencionamos apenas compreender os diferentes desdobramentos de cada um dos projetos. O que queremos afirmar é que o trabalho do NELIC é tributário do projeto desenvolvido pelo IEB, mas as propostas de pesquisa são diferentes, com conceituações e escopos diferenciados. O cotejamento aqui proposto serve como elemento propulsor para a discussão sobre alguns conceitos pertinentes à área de estudos.

Antes de apresentarmos a metodologia do NELIC, vemos como o Roteiro de Entrevistas do IEB reforça ainda mais essa perspectiva de uma leitura do periódico enquanto objeto, através do qual se extraíam os autores ou os grupos, tendo ele voz passiva no processo.

#### Roteiro de entrevista:

1. Levantamento bibliográfico do escritor a ser entrevistado

Ficção; Ensaios; Memórias; Poesias; Artigos; Entrevistas.

1.1 Em livros (indicar todas as edições);

1.2 Em revistas;

- 1.3 Em jornais;
- 1.4 Indicar traduções, em todos os casos – 1.1, 1.2, 1.3.;
- 1.5 Inéditos;
- 1.6 Cronologia da obra (Itens 1.1 a 1.5).

## 2. Entrevista preliminar com o autor

2.1 Dados pessoais (nascimento, naturalidade, funções públicas e particulares)

2.2 Estudos e formação: curso primário, secundário e superior.

2.2.1 Condições (materiais e econômicas) dos estudos.

2.2.2 Fatos marcantes durante esse período – experiência afetiva, influências de pessoas, sugestões de ambientes etc.

2.2.3 *Leituras didáticas* durante os estudos, que lhe pareçam fundamentais.

2.2.4 *Leituras literárias, filosóficas etc.* desse período, o que mais parecer marcante.

2.3 Iniciação e carreira literária:

2.3.1 Descoberta da vocação.

2.3.2 Contatos e conhecimentos pessoais; grupo ou grupos literários; figura ou figuras decisivas da iniciação literária.

2.3.3 Amizades e identificações literárias permanentes (a seleção do tempo).

2.3.4 Correspondência ativa e passiva (possibilidade de estudá-la).

2.4 Autores e obras preferidas em geral.

2.5 Autores e obras decisivas como modelo, como sugestão, como inspiração, como identificação.

2.6 Histórico das obras escritas, indicando sobretudo peculiaridades e condições de elaboração, edição ou edições que considera melhor.

2.7 Existência de arquivo e possibilidades de explorá-lo. Material existente.

2.8 Possibilidade de examinar a biblioteca particular.

3. Levantamento bibliográfico sobre o autor

4. Leitura das obras do autor

4.1 Leitura cronológica.

4.2 Registro, na leitura cronológica, das variantes das diversas edições da mesma obra.

*Observação:* o Roteiro de entrevista com remanescentes do grupo: tomando como sugestão o modelo anterior, será



elaborado de acordo com os elementos fornecidos pelo periódico estudado.

Nota-se, portanto, que o periódico, na leitura do IEB, é visto com a função de reprodutor, de veículo de idéias e anseios de um grupo ou autor previamente organizados, uma vez que o que o roteiro valoriza em sua metodologia de pesquisa é justamente esse grupo ou autor, e não o próprio periódico. A seção de entrevista é o maior exemplo dessa postura: não há nenhum questionário acerca da relação do entrevistado para com o periódico estudado. O único item que versa sobre periódicos é o levantamento bibliográfico em revistas ou jornais. Podemos também aproximar, forçadamente, a relação do item 2.3.2 para com periódicos. Forçadamente porque nem todo grupo literário publica uma revista própria e nem todo periódico é ligado a um determinado grupo literário.

Tomemos novamente o livro de Dimas como exemplo. Na entrevista publicada nos anexos do livro, Dimas apresenta a transcrição de um depoimento de Andrade Muricy. Das 18 perguntas realizadas ao pesquisador – o qual, nota-se, não era um colaborador da revista – apenas quatro versam diretamente sobre questões relativas à revista. Somando-se uma pergunta mais genérica, sobre todas as publicações simbolistas do período, aproximadamente apenas 30% das perguntas

realizadas por Dimas são sobre a revista. Os 70% restantes, as 13 perguntas, versam ou sobre detalhes do grupo por trás da revista, o que reforça a nossa leitura de que o roteiro do IEB não estuda a revista, mas sim o grupo ou o autor responsável; ou sobre escolhas e opiniões de Muricy acerca do Simbolismo. Quanto ao depoimento de Tavares Bastos, recolhido por Dimas, a situação agrava-se ainda mais. Das 15 perguntas apresentadas, nenhuma trata de assuntos específicos da revista. Em apenas uma pergunta Dimas a cita: "que idade o Sr. tinha quando colaborou em RC?"<sup>40</sup>.

## **2.2 O projeto *Poéticas Contemporâneas* e sua base de dados – metodologia de indexação**

A metodologia de indexação de periódicos do projeto *Poéticas Contemporâneas* foi pensada a partir da necessidade de criar um sistema de catalogação e organização de informações básicas a partir do acervo de periódicos do NELIC. Valendo-se da experiência prévia desenvolvida no projeto do IEB, o *Poéticas* adaptou a metodologia de indexação do programa *Micro-ISIS* ao trabalho para com periódicos. O

---

<sup>40</sup> DIMAS, Antonio. *Op. Cit.* 1980, p. 158.

programa, desenvolvido em 1985 e mantido até hoje pela UNESCO, é utilizado no tratamento genérico de informações cujo principal código seja não numérico, ou melhor, seja textual. Adotado principalmente no gerenciamento de bibliotecas e acervos, o programa foi o primeiro testado e usado na proposta de indexação de periódicos do projeto *Poéticas*. O NELIC contou com a assessoria e treinamento da professora do departamento de Ciências de Informação Úrsula Blattmann para adaptar o programa às intenções do projeto.

Porém, após o uso real do programa e a reconhecida insuficiência para as necessidades e usos do projeto, optou-se por desenvolver um banco de dados com base no sistema Access, da Microsoft Office. Da experiência com o *micro-ISIS* restaram algumas nomenclaturas adotadas pela metodologia de indexação no sistema Access, tais como *vocabulário controlado*, *colaborador*.

Assim, diferente do que ocorre com o roteiro de pesquisa do IEB, o projeto *Poéticas* tem por base do trabalho de pesquisa em periódicos o cotejamento. De início, uma diferença fundamental entre as propostas é a de que a metodologia do projeto do NELIC, ao contrário da do projeto do IEB, não visa dar conta do periódico em si, por completo. É apenas uma ferramenta de indexação de periódicos que visa produzir dados auxiliares à pesquisa. A indexação dos

periódicos estudados pelos pesquisadores e alunos do NELIC é realizada nesse banco de dados, o qual gerencia diversos campos a serem preenchidos e controlados. Na figura 01 temos a página de acesso ao programa.

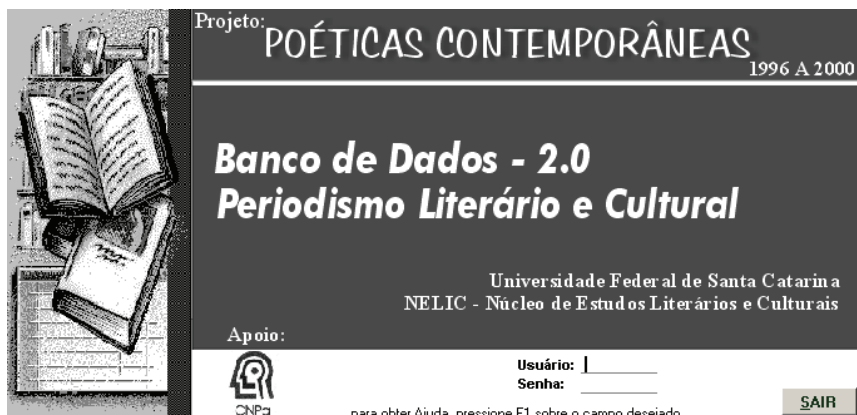


Figura 01 – Tela de Apresentação do Banco de Dados – 2.0 Periodismo Literário e Cultural

Alguns dos grandes ganhos que podemos apontar através da informatização da pesquisa com periódicos é um gerenciamento mais eficiente das fichas de leitura, as produções de relatórios de indexação a partir de um ou mais periódicos, a produção dos relatórios estatísticos de colaboração em um ou mais periódicos; além da possibilidade de cotejar mais periódicos, por período, título, colaboradores, ano, cidade, editora, autores citados etc.

Como o projeto se propôs inicialmente a mapear periódicos culturais e / ou literários que circulam ou circularam no Brasil a partir da década de 1970 – hoje, já se expandiu para metade do século XX –, o banco de dados foi projetado a partir de sua principal função, cotejar. Cotejar a fim de cumprir o principal objetivo do projeto:

através da análise deste material, estudar a produção cultural contemporânea, procurando detectar linhagens poéticas, releituras da tradição literária, construção e desconstrução de cânones.<sup>41</sup>

Assim, foi necessário desenvolver uma metodologia de indexação bastante rigorosa para alimentar o banco de dados, afinal, era preciso adotar padrões de comparação dentre os diversos periódicos. Têm-se, então, as seguintes diretrizes:

Para preenchimento da primeira parte da ficha de indexação temos os seguintes campos:

**Ordem de exibição:** é a ordem dos textos catalogados, o antigo sistema de numeração das fichas, que no IEB era, inclusive, realizado a lápis, a fim de reorganizar caso necessário.

---

<sup>41</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos II*.

**Idioma:** Campo que pode ser preenchido com as siglas apresentadas na base: POR – português, ITA – italiano, ESP – espanhol, FRA – francês, ALE – alemão, RUS – russo, ING – inglês, GRE – grego, CAT – catalão, de acordo com a língua do artigo indexado. Há duas entradas para este campo, visto que determinados textos são acompanhados da tradução. Esse campo aceita não ser preenchido, em caso de iconografias, anúncios ou casos em que o idioma não é relevante.

**Entidade coletiva:** é o campo a ser preenchido com o nome da revista quando o texto está sob sua responsabilidade. Ou seja, se não aparecer autor colaborador. É o caso de muitas apresentações ou editais. Pode aparecer também como o entrevistador (no caso em que os créditos são atribuídos ao nome dos periódicos).

**Título do artigo:** é o campo destinado ao título do artigo que está sendo catalogado (com letra maiúscula somente na primeira palavra). Em caso de vários títulos agrupados por um, prepondera o título geral. Nos casos em que o título geral não figura, indexar os títulos separados por barra /.

*Observações:* quando um poema não apresentar título deve-se inserir o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Exemplifico: “não penses enquanto passa (...)”. Em textos em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro primeiras palavras.

**Subtítulo do artigo:** Além de subtítulos, este campo é usado para colocar as informações bibliográficas das resenhas indexadas. Estes últimos dados devem vir entre parênteses ( ), e o título da obra deve aparecer entre aspas, visto que não é possível utilizar nem negrito nem itálico.

**Páginas:** é o intervalo de número das páginas que o artigo ocupa; Ex: p. 11-13.

**Vocabulário controlado:** É preenchido com o tipo de artigo catalogado, a partir de um elenco pré-estabelecido. O campo Vocabulário controlado é preenchido com a “tipologia” dos textos. Este item merece uma explanação mais detalhada, visto que demandou um aprofundamento teórico de conceitos que discriminam determinados tipos de textos. É importante salientar que a escolha desses termos foi pautada em um estudo da diversidade de textos e rubricas dos periódicos, e procurou-se eleger algumas tipologias que dessem conta da volumosa variedade classificatória que constava nas revistas. No intuito de possibilitar o cruzamento dos dados, optou-se pela adoção de um mesmo princípio de classificação para os textos de todos os periódicos, ainda que seja possível, durante o processo, a revisão e a inserção de alguma “nova” tipologia, caso o nosso arbitrário princípio não dê conta de algum artigo. Atualmente, este campo oferece as seguintes possibilidades: Apresentação (de textos da revista ou de autores), Poema, Resenha,

86

Reportagem (noticiário sobre determinado assunto), Cartas do leitor, Correspondências (publicação de carta de valor documental), Depoimento (textos que dão testemunho), Entrevista, Ficção (contos, fragmentos de romance, novelas, peças teatrais ou crônicas), Editorial (texto que exprime a opinião do órgão), Informe (breves informações, notas), HQ/Charges (histórias em quadrinhos ou charges), Ensaio, Variedades, Artes Plásticas, Capa e Debate. Acrescenta-se, ainda, nos casos em que se trata de resenha ou ensaio, um segundo termo que especifica a disciplina abordada no artigo. No momento, constam no banco de dados as seguintes alternativas: Antropologia, Arquitetura, Bibliografia, Ciência, Comunicação, Cultura, Economia, Educação, Esporte, Filosofia, Fotográfico, História, Lingüística, Literatura, Política, Psicologia, Psicanálise, Sociologia e Teologia.

**Nome pessoal como assunto:** Campo preenchido somente quando o texto se refere a um(a) determinado(a) autor(a). O nome indexado neste campo também deve figurar como autor citado, visando facilitar as pesquisas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

**Autores colaboradores:** Autor(es) responsável(veis) pelo artigo. No caso das entrevistas, o nome do entrevistado e do(s) entrevistador(es) devem constar. Caso não haja o nome



do entrevistador, por convenção esse deve ser atribuído ao periódico, através do campo **Entidade Coletiva**.

**Palavras-chave:** Para cada texto, são retiradas no máximo seis palavras-chave (retiradas da listagem, do *thesaurus* do banco de dados) (Ex: literatura, cultura, Brasil, sociologia). Este campo não é preenchido quando se trata de ficção, poema, capa, HQ/Charge.

A ficha com esses campos está representada na figura 02, com um exemplo da indexação de um poema de Charles Baudelaire, do primeiro número de 1901 da revista *Rosa-Cruz*.

The screenshot shows a software window titled "EDICÃO - Rosa-Cruz, v.01,n. 01". The interface includes a tabbed menu with "Página 1 (Inf. Geral)" selected. The form contains the following fields and controls:

- Order of display: 03
- Language 01: FRA
- Language 02: (empty)
- Entity collective: (empty)
- Title of Article: Le chien et le flacon
- Subtitle of Article: (empty)
- Page(s): 04
- Controlled Vocabulary: POEMA(S)
- Personal name as subject: (empty)
- Author list: BAUDELAIRE, Charles
- Keywords: (empty)
- Buttons: "INCLUIR Autores e Colaboradores" and "Palavras-Chave"
- Navigation: "Registro: 1 de 23" and "Registro: 4 de 23"

Figura 02 – Recorte da tela da Página 01, de informações gerais, das fichas de indexação, contendo os campos **Ordem de Exibição**, **Idioma**, **Entidade Coletiva**, **Título do Artigo**, **Subtítulo do artigo**, **Página**, **Vocabulário Controlado**, **Nome pessoal como assunto**, **Autores e Colaboradores** e **Palavras-Chave**.

**Autores Citados:** é o campo no qual se preenche todos os autores citados no decorrer do artigo. Esse campo utiliza-se da mesma lista de autores gerenciado no campo **Autores Colaboradores**, a fim de não se criarem duplas entradas.

**Tradutor:** Nome do tradutor, em caso de ocorrência. Caso o texto seja traduzido, mas o nome do tradutor não figure no texto, consta sem crédito, com vistas a evitar distorções na pesquisa.

A segunda página da ficha de indexação, com os campos de **Autores Citados** e **Tradutor** pode ser conferida na figura 03, a ficha do texto *Exposição de Pintura*, de Saturnino de Meirelles, publicado no primeiro número de 1901 da revista *Rosa-Cruz*:

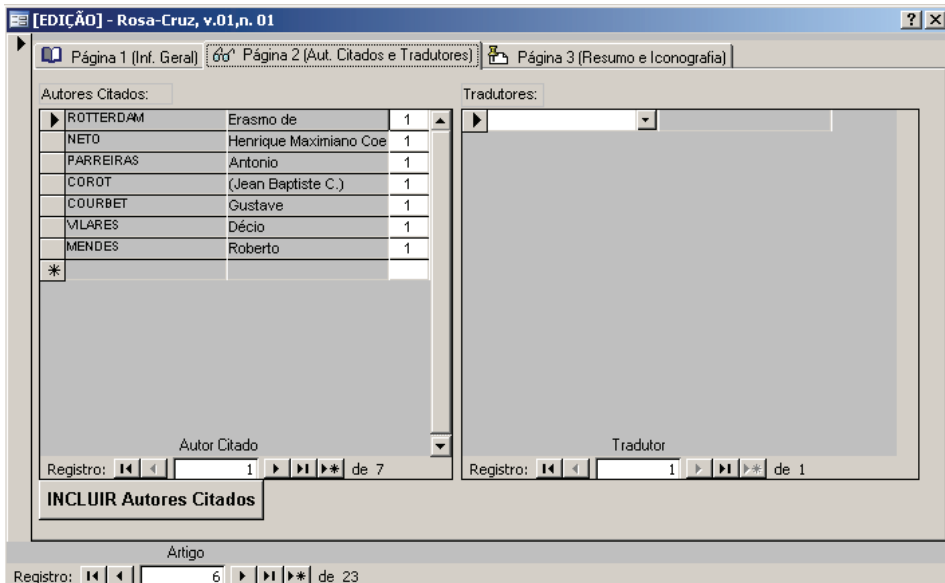


Figura 03 – Recorte da tela da Página 02 das fichas de indexação, contendo os campos **Autores Citados** e **Tradutores**.

**Resumo:** Pequeno resumo ou descrição dos textos catalogados, com o limite máximo de 10 linhas. Caso se mencione algum nome de obra, também utilizar as aspas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge. Alguns pesquisadores notaram a necessidade de complementar o resumo com informações extras sobre as colaborações como, por exemplo, se o artigo é dedicado a algo ou alguém, se é uma republicação ou um inédito. Adotou-se, portanto, o uso dos colchetes [...] para informações inseridas pelo pesquisador.

**Iconografias:** deve ser preenchido quando houver iconografias, de acordo com uma lista pré-definida de tipos, a saber: cartografia, fac-símile, foto, fotograma, gráfico / tabela, HQ / Charge, ilustração, publicidade e reprodução. Deve conter também as informações de título, autoria, data em sua descrição. Esse é o único dos campos da metodologia de indexação do NELIC que pode suscitar controvérsias, por haver iconografias que não ilustram artigo algum, como, por exemplo, uma reprodução de obra de arte, de um quadro nas páginas de um periódico. Aqui se tem a dúvida se a iconografia deve ser submetida ao artigo, mesmo quando não está relacionado a nenhum, ou se ela deveria constar como uma colaboração assim como todos os textos. Ao submeter as iconografias aos textos, resolve-se o problema de relatórios e estatísticas, não as contabilizando nos números absolutos de colaboração; porém, ao ser ligada a um texto específico pode-se criar a falsa impressão de que a iconografia ilustra determinada produção textual.

A terceira página da ficha de indexação está representada na figura 04, referente ao poema em prosa de Cruz e Sousa, intitulado *Flor Sentimental*, publicado no primeiro número de 1901 da revista *Rosa-Cruz*:

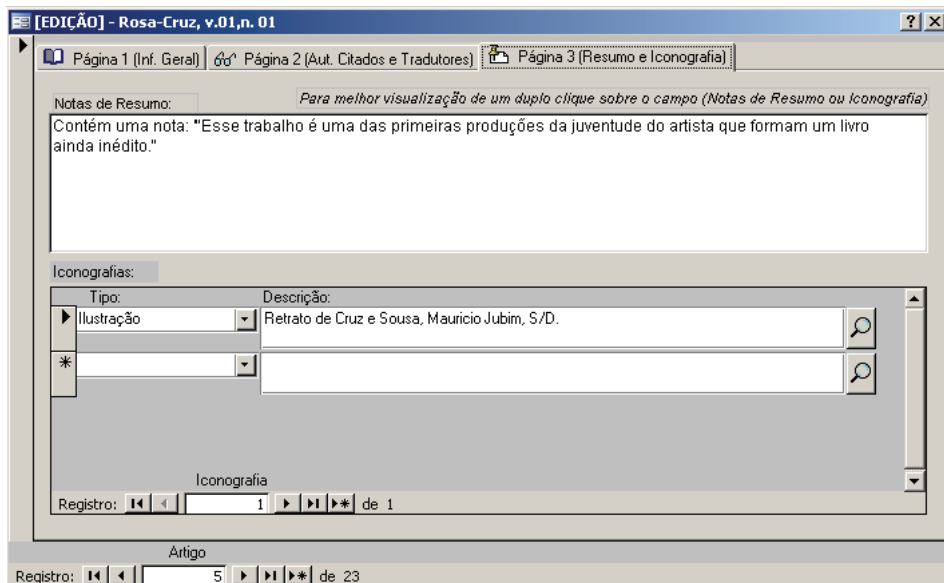


Figura 04 – Recorte da tela da Página 03 das fichas de indexação, contendo os campos **Resumo** e **Iconografias**.

### *Observações:*

Em função dos dados bibliográficos (Autor, colaborador, Título, Subtítulo), alguns apontamentos:

1. Caso o texto não venha assinado, convencionou-se atribuir a autoria ao periódico.
2. Na indexação do nome do autor, utiliza-se a listagem de autores disponível da Base de dados inviabilizando que o pesquisador seja fiel, no cadastramento, às assinaturas dos textos nos periódicos. A listagem de autores disponível na

base é controlada, sendo atualizada por somente dois pesquisadores responsáveis por verificar ocorrências de nomes duplos, nomes com diferentes grafias a fim de não produzir diferentes entradas para o mesmo nome. Por exemplo, alguns periódicos apresentam o nome de *Cruz e Sousa* assim grafado, enquanto outros utilizam *Cruz e Souza*. Diferentes grafias devem ser apontadas nas notas de resumo.

3. Nas entrevistas, os nome do(s) entrevistador(es) e do entrevistado(a) constarão como autores do texto.

4. No caso das resenhas, o subtítulo é preenchido com os dados da obra resenhada entre parênteses.

5. No caso da publicação de vários poemas de um mesmo autor, seguem-se os seguintes critérios: se houver um título que os agrupe, mantém-se o mesmo neste campo e citam-se os títulos no resumo; caso se apresentem somente os títulos dos poemas, estes devem entrar separados por uma barra ( / ), obedecendo à pontuação dos mesmos.

Em função dos demais dados da ficha de indexação, convencionaram-se as seguintes observações:

1. No campo **Palavras-chave**, preenchido quando se trata de ensaio, resenha, entrevista, correspondência, reportagem ou apresentação, o pesquisador elenca as palavras-

chave do texto, visando possibilitar futuras pesquisas a partir de um determinado termo.

2. O campo de **Nome pessoal como assunto** deve ser preenchido nos casos em que o texto trate especificamente de um(a) determinado(a) autor(a).

3. É feito um resumo do texto, sempre que se trate de outro gênero, que não o poema, a ficção, o HQ ou a charge.

3.1. O campo **Resumo** também deve ser utilizado para as notas de publicação, notas explicativas, local e data, que porventura constem nos textos. Tais indicações devem aparecer depois dos resumos, entre colchetes.

3.2. Este campo também serve para adicionar informações que indiquem assinaturas dos textos que não correspondam ao nome do(a) autor(a) indexado no primeiro campo. Este e qualquer dado complementar que o pesquisador desejar inserir, deverá vir entre colchetes [ ]. Exemplifico: [O autor do texto assinou como JW.] No caso, trata-se de um texto de Jorge Wanderley. Indica-se, da mesma forma, os textos e poemas cuja publicação for bilíngüe: [Publicação bilíngüe].

3.3. Os títulos de obras artísticas (livros, filmes, peças de teatro, telas, esculturas, etc) virão entre aspas, devido à impossibilidade de se empregar o itálico na base de dados. O mesmo acontece no caso de títulos de textos citados no resumo e títulos de obras resenhadas.

4. No campo **Autores citados** utiliza-se a listagem de autores da base de dados, que está em processo de constante revisão. Convencionou-se que este campo é preenchido quando houver ocorrências de citação a um(a) autor(a), salvo em poemas, ficções, HQ, Charges. No caso de dedicatórias, não se considera o(a) autor(a) citado(a).<sup>42</sup>

Essa metodologia de indexação não visa ao esgotamento do periódico, ao contrário do Roteiro de Pesquisa do IEB. Na verdade, a indexação do periódico substitui apenas o item 04 do roteiro, o de leitura e fichamento do periódico. O que diferencia a metodologia adotada pelo NELIC é a possibilidade de extração de dados do banco, em forma de relatórios gerais, por número, ano, título, editora, cidade, além de todos os campos acima apresentados. É possível, por exemplo, pesquisar no banco em quais textos o escritor Machado de Assis foi citado. Ou podemos restringir ainda mais, pesquisando em quais periódicos publicados na cidade de São Paulo, entre os anos de 1980 e 1990, o escritor Mário de Andrade aparece no campo nome pessoal como assunto. É possível ainda, dentre as ferramentas da base de dados, gerar

---

<sup>42</sup> A metodologia de indexação adotada pelo projeto *Poéticas Contemporâneas* está disponível para consulta na sala do Núcleo, sendo aqui atualizada quanto aos campos e observações; além de revisada.



relatórios estatísticos, percentuais por periódico, número, ano, cidade, editora, autor... Ou seja, podemos caracterizar as diferentes metodologias como sendo a do projeto do IEB uma metodologia de pesquisa – como o próprio nome indica; e a do projeto *Poéticas* uma metodologia técnica, uma instrumentalização técnica para uma pesquisa de arquivo que é realizada concomitantemente à indexação. Podemos também radicalizar nossa análise ao afirmar que o roteiro do projeto do IEB produz uma leitura específica e padronizada do periódico, uma leitura descritiva. O pesquisador, ao entrar em contato com o periódico, já possui todos os argumentos e informações necessários e procura somente confirmá-los no próprio periódico. Já a metodologia de indexação permite que o periódico produza significado, permite diferentes leituras, faz o pesquisador ver aspectos ou relações antes não reconhecidas. Permite ao pesquisador inventa(ria)r o *objeto*.

As ferramentas do banco de dados também agem na pesquisa, afinal, essas ferramentas auxiliam a pesquisa de cotejamento entre diferentes periódicos. A figura 05 apresenta a tela dos diferentes tipos de apresentação para as pesquisas dentre os campos da indexação:

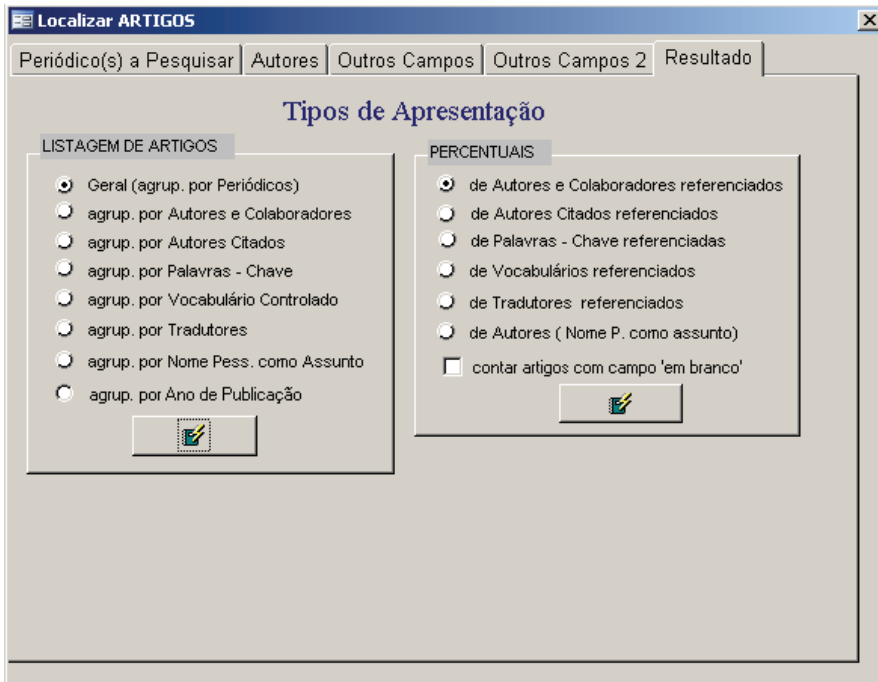


Figura 05 – Recorte da tela da Pesquisa por artigo, contendo as abas de opções de pesquisa e os tipos de apresentação para os resultados.

Como se pode verificar, a pesquisa, a partir da indexação, está dividida em listagem ou em percentuais, com diferentes agrupamentos dos campos. Nas abas de pesquisa, temos as ferramentas de seleção dos periódicos, na primeira aba; dos autores – colaboradores, citados ou nome pessoal como assunto –, na segunda aba; dos demais campos, como tradutores, notas de resumo etc., nas terceira e quarta abas. A última aba é a que aparece na figura 05, a de resultado da pesquisa.

Assim, no próximo capítulo, veremos como as diferentes metodologias produziram diferentes resultados ao trabalhar com a revista *Rosa-Cruz*. Em seu livro, Dimas apresenta o resultado do Roteiro de Pesquisa do IEB. Realizou-se, portanto, a indexação da revista *Rosa-Cruz* nos moldes da metodologia do NELIC, a fim de instrumentalizar a comparação aqui ensejada, e possibilitar o cotejamento entre os levantamentos e resultados de pesquisa com o periódico.

### **2.3 Inventando noções de arquivo**

Possuir e ter estão relacionados ao caráter tátil e se opõem em certa medida à percepção visual. Colecionadores são pessoas com instinto tátil.  
*Passagens.* Walter Benjamin

Os dois projetos de pesquisas, tanto o do IEB, quanto o *Poéticas Contemporâneas*, partem de um mesmo *lugar*: arquivo. No caso IEB, um arquivo de *arquivos*, composto primordialmente pelo de Mário de Andrade, como vimos na introdução deste trabalho. No caso do projeto *Poéticas*, um arquivo formado pelo acervo de periódicos do NELIC. Mas esse *lugar* de partida / partilha também pode ser um *lugar* de

origem. Assim, podemos adotar aqui a mesma pergunta que dá voz às discussões que Derrida engendra sobre o *arquivo*:

não devemos começar distinguindo o arquivo daquilo a que o reduzimos frequentemente, em especial a experiência da *memória* e o retorno à *origem*, mas também o *arcaico* e o *arqueológico*, a lembrança ou a escavação, em suma, a busca do tempo perdido? Exterioridade de um lugar, operação topográfica de uma técnica de consignação, constituição de uma instância e de um *lugar de autoridade* (o arconte, o *arkheion*, isto é, frequentemente o Estado e até mesmo um Estado patriárquico ou fratriárquico), tal seria a condição do arquivo. Isto não se efetua nunca através de um ato de anamnese intuitiva que ressuscitaria, viva, inocente ou neutra, a originalidade de um acontecimento.<sup>43</sup>

Afinal, devemos ou não distinguir o arquivo daquilo a que o reduzimos: o retorno à *origem*, o trabalho de escavação, arqueológico, de descrição desse *lugar de autoridade* que condiciona o arquivo. Derrida, na tentativa de estipular um *lugar* para começar suas reflexões decide começar pela palavra "arquivo" e pelo arquivo de uma palavra tão problemática como "arquivo" (*arkhê*), que concentra em si tanto a noção de *começo* como a de *comando*. Há, dentro da palavra, dois princípios: um físico, histórico ou ontológico – que é o princípio da natureza, de um lugar onde as coisas *começam*, um lugar de *origem*; e outro nomológico, um lugar ali onde se

---

<sup>43</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 07-08. Grifos do autor.

exerce a autoridade, o *comando*, um lugar a partir de onde uma ordem é dada, estipulada. Deveríamos, portanto, adotar o arquivo como um *lugar*, morto de preferência, onde seria realizado o autoritário trabalho de estipular uma ordem, descrever uma ordenação na busca pela origem, unindo os dois princípios – e dentro da noção de princípio já está guardada a origem – histórico e nomológico a fim de construir uma arqueologia do arquivo, dos periódicos? Podemos perceber, a partir do roteiro de pesquisa do projeto do IEB, que é a isso que o projeto se propõe. *Descrever* – e esse conceito torna-se fundamental para pensarmos o projeto do Instituto – o arquivo em sua totalidade. Explorar a arqueologia de um periódico, desenvolver um arquétipo / arquete para o periódico, na dupla função de exumar os mortos e atestar a morte. Falo na função exumar dentro do projeto do IEB a partir da afirmação de Dimas, na introdução do seu livro *Rosa-Cruz*, de que o principal objetivo de seu trabalho era exumar a revista. Exumar seria retirar a revista *Rosa-Cruz* do esquecimento, da arquete do arquivo. Mas, por acarretamento lógico, só é possível exumar o que já está morto.

É a partir dessa tarefa de exumação, de descrição do arquivo-morto que Derrida lembra a primeira figura de um arquivo,

pois *todo* arquivo – tiraremos daí algumas consequências – é ao mesmo tempo *instituidor* e *conservador*. Revolucionário e tradicional. Arquivo *eco-nômico* deste duplo sentido: guarda, põe em reserva, economiza, mas de modo não natural, isto é, fazendo a lei (*nomos*) ou fazendo respeitar a lei.<sup>44</sup>

Onde podemos acrescentar, fazendo a exumação: descrevendo, classificando, catalogando o arquivo em sua totalidade. O roteiro de pesquisa do projeto do IEB guarda ao pesquisador o *lugar de autoridade* perante o arquivo / periódico, cabendo a ele as funções de *instituir* – o que o pesquisador ligado ao projeto do IEB faz com os periódicos modernistas paulistas, como vimos na introdução – e *conservar*, o que, dentre vários exemplos, podemos apontar na baliza deste trabalho: a tarefa de exumador assumida por Dimas, fazendo respeitar a lei, o roteiro de pesquisa do projeto do IEB.

O movimento de institucionalizar e conservar o modernismo paulista realizado no projeto do Instituto aponta diretamente, portanto, a essa postura de arquivista aqui apresentada, o arquivista – arconte, que organiza, classifica, controla o arquivo, fazendo dele a lei, de modo não natural, como aponta Derrida. E o arquivo aparece sempre como uma totalidade, como podemos recuperar da citação de Castello na

---

<sup>44</sup> Idem, p. 17. Grifos do autor.

introdução deste trabalho, ao falar que os periódicos modernistas publicados em São Paulo "se apresentam também para uma visão totalizadora dos movimentos literários em âmbito nacional" <sup>45</sup>. Assim, os resultados apresentados a partir do roteiro de pesquisa do IEB estão sempre na dupla função de apontar o *começo* e realizar o *comando*, impor a leitura descritiva dos periódicos estudados.

Assim, distinguindo o arquivo dessa redução *começo* e *comando*, Derrida lembra que a palavra "arquivo" tão bem abriga essa memória do nome *arkhê*, como também se conserva *ao abrigo* desta memória abrigada. Ao mesmo tempo em que a palavra abriga a função do arconte de comandar o retorno à *origem*, segundo Derrida, ela *se* abriga dessa função, a esquece. Para reforçar suas afirmações, o autor recorre ao subtítulo de seu livro, *uma impressão Freudiana*, e recupera a noção de *pulsão de morte*. O *tânatos* também está presente no arquivo, ele "destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico" <sup>46</sup>. Grosso modo, podemos exemplificar a presença do *tânatos* no arquivo a partir da sua criação. Criar o arquivo é destruir o arquivo. O projeto do IEB, ao criar seu arquivo total do modernismo brasileiro como

---

<sup>45</sup> Ver nota 09.

<sup>46</sup> DERRIDA, Jacques. *Op. Cit.*, 2001, p. 21.

sendo o modernismo paulista destrói tudo o que de fora fica, os demais movimentos, os demais periódicos. Na própria tarefa de criar o arquivo há a pulsão de morte que destrói o arquivo.

Isso tudo porque, conforme aponta Derrida, não há arquivo sem um lugar de consignação, e o autor não somente utiliza a palavra em seu sentido mais usual, o de designar uma residência ou confiar um lugar, porém a adota em seu sentido mais amplo do ato de consignar, reunindo os signos. Não há arquivo sem um lugar de *consignação*, um lugar que ordene, comande os signos sem uma técnica de repetição – o roteiro de pesquisa do projeto do IEB – e sem um exterior. É nesse exterior que o *tânatos* age, destruindo o arquivo exterior ao arquivo, ao que acarreta a destruição do próprio arquivo. Destruir o exterior acarreta a morte do arquivo. É a isso que Derrida chama *Mal de arquivo*. E é a partir disso que Raul Antelo, em *O arquivo e o presente*, ensaio publicado na revista *Gragoatá*, em 2007, constrói

a [sua] hipótese de que, no tocante à arqueologia, um dos fantasmas que ameaçam a tarefa de leitura é a *ilusão tautológica*. Ela consiste em julgar, simplesmente, que o texto conservado no arquivo diz o que diz e que nele vemos o que se vê. A ilusão tautológica é uma ilusão de sincronia. Ela poderia ser resumida com a fórmula de Didi-Huberman: o que vemos não nos olha, o que lemos, não nos lê. Nada mais



ilusório, portanto, do que a constatação meramente referencial [...].<sup>47</sup>

A ilusão tautológica a que Antelo faz referência é a ilusão<sup>48</sup> produzida a partir da pulsão de morte do arquivo, da busca pela origem, pelo texto original, que pouso morto dentro do arquivo. Morto, o arquivo diz o que diz, mostra o que mostra. Morto, podemos dissecar, descrever. Uma ilusão referencial, resumida como aponta Antelo, na fórmula de Didi-Huberman. Se lêssemos o arquivo como o faz o projeto do IEB, em busca da *origem*, cairíamos na ilusão tautológica de ler um arquivo morto, de produzir apenas *descrições* de arquivo.

Maria Lucia de Barros Camargo, em seu ensaio *Poéticas Contemporâneas*: marcos para uma pesquisa, reforça nossa leitura ao afirmar que os trabalhos desenvolvidos no projeto do

---

<sup>47</sup> ANTELO, Raul. *O arquivo e o presente*. In: Revista Gragoatá, n. 22. Niterói, 2007, p. 44. Grifos do autor.

<sup>48</sup> Ao falarmos de ilusão é impossível não lembrar Nietzsche quando o filósofo afirma que "somente graças à sua capacidade de esquecimento é que o homem pode chegar a imaginar que possui uma verdade no grau que nós queremos justamente indicar. Se ele recusa contentar-se com uma verdade na forma de tautologia, quer dizer, como cascas vazias, ele tomará eternamente ilusões por verdades." *Verdade e Mentira no sentido extramoral*. 2001, p. 7. Tomar ilusões tautológicas por verdades é a armadilha na qual o roteiro do IEB captura o pesquisador.

IEB "dedicaram-se, em sua maioria, a uma *descrição* minuciosa das revistas em estudo".<sup>49</sup>

Porém, Antelo aponta outra possível leitura de arquivo que não essa ilusão referencial

porque um texto achado num arquivo sempre postula um para além da significação e um maior ou menor anacronismo, de tal forma que sua leitura propõe uma relação indiciária de contiguidade e causalidade entre o signo e seu objeto, isto é, uma relação, simultaneamente, das mais diretas, mas, também, das mais diferidas possíveis, entre essas duas instâncias. Todo enunciado lido no arquivo é, literalmente, uma transposição, uma tradução, o vestígio de um corpo ausente que *tocou* essa matéria (uma página, a tela).<sup>50</sup>

A entrada no arquivo é um movimento único, irreproduzível. A cada nova entrada, um outro contato se produz a partir dessa matéria do arquivo, um novo traço é criado, um novo rastro. Não há mais uma *origem* determinada a ser escavada e descrita, há a possibilidade de produzir diferentes arquivos dentro de um arquivo, rastrear diferentes traços, percorrer caminhos diversos a partir do *contato* com o texto, com o periódico como texto a procura de vestígios, de traços de algo desaparecido que ali esteve. Assim, percorrer o arquivo deixa de ser comandar uma descrição, deixa de ser

---

<sup>49</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Poéticas Contemporâneas*: marcos para uma pesquisa. In: **Continente Sul Sur**, n. 2, 1996, p. 112. Grifo meu.

<sup>50</sup> ANTELO, Raul. *Op. Cit.* p. 44. Grifos do autor.

uma busca pela *origem*. Trabalhar com arquivo passa a ser inventá-lo. Criar, a partir do arquivo morto, outras leituras possíveis, estabelecer outros *contatos* com os textos. Inventar permite entrar e sair de diversas formas no arquivo. Inventar permite tirar o lugar de autoridade do arquivo, tirar o lugar de pertença do arquivo, o *na* (em+a) do *tânatos*, criar outros *tatos*, novos *contatos*.

E é admitindo essa operação de leitura do arquivo que procura inventar e não descrever o arquivado, que podemos perceber, a partir da metodologia de indexação do projeto *Poéticas Contemporâneas*, a postura de arquivista presente nos diversos resultados de leitura e pesquisa em periódicos dentro do projeto. A metodologia de indexação, a partir de seus relatórios e estatísticas, produz diversos tipos de entrada possíveis para o arquivo. Ao permitir gerar relatórios e estatísticas através do sistema de banco de dados, podemos verificar precisamente quais os colaboradores mais assíduos de um periódico, quais os mais citados, o que muitas vezes difere das expectativas e leituras prévia do arquivo por parte do pesquisador. Foi a metodologia de indexação do projeto *Poéticas* que nos "fez" <sup>51</sup> ver a possibilidade de ler, na revista

---

<sup>51</sup> Poderíamos aqui incluir as discussões de Bruno Latour, em torno da sua Teoria Ator Rede, ANT (em inglês), a fim de entender como podemos rastrear os traços dentro do arquivo, como o arquivo é um dispositivo – na 106

*Rosa-Cruz*, uma organização interna a partir da revista, dos temas, das ligações religiosas, dos textos publicados. Como será apresentado no próximo capítulo, foi possível, a partir da indexação, *inventar* uma leitura da revista, e não apenas descrevê-la; afinal, para indexar um periódico é preciso, obviamente, lê-lo. Organização interna essa que não é proposital nem pensada pelo próprio grupo, mas que é possível de ser *inventada* como uma ferramenta de leitura do periódico.

A tarefa, portanto, a que se propõe o projeto *Poéticas Contemporâneas* é constantemente procurar um entre-lugar entre o *lugar de autoridade* dentro do arquivo e a profanação da biblioteca. Esse entre-lugar não destitui a descrição, mas também não assume a *Autoridade* sobre o arquivo. Ou seja, não produz a consagração do arquivo a partir da descrição e o devolve ao uso humano através da invenção. Agamben recupera de Trebácio uma noção de profanação, que "em sentido próprio denomina-se àquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos

---

noção de Agamben –; e como o arquivo exerce um papel ativo em sua própria montagem e leitura. A ANT poderia nos auxiliar na compreensão, na traçabilidade das diferentes redes geradas a partir do *contato* entre o leitor e o arquivo, entre diferentes arquivos, nos vestígios inventados a partir desses *contatos*, principalmente na noção fundamental na obra de Latour do "faz fazer". Guardaremos essas relações para uma próxima oportunidade, a fim de não fugir dos propósitos desse trabalho.

homens" <sup>52</sup>. Inventar novos usos do arquivo funcionaria aqui como profanar o arquivo, trazê-lo novamente à esfera dos homens, tirando-o do *lugar de autoridade* do arconte. Não mais entrar no arquivo na autoridade do arqueólogo, mas na profana função do *contato*. Insistimos tanto na noção de *contato*, pois a entendemos a partir do que Agamben aponta como o processo de sacralização / profanação:

pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas [podemos acrescentar, livremente, arquivos] ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso. O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício: através de uma série de rituais minuciosos, diferenciados segundo a variedade das culturas, e que Hubert e Mauss inventariaram pacientemente, ele estabelece, em todo caso, a passagem de algo do profano para o sagrado, da esfera humana para a divina. É essencial o corte que separa as duas esferas, o limiar que a vítima deve atravessar, não importando se num sentido ou noutro. O que foi separado ritualmente pode ser restituído, mediante o rito, à esfera profana. Uma das formas mais simples de profanação ocorre através de contato (*contagione*) [...]. Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado.<sup>53</sup>

O sacrifício do arquivo é a própria pulsão de morte. O *tânatos* que sacraliza, subtraindo do arquivo a sua esfera

---

<sup>52</sup> TREBÁCIO, *apud*, AGAMBEN, Giorgio. *Elogio da Profanação*. In: **Profanações**, São Paulo: Boitempo, 2007, p. 65.

<sup>53</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Op. Cit.*, 2007, p. 65-66.

humana, é o mesmo *tânatos* que lhe impõe um lugar de *autoridade*, de *comando* do arquivo. O sacerdote seria o único capaz de *descrever* o arquivo. O rito de profanação aqui proposto consiste na simples operação de deslocar, atravessar esse limiar – não importando se num sentido ou noutro – do lugar do arquivo. Tirar o lugar do *tânatos*, atravessar o *na* (em+a), através do tato, do toque, do contágio profano, enfim, do *contato*. Destituir-se da função de arconte a *descrever* – a partir dos dois princípios, o histórico-físico-ontológico, ou o nomológico, conforme vimos a partir de Derrida – e gerar um terceiro princípio, ou melhor, tirar da esfera do principado, cortar a cabeça da realeza e *inventar* um arquivo *acéfalo*.

## Uma pausa

*Eu me deslocava, me aproximava e me distanciava dele, com o intuito de visualizar o rosto; queria descrevê-lo minuciosamente, mas descrever sempre falseia. Além disso, o invisível não pode ser transcrito e sim inventado.*

**Relato de um certo Oriente.** Milton Hatoum.

## Descrever o inventário

*Primera parte de la retórica, que se ocupa de buscar los argumentos e ideas, que luego han de ordenarse mediante la disposición.*

Antes de prosseguir com as discussões acerca do arquivo de periódicos inventado, é preciso fazer uma pausa e pensar dois problemas que agora surgem nas reflexões aqui desenvolvidas. O primeiro deles é como solucionar a forte dicotomia arditosamente criada entre inventar e descrever. O segundo problema é aprofundar os pensamentos acerca da noção de *objeto*, até agora tratado superficialmente.

Chegamos a um ponto na discussão que precisamos desconstruir a armadilha tão inocentemente criada de estabelecer a dicotomia entre inventar e descrever, como se descrever fosse a atitude a ser execrada e inventar a nova salvação. Do contrário! É preciso tornar claro que nossa proposta é não optar por nenhuma das duas vias e sim torná-las imbricadas, senão interdependentes.

Um caminho possível a fim de desviar da armadilha é recordar que na função *inventar* há a noção de *inventário*. Segundo o dicionário Houaiss, a primeira acepção para inventário é, referente ao direito das sucessões, a "descrição detalhada do patrimônio da pessoa falecida, para que se possa proceder à partilha dos bens". Também há a acepção, derivada

por metonímia, de que inventário é "o documento ou papel em que estão enumerados e descritos esses bens". Ou ainda o entendimento de que inventário é um "levantamento minucioso dos elementos de um todo; rol, lista, relação" ou "qualquer descrição detalhada, minuciosa de algo".<sup>54</sup>

E uma só noção perpassa todas as acepções: o descrever. Porém, podemos perceber que há diferentes compreensões da tarefa de descrever. Por um lado, o roteiro de pesquisa do projeto do IEB deixa claro que a função aparece como uma tarefa totalizadora, universal, que visa dar conta do periódico em um só caminho, com um só método – uma vez que o roteiro de pesquisa do projeto do IEB é o que o próprio nome indica, um roteiro a ser seguido, um esquema (autoritário) a ser respeitado. O *descrever* do projeto do IEB é a força de representar o seu todo, em todas suas funções, é dissecar o periódico. Grosso modo, podemos comparar o roteiro de pesquisa a um manual de taxidermia de animais mortos. Passo a passo, o manual ensina a rechear de palha um corpo morto. Passo a passo, o roteiro ensina a descrever – representar o todo – de um periódico. Porém, nessa função de descrever, de exercer a taxidermia não entra a função principal do animal e do periódico: a vida. Não à toa Dimas afirma que seu principal

---

<sup>54</sup> Dicionário Eletrônico Houaiss. Versão 1.0, dezembro de 2001.



objetivo é exumar da revista *Rosa-Cruz*. Exumar é remexer o cadáver.

Assim, o que combatemos ao falar contra a descrição não é o próprio ato de descrever e sim a impaciente tarefa de *apenas* descrever. A descrição de um periódico, de um arquivo por si só não pode ser considerada um trabalho para com o periódico, um trabalho de arquivo. Até porque apenas descrever o arquivo nos entrega à armadilha de ver o arquivo ignorando que ele também nos olha.

Por um outro lado, a proposta do projeto *Poéticas* é realizar a indexação como movimento de partida no arquivo, um movimento de leitura. Assim, a descrição é a primeira e não a única das funções de pesquisa. Não um roteiro, um manual de pesquisa, a metodologia de indexação é a produção de um inventário do arquivo, inventário esse que permite a partilha dos bens. Ou seja, realizar a indexação, descrever o periódico como tarefa de instrumentalização da pesquisa, da invenção do periódico. Indexar passa a ser produzir um "documento ou papel em que estão enumerados e descritos os bens". Indexar é usar a descrição por outra via: produzir o inventário.

A armadilha se soluciona, então, ao percebermos que dentro da noção de inventar há a noção de inventário que, por sua vez, guarda a descrição como tarefa fundamental. Inventar

um arquivo mantém-se na esfera do contato com esse arquivo. Principalmente ao lembrarmos que o que tocamos também nos toca, e que o inventário pressupõe um uso futuro do que é descrito, como vimos na primeira definição do dicionário Houaiss, inventariar é descrever para poder proceder a partilha. É preciso, portanto, inventariar, leia-se descrever, para poder partilhar, leia-se inventar.

Enfim, colocamo-nos contra a descrição como método de pesquisa, como um trabalho total do arquivo, como se apenas descrever fosse entrar e percorrer todo um arquivo. Entendemos que o trabalhar com o arquivo é assumir um risco de nunca acabar de percorrer o arquivo, é assumir a tarefa de inventar um arquivo, inventar um caminho a fim de tocar e ser tocado por esse *objeto*.

### **Descrever o objeto**

Praticamente, só posso ter um comportamento humano em relação à coisa quando a coisa tem um comportamento humano em relação ao homem.  
*Materialismo histórico*. Karl Marx *apud* **Passagens**, Walter Benjamin.

O segundo problema que nos armamos no decorrer desse trabalho envolve a noção de *objeto*. Novamente queremos evitar a rasa compreensão dicotômica de que uma coisa é boa

para outra ser ruim. Não queremos propor um novo conceito a fim de substituir a noção de *objeto*, nem cair na armadilha de contrapor sujeito *versus* objeto.

Assim, apoiados novamente no dicionário Houaiss, encontramos a palavra *objeto* dividida em 13 diferentes entradas. A primeira delas o apresenta como uma "coisa material que pode ser percebida pelos sentidos". A segunda, "coisa mental ou física para a qual converge o pensamento, um sentimento ou uma ação". A terceira, "assunto sobre o qual versa uma pesquisa ou ciência". A quarta, "móvel de um ato, agente, motivo, causa". Somente essas quatro acepções já nos fornecem uma confusão tamanha o suficiente para ignorarmos as subsequentes, que não deixam de ser desdobramentos das primeiras.

Sendo *objeto* ao mesmo tempo coisa e agente, móvel e motivo, guarda-se dentro da noção de *objeto* diversas possibilidades de leitura. Eis, então, o grande problema desse capítulo da dissertação: como demonstrar as diferentes leituras de *objeto* dos projetos aqui analisados. Em nosso entendimento, o projeto do IEB encara o periódico a partir da noção de coisa, por isso toda a discussão acerca da passividade do objeto que faremos depois dessa pequena pausa. Já o projeto *Poéticas* trabalha com o periódico a partir da noção de móvel, daquilo que pode, e deve ser movido dentro do arquivo. É

preciso, portanto, ter em mente essas diferentes possibilidades de leitura da função *objeto* para as discussões que faremos adiante. Ao falarmos de *objeto* para e no projeto do IEB, estamos falando – ou ao menos queríamos falar – de um objeto passivo, objeto coisa. Esse arquivo morto a ser exumado, esse corpo morto a ser empalhado.

Ao pensamos o projeto *Poéticas*, compreendemos que o objeto exerce mais que uma função de coisa, mas também uma função de texto. Mais do que um assunto, uma ação. Uma força que, novamente, ao mesmo tempo em que é olhada, nos olha. A indexação, e é isso que procuramos demonstrar ao comparar as diferentes metodologias e estratégias de pesquisa, nos faz ver aspectos, características, ou melhor, a indexação permite que o arquivo nos olhe e nos diga algo. O que pretendemos demonstrar no próximo capítulo é como conseguimos – ou como fomos "forçados", através da indexação, a ver alguns aspectos, algumas relações dentro da revista *Rosa-Cruz* que passaram despercebidos a Antonio Dimas.

Ou seja, estamos tentando demonstrar como o roteiro de pesquisa do projeto de Castello passou a exercer uma função de fôrma, uma função engessante. Não teremos fôlego, e nem é essa a proposta, de fazer um estudo dos diferentes trabalhos resultantes do projeto do IEB, mas adotamos o trabalho de Dimas como baliza a fim de entender e também refletir sobre

as próprias opções e posições teóricas do projeto *Poéticas*. Entender como o projeto *Poéticas* pensa as noções de arquivo, de objeto, de periódico a fim de cumprir nossa proposta de estabelecer um estudo comparativo entre as diferentes metodologias sem estabelecer um estudo valorativo das mesmas.

### **Colecionando os dois**

As especificidades de um arquivo de periódicos são inúmeras e merecem alguma consideração. Diversas são as propostas de categorização de periódicos, seja através de movimentos literários, suas relações com o momento político, seu projeto gráfico, seus textos e colaboradores. Diversos são os elementos passíveis de organização e descrição dentro de um arquivo de periódicos. O primeiro passo é compreender as múltiplas funções da noção de *objeto* que um periódico pode exercer dentro de um arquivo. O roteiro de pesquisa do IEB, signatário do lugar de *autoridade* perante o arquivo, toma o periódico somente por uma via da função de objeto, *descrevendo* seu conteúdo, os textos publicados, suas relações para com o contexto histórico, político, social. Tomar o periódico enquanto somente um *objeto* é adotar os dois princípios apontados por Derrida para o papel do arconte. O

116

roteiro, como vimos, descreve o princípio histórico, físico ou ontológico do periódico, procurando sua *origem*, através do levantamento bibliográfico sobre o periódico, sobre os colaboradores, sobre o período. E propõe o princípio nomológico de descrição do arquivo total composto pelo periódico, construindo o cânone do modernismo paulista através de suas revistas e jornais. O periódico somente enquanto *objeto* como o encara o projeto do IEB leva água ao moinho da *ilusão tautológica* a que Antelo se referiu ao recuperar a fórmula de Didi-Huberman. O *objeto* que olhamos não nos olha, o *objeto* que lemos não nos lê.

As diferentes relações possíveis a partir das múltiplas vias do entendido do que é o *objeto* já foi explorada por Benjamin ao falar da relação entre o colecionador e o colecionado:

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta "completude" <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para esse fim: a coleção. E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa

particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirida) Tudo o que é lembrado, pensado, consciente torna-se suporte, pedestal, moldura, fecho de sua posse.<sup>55</sup>

Parece-me que a proposta do roteiro de pesquisa do projeto do IEB procura exercer a função de colecionador. Principalmente por retirar o próprio periódico da sua função primitiva de periódico, de texto que circula ligado principalmente ao seu tempo. O roteiro de pesquisa produz o encantamento do colecionador que inscreve o periódico em um círculo mágico, imobilizando-o. Isso porque, como vimos, o periódico, para o projeto do IEB, exerce apenas o papel de suporte para publicações de um grupo ou de um autor. Não à toa, apenas um dos seis passos visa ao trabalho de leitura e de arquivo do periódico. No trabalho para com a revista *Rosa-Cruz*, por exemplo, o último estremecimento que percorre o colecionador é a tarefa de exumá-la, de lembrá-la, mas também a tarefa de trancafiá-la no pedestal ou no suporte para o estudo do grupo ou autor por trás da revista. É sintomático, portanto, que Dimas, aprisionado pelo roteiro do projeto do IEB, não procure desvendar o próprio título da revista, não passando da análise da revista como um periódico em homenagem a Cruz e

---

<sup>55</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2007, p. 239 [H 1a, 2].

Sousa. Veremos, no próximo capítulo, como, através da indexação, pensar o título da revista surge como chave para pensar a revista inteira.

Porém, novamente não queremos cair na armadilha de escolher um só lado, e lembramos que dentro da concepção do colecionador de Benjamin há também o próprio alegorista:

O alegorista é por assim dizer o polo oposto ao colecionador. Ele desistiu de elucidar as coisas através da pesquisa do que lhes é afim e do que lhes é próprio. Ele as desliga de seu contexto e desde o princípio confia na sua meditação para elucidar seu significado. O colecionador, ao contrário, reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo. No entanto – e isto é mais importante que todas as diferenças que possa haver entre eles –, em cada colecionador esconde-se um alegorista e em cada alegorista, um colecionador. No que se refere ao colecionador, sua coleção nunca está completa; e se lhe falta uma única peça, tudo o que colecionou não passará de uma obra fragmentária, tal como são as coisas desde o princípio para a alegoria. Por outro lado, justamente o alegorista, para quem as coisas representam apenas verbetes de um dicionário secreto, que revelará seus significados ao iniciado, nunca terá acumulado coisas suficientes, sendo que uma delas pode tanto menos substituir a outra que nenhuma reflexão permite prever o significado que a meditação pode reivindicar para cada uma delas.<sup>56</sup>

Portanto, o que entendemos que o projeto *Poéticas* propõe para o estudo de periódicos é assumir o risco de tornar-se equilibrista, entre a tarefa de colecionar o acervo e o

---

<sup>56</sup> Idem, p. 245 [H 4a, 1].



arquivo, reconhecendo-o como sempre fragmentário, e de produzir a alegoria na compreensão de que cada nova entrada no arquivo produz um outro arquivo. Que cada nova leitura do arquivo produz um outro arquivo. Percorrer constantemente o arquivo a fim de mantê-lo móvel e a fim de ouvir todos os seus sussurros.

Assim, a proposta de deslocar o *tânatos* de lugar, através do *contato*, visa abarcar essa dupla função; afinal, encarar o periódico enquanto colecionador e enquanto alegorista auxilia na proposta de atravessar o limiar do arquivo, possibilitando leituras diversas de um só periódico. O *contato* com o arquivo enquanto alegoria (nos) toca, (nos) olha, (nos) lê e, principalmente, (nos) diz coisas que a coleção somente cala.

Podemos, portanto, associar as características de passividade / atividade a essa compreensão. O periódico coleção pode ser entendido através de sua passividade. Já como alegoria, o periódico assume voz ativa, desviando, propondo novos traços, outras possibilidades de leitura. Ao indexar a revista *Rosa-Cruz*, através da metodologia de indexação do projeto *Poéticas Contemporâneas*, a função ativa da revista "me fez" ver características e elementos que, se tomada somente como coleção, passariam em branco, como será apresentado no próximo capítulo.

É desse mesmo modo, por exemplo, que Monica Pimenta Velloso se posiciona perante o "seu" arquivo de revistas modernistas<sup>57</sup>:

as revistas devem ser estudadas em si mesmas articulando-se os seus aspectos materiais e discursivos, suas condições de produção, utilizações estratégicas e recepção. Elas passam a ser pensadas, aqui, na sua dupla dimensão: como *fonte* e como *objeto* de análise. Perspectiva essa que possibilita percebê-las na sua complexa historicidade e articulações específicas que estabelecem em relação ao moderno.<sup>58</sup>

Não só como elemento para análise histórica (fonte), mas texto de possíveis articulações de discursos (objeto), apoios materiais, condições de produção, estratégias de publicação, recepção do periódico, dentre outras tantas articulações possíveis a partir desse *objeto* que é o periódico. A revista enquanto coleção opera *em si*; já enquanto alegoria, *a partir de si*. E uma esconde-se na outra.

### 2.3.1 Um arquivo de periódicos inventado

---

<sup>57</sup> Aqui, o arquivo de revistas modernistas montado por Velloso é um tanto quanto diferente do montado para o projeto do IEB. Na verdade, como já vimos, o projeto do IEB "herdou" um arquivo já montado, com uma força de leitura muito intensa a partir da figura de Mário de Andrade.

<sup>58</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *As modernas sensibilidades brasileiras*. In: **Debates**, 2006, p. 03. Grifos da autora.

Outra especificidade que pode ser apontada no trabalho para com arquivos de periódicos é a profusão de classificações tipológicas para as revistas ou jornais. Antonio Dimas, em seu ensaio *Um suplemento carnudo*, ensaia uma tipologia para periódicos, ainda que avise, de antemão, "tudo o que uma tipologia possa ter de carcerária e de constrangedora" <sup>59</sup>. Dimas propõe que a primeira classificação seja a partir de dois grandes blocos, sendo o primeiro de periódicos ligados à iniciativa privada – que não pode desdenhar de questões de mercado e concorrência –; e o segundo ligados a alguma instituição, cultural ou econômica que o organiza – não precisando, esse segundo bloco, se ocupar de questões mercadológicas.

No primeiro caso, segundo Dimas, o periódico depende necessariamente de sua publicidade ou de seu apoio e retorno nas vendas. Esse fato, que pode ser pequeno, pode também acabar tolhendo a liberdade de ação do veículo, de acordo com suas propostas de intervenção cultural e resposta do público consumidor. O autor de *Rosa-Cruz* elenca as revistas **Kosmos**, **Renascença**, **O Malho**, **Careta** e **Fon-Fon**, todas do começo do século passado, como revistas ligadas à iniciativa privada.

---

<sup>59</sup> DIMAS, Antonio. *Um suplemento carnudo*. In: **Continente Sul Sur**, n. 2, nov. 1996, p. 40. É importante destacar que Dimas está pensando o periodismo cultural.

O segundo bloco, o de revistas ligadas *grosso modo* a instituições, são as que mais se prestam ao estudo do periodismo cultural, segundo Dimas, "uma vez que refletem as expectativas de renovação do padrão cultural e ideológico de um dado momento ou sua manutenção" <sup>60</sup>. Esse segundo bloco se desdobraria em diversos tipos de revista, de acordo com a ligação institucional desenvolvida, tais como revistas universitárias, oficiais, grupais, ideológicas, gremiais. Essa tipologia, ainda segundo Dimas, não seria unitária e exclusiva, havendo revistas que ao mesmo tempo são universitárias e ideológicas, ou oficiais e grupais. Dentre as universitárias, o exemplo recuperado é a da revista **Kenyon Review** (1939 – 1970), e das gremiais a revista da Academia Brasileira de Letras.

Dentre as revistas oficiais, Dimas recupera a **Revista do Livro**. A revista do Instituto Nacional do Livro tem um papel fundamental na área de estudos de periódicos por publicar, em vários de seus números, a já mencionada série de artigos de Plínio Doyle, intitulada *História de revistas e jornais literários*, posteriormente reunida em livro.

A tipologia proposta por Dimas demanda a discussão de algumas noções fundamentais para o estudo de periódicos,

---

<sup>60</sup> Idem, p. 41.

como, por exemplo, a noção de instituição, formação, ou até mesmo de tradição, tal como formuladas por Raymond Williams. Antes de iniciar a abordagem desses conceitos, apresentaremos mais algumas propostas de classificação tipológica de periódicos, a fim de demonstrar como o próprio arquivo se manifesta, criando armadilhas e emboscadas aos que tentam *descrevê-lo* sob somente uma égide. Vale destacar que não procuramos uma tipologia universal: queremos apenas, ao confrontar as diferentes classificações, reforçar nossa perspectiva de compreensão do arquivo, da necessidade de *inventar* o arquivo, ao invés de tentar totalizá-lo.

Pablo Rocca, por exemplo, em seu artigo traduzido e publicado no Boletim de Pesquisa NELIC, intitulado *Por que, para que uma revista?*, apoia-se em Gramsci a fim de apresentar sua tipologia:

Um conceito de Gramsci: periodismo “*integral*”, ou seja, “*aquele que não só trata de satisfazer todas as necessidades (de certa categoria) de seu público[,] mas que se esforça para criar e desenvolver estas necessidades e, por isso, estimular, em certo sentido, seu público e aumentá-lo progressivamente*”<sup>61</sup>. Entre os tipos de revistas, Gramsci distinguia três modelos fundamentais: um, que combina elementos diretivos; um segundo tipo “*crítico-histórico-bibliográfico*”, um terceiro que resulta da “*combinação de alguns elementos do segundo tipo e de semanários ingleses*

---

<sup>61</sup> GRAMSCI, Antonio. *Los intelectuais y la organización de la cultura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000, p. 149.

*como o Manchester Guardian Weekly, ou o Times Weekly*”. Desse modo um pouco vago, ele distingue esses três níveis, e termina por postular uma lei: cada um deles “*deveria ter uma redação homogênea e disciplinada; portanto, poucos colaboradores «principais» para escrever o corpo essencial de cada número*”<sup>62</sup>.<sup>63</sup>

A partir do conceito de Gramsci, o qual estipula três modelos distintos para que um periódico entrasse nesse arquivo *periodismo integral*, Rocca estipula sua própria tipologia, também tripartida. Para o pesquisador uruguaio, os periódicos podem ser divididos em:

1) Revistas institucionais ou acadêmicas: protegidas ou financiadas por verbas de uma instituição oficial. Em geral, segundo Rocca, não intervém na vida cultural ativa, pondo-a de lado ou tratando-a como material de trabalho ou de estudo. Nota-se que Rocca afirma exatamente o contrário de Dimas quanto às revistas institucionais.

2) As revistas propriamente culturais: a que Rocca chama também de revistas de intervenção, as quais aparecem no debate cultural por conta própria, com escassas possibilidades de sobrevivência, sem ou com pouco apoio financeiro ou estrutural.

---

<sup>62</sup> Idem, p. 155-156.

<sup>63</sup> ROCCA, Pablo. *Por que, para que uma revista?* In: **Boletim de Pesquisa NELIC** – Instabilidades e Modernismos, v. 07, n. 10, 2007, p. 06.

3) Exceções: revistas que Rocca elenca como não enquadradas nas duas categorias apresentadas. São revistas que, segundo o autor, "mantêm um difícil equilíbrio em relação ao poder oficial, orientadas para um mundo de referências acadêmico, mas não renunciam à publicação de textos 'de ficção' e textos de 'intervenção' na polêmica do presente" <sup>64</sup>.

A classificação proposta por Rocca é altamente complicada, demonstrando, por parte do pesquisador uruguaio, um certo desconhecimento da produção periódica brasileira. Elencar a revista brasileira **Cult**, por exemplo, como uma revista *propriamente cultural* é bastante problemático, afinal, foge da própria definição de Rocca de serem essas revistas de escassos recursos e pequenas chances de sobrevivência. A revista **Cult** é uma revista de ampla circulação, com ênfase na divulgação literária, com um público amplo e apoio institucional de editoras e instituições financeiras. Outra distinção possível é a partir da forma de venda das revistas. **Cult** é oferecida a seu público em bancas de jornal e não em livrarias, atingindo um público diferente de revistas alternativas ou institucionais. Porém, a classificação de Rocca nos fornece argumentos suficientes para desmontar também a proposta de

---

<sup>64</sup> Idem, p. 07 – 08.

Dimas, principalmente quando o autor de *Rosa-Cruz* afirma que as revistas institucionais refletem as expectativas de renovação do padrão cultural. Renovação não, e sim manutenção, afinal, as revistas institucionais possuem forte ligação com a noção de tradição – a qual veremos logo mais adiante, a partir de Raymond Williams.

Assim, queremos apenas notar o quão ardiloso pode ser um arquivo. Qualquer que seja a tipologia proposta, sempre haverá um arquivo referencial, assim, sempre haverá problemas e contraexemplos a serem apresentados. O que reforça a atitude aqui proposta de não somente *descrever* o arquivo – pois isso a nada nos leva – mas sim *inventar*, propor diferentes caminhos, traçar diferentes percursos dentro do arquivo no estudo dos periódicos.

Porém, não pretendemos também invalidar todos os trabalhos e pesquisas que propõem categorias e tipologias para o estudo de periódicos. Propor tipologias torna-se, inclusive, fundamental na tentativa de propor novos movimentos dentro do arquivo. Podemos notar, por exemplo, que há elementos e categorias comuns dentro das diferentes tipologias propostas. Podemos nos apoiar na proposta de Maria Lucia de Barros Camargo em seu ensaio *Sobre revistas, periódicos e qualis tais*, de compreender o que é uma revista:



quando buscamos a palavra em seu estado de dicionário, vemos que o verbete aparece duas vezes. Num deles, encontramos as acepções derivadas de "re+vista", ou seja, ato de examinar, de ver outra vez, de ver detidamente, de inspecionar (que inclui o uso militar do termo, "passar em revista"), definição que se aplica, em sentido amplo, ao exercício da crítica, matéria das revistas; no segundo verbete, e o que em princípio nos interessa mais diretamente, vemos que "revista" é:

Publicação periódica, destinada a grande público ou a público específico, que reúne, em geral, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração etc. (Algumas revistas destinam-se a um público especializado, assumindo, portanto, um determinado formato [...]) ETIM trad. do inglês, *review*, "publicação periódica dedicada principalmente a críticas e ensaios".<sup>65</sup>

O que Camargo procura mostrar é que a própria definição de revista é pantanosa, difícil de estabilizar em argumentos ou muito genéricos que nada definem ou em categorias muito específicas, que restringem por demais. A própria definição de revista precisa ser constantemente re+vista, não só por olhar de novo um novo arquivo – afinal cada olhar gera um novo arquivo – mas também perfilar o arquivo a fim de passar em revista a procura de dissidências. Ou seja, a fórmula apresentada por Camargo mais adiante em seu ensaio torna-se aqui extremamente pertinente: a cada revista, uma revista. Essa compreensão leva água ao moinho da metodologia adotada

---

<sup>65</sup> CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Sobre revistas, periódicos e qualis tais*. In: **Travessia 40 / Outra Travessia 1**, 2003, p. 23.

pelo projeto *Poéticas Contemporâneas* para o estudo de periódicos. Ao não se propor a uma *descrição* única, universal, o projeto possibilita e "instrumentaliza" o pesquisador de diferentes argumentos a fim de traçar seu caminho dentro do arquivo, ainda que a metodologia de indexação seja única para todos os periódicos.

### **2.3.2 Formações, Instituições e Tradição: manobrar diferentes usos para / no arquivo**

Dentre os diversos elementos aglutinadores de um arquivo de periódicos, percebemos, nas diferentes tipologias apresentadas, três noções fundamentais na leitura de um arquivo: Formação, Instituição e Tradição. A partir de Raymond Williams, o projeto *Poéticas Contemporâneas* adota as concepções apresentadas nos livros *Marxismo e Literatura e Cultura* a fim de entender a tríade do arquivo. Ao falar de tradição, Williams lembra que o conceito foi radicalmente negligenciado pelo pensamento cultural marxista, principalmente por ter o marxismo entendido a tradição somente como uma sobrevivência do passado. Porém, o autor

nos lembra que o "sentido incorporador da tradição é forte"<sup>66</sup>, afinal, a tradição é, na prática, uma evidente expressão das forças e pressões dominantes e hegemônicas: uma tradição *seletiva*. Por tradição *seletiva*, Williams entende ser uma operação intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado que determinam e operam o processo de definição e identificação social e cultural: "num nível mais profundo, o sentido hegemônico na tradição é sempre o mais ativo: um processo deliberadamente seletivo que oferece uma ratificação histórica e cultural de uma ordem contemporânea"<sup>67</sup>.

É a tradição que propõe a continuidade dos processos identitários e de definição sociais e culturais. Assim, segundo o autor, é significativo que grande parte do trabalho mais acessível e influente da contra-hegemonia é histórico: a recuperação de áreas rejeitadas, ou a reformulação de interpretações seletivas e redutivas. Poderíamos afirmar, portanto, que é significativo que o trabalho de arquivo aqui proposto seja contra-hegemônico, histórico, colecionador e ao mesmo tempo alegorista. Por propor diferentes leituras do arquivo, por trabalhar com um arquivo determinado

---

<sup>66</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 188.

<sup>67</sup> Idem, p. 119.

historicamente; e por sua proposta de não apenas *descrever* o arquivo, e sim *inventar* diferentes usos, outras formas, perseguir outros traços, outras coleções, outras constelações. Principalmente se lembramos que a relação dos periódicos para com o seu tempo é confusa e problemática, como bem nota Rocca:

poder-se-ia vê-la assim: mais que um desafio ao tempo, a revista é um desafio *no tempo*. A literatura seria essa possibilidade de desafiar o tempo em um lapso maior que o da proximidade, que o do próximo do presente. A revista, pelo contrário, trabalha para o presente, para a difusão do conto ou do poema ou do artigo ou do capítulo de romance. Logo, com sorte, esses textos estarão destinados a circular em livro ou então a ficarem pendentes no espaço cibernético até que alguém os recolha, até que alguém os “baixe” da internet. Ou se perderão para sempre ou se transformarão em referência de nota de rodapé em alguma tese de doutorado, para regozijo de eruditos ou como monótono insumo para a obtenção de um grau ou de um cargo universitário.<sup>68</sup>

A relação entre os periódicos e o tempo é um dos maiores desafios do trabalho de arquivo. Enquanto "presume-se" que o periódico seja lançado no presente ao futuro, defendendo ideias e valores, movimentos e símbolos, notamos a presença, no arquivo, de periódicos. Mas também o periódico relaciona-se com o seu passado, (re)avaliando-o, colecionando-o. Como *Hidra*, a relação do periódico para com o tempo é múltipla,

---

<sup>68</sup> ROCCA, Pablo. *Op. Cit.* p. 01.

com várias cabeças e partidas. No próximo capítulo veremos como a revista *Rosa-Cruz* nos propõe essa reflexão diante da sua relação para com o tempo.

Essa relação também depende do estabelecimento efetivo da tradição, afinal um periódico que trabalhe com as forças de seleção da tradição tende a se perpetuar no tempo. Mas esse estabelecimento deriva fundamentalmente das forças de uma instituição. Notamos, por exemplo, na introdução desse trabalho, como a instituição IEB agiu no estabelecimento do cânone de periódicos modernistas paulistas. Porém, como bem nos lembra Williams, tais processos não dependem única e exclusivamente de instituições oficiais, mas também de *formações*. Optamos por adotar a distinção do autor de *Cultura* que separa, inicialmente, de um lado as relações variáveis entre produtores culturais e instituições sociais reconhecíveis; e noutro lado, as variáveis em que os produtores culturais se organizam, as *formações*.

Por instituição adotamos os sentidos dicionarizados de "cada um dos costumes ou estruturas sociais estabelecidas por lei ou consuetudinariamente, que vigoram num determinado Estado ou povo" e de "organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou comunidade mundial"

<sup>69</sup>. Essas duas concepções já nos auxiliam a "dar conta" da nossa compreensão de instituição, podendo ser entendidas como estruturas sociais – aqui a instituição se liga fortemente à tradição – ou como organismos públicos ou privados. Nota-se que em ambos os sentidos a função nomológica é o que rege a instituição, eis o motivo de Williams atribuir à tradição uma força de estabelecimento, uma força de lei. Periódicos institucionais, assim como arquivos, trabalham sempre com as noções de hegemonia e tradição, as quais determinam, em geral, o uso e a leitura possível para esses arquivos.

Já a segunda "estrutura" para os produtores culturais que Williams aponta, *as formações*, trabalham com formas de organização e de auto-organização que parecem, segundo o autor, muito mais próximas da produção cultural. São dentro das formações que podemos encontrar noções como a de *movimento*, ou seja, a congregação de um grupo de artistas na busca comum de alguma meta específica. Dentro do rótulo de *movimento*, podemos apontar outras denominações. *Escola*, por exemplo, é um dos rótulos possíveis para as diferentes formações enquanto movimento. A noção de escola parte da existência de um mestre a ser seguido, o qual não necessariamente desenvolve uma relação direta para com seus

---

<sup>69</sup> De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss.

discípulos, mas que cria o vínculo de ideal a ser seguido. A noção de *Escola* será mais bem problematizada no próximo capítulo, ao abordarmos as relações de homenagem que a revista *Rosa-Cruz* estabelece para com o seu mestre, Cruz e Sousa.

Outra denominação possível dentro dessa noção de formação enquanto movimento é a dos *Independentes*. Segundo Williams, são rotuladas de independentes as formações que não estabelecem vínculos com instituições – sejam elas oficiais ou apenas a figura de um mestre.

Porém, como aponta o próprio autor, as dificuldades em compreender em sua totalidade as formações culturais dão-se pelas características

das relações sociais de qualquer produção que haja um problema a respeito da definição dos objetivos de determinada organização. Essa distinção não deve ser traçada com muito rigor; problemas semelhantes ocorrem no estudo de organizações educacionais e religiosas. Porém, há geralmente uma diferença efetiva com as instituições de simples produção de mercadorias [...] e as instituições de poder e de governo, nas quais os propósitos e objetivos são implícitos.<sup>70</sup>

A discussão dos diferentes problemas metodológicos na discussão das diversas formações culturais não cabe no

---

<sup>70</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 67.

propósito deste trabalho, porém, é importante notar que diante de diferenças profundas entre instituição e formação e entre formações, Williams propõe uma tipologia quanto à organização interna das formações que pode nos auxiliar a entrar nesse arquivo de periódicos.

Dessa tipologia, interessa-nos, particularmente, a segunda categoria criada para a organização interna de uma formação, "as da que não se baseiam na participação formal de associados, mas se organizam em torno de alguma *manifestação pública coletiva*, tal como uma exposição, um jornal, ou periódico do grupo" <sup>71</sup>. Essa tipologia, a qual apresenta casos de sobreposição, nos auxilia a pensar algumas características e organizações internas da revista *Rosa-Cruz*. Essas características e organizações, vale destacar, só foram visualizadas através da metodologia de indexação proposta pelo projeto *Poéticas Contemporâneas*.

Apresentaremos, no capítulo seguinte, como a indexação nos levou a percorrer um caminho diferente daquele percorrido por Antonio Dimas a partir do roteiro de pesquisa do IEB, principalmente ao nos apoiarmos nas noções aqui apresentadas de arquivo, instituições, formações e *invenção*.

---

<sup>71</sup> Idem, p. 68. Grifos do autor.



### 3. Exumando rosas – procurando (por) símbolos

Cassiano Tavares Bastos proferiu, em 24 de setembro de 1921, na última das quatro vesperais literárias organizadas pelo escritor Adelino de Magalhães, realizadas na Biblioteca Nacional, a fala *Como surgiram os místicos da “Rosa-Cruz”*. Publicado pela primeira vez no *Jornal do Comércio*, de 14 de março de 1937, o texto recebeu modificações e foi reunido com outros ensaios de Tavares Bastos no livro *O simbolismo no Brasil e outros escritos*, publicado pela livraria São José, em 1969. Em seu ensaio, o mais jovem membro da revista *Rosa-Cruz* afirma que

num tempo que já vai longe, floresceu aqui no Rio um pequeno grupo de jovens intelectuais que, fiéis admiradores de Cruz e Sousa, tomaram a si o piedoso encargo de manter, sempre viva, entre os contemporâneos, a memória sagrada do Dante Negro. Para esse fim, reuniram-se uma bela tarde à mesa do tradicional café da rua Gonçalves Dias e resolveram fundar uma revista literária que, de fato, apareceu e se chamou misticamente *Rosa-Cruz*.<sup>72</sup>

Esse pequeno grupo de intelectuais, sob a direção de Saturnino de Meirelles, publicou a revista *Rosa-Cruz*, objeto

---

<sup>72</sup> BASTOS, Cassiano Tavares. *Como surgiram os místicos da “Rosa-Cruz”*. In: **O simbolismo no Brasil e outros escritos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1969, p. 07.

primeiro desse estudo<sup>73</sup>, nos anos de 1901 e 1904, podendo ser, assim, dividida em duas fases. A primeira fase da revista constitui-se de quatro números, de junho a setembro de 1901. Já na segunda fase são três fascículos, de julho a setembro de 1904.<sup>74</sup> Vale notar que Tavares Bastos aponta um pequeno grupo de intelectuais, jovens, que em uma bela tarde resolveram fundar uma revista em homenagem. Ou seja, mesmo acusando uma formação, um grupo, a revista *Rosa-Cruz* não surge como um projeto planejado de futuro, uma manifestação de um movimento, um baluarte de uma estética. A revista *Rosa-Cruz* já nasce com a particularidade de ser *Janus*. De estar voltada para trás, enquanto homenagem; e projetada à frente, enquanto uma revista de um jovem grupo, publicando seus primeiros textos. De acordo com as estatísticas geradas através da Base de Dados de indexação do NELIC, a função homenagem da revista *Rosa-Cruz* corresponde a 16 colaborações de Cruz e Sousa, entre sonetos inéditos – que serão reunidos no livro *Últimos Sonetos*, em 1905 – e alguns poemas em prosa republicados. O poeta catarinense é o maior

---

<sup>73</sup> Afinal, podemos considerar o livro de Dimas também um objeto de pesquisa, assim como o próprio arquivo funciona aqui também como *corpus*.

<sup>74</sup> A diferenciação entre número e fascículo é da própria revista, levando a entender que o próprio editor reconhece nela suas duas fases. Como veremos mais adiante, aparecem novos nomes, mas não há mudanças significativas – gráficas ou textuais – que diferenciem as fases por projetos.

colaborador da revista, com 12,21 por cento dos textos. Seguido do próprio diretor, Saturnino de Meirelles, com 13 textos ou 9,92 por cento.

A redação da revista *Rosa-Cruz*, durante a sua primeira fase, estava situada à Rua 07 de Setembro, número 157. Já na segunda fase, mudou-se para a Praça Tiradentes, número 83, ambas na cidade do Rio de Janeiro e a quatro quadras de distância da Praça da República. Uma breve excursão histórica nos remete ao Rio de Janeiro recém república, capital do país, atravessando uma série de reformas urbanísticas durante a administração do prefeito Engenheiro Pereira Passos e do presidente Rodrigues Alves. O grande projeto de saneamento e modernização da cidade do Rio de Janeiro teve apoio também na figura do Dr. Oswaldo Cruz, responsável pelos planos de saneamento em busca da erradicação de doenças como a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. As grandes reformas realizadas culminaram na revolta popular que ficou conhecida como *A revolta da Vacina*, em resposta à lei da Vacina Obrigatória, de 31 de outubro de 1904. A presença da redação da revista *Rosa-Cruz* na movimentada Praça Tiradentes talvez possa ser apontada como um dos fatores para o encerramento das atividades da revista. A Praça Tiradentes foi um dos

diversos palcos das barricadas durante a Revolta da Vacina<sup>75</sup>. As reformas urbanas, as revoltas populares, os prejuízos financeiros, a debilitada saúde do diretor da revista foram os fatores determinantes para propagar na redação da revista *Rosa-Cruz* o *Mal dos sete números*<sup>76</sup>.

Mudou, também de acordo com a fase, a tipografia responsável pela impressão. Em 1901, a Tipografia do Instituto Profissional imprimiu os quatro números, com suas 162 páginas. E, em 1904, a Tipografia Leuzinger – a mesma que publicara o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, entre 1881 e 1882 – imprimiu os três fascículos, com suas 116 páginas.

Temos, portanto, a revista *Rosa-Cruz*, assim organizada:

Nº. I – Junho de 1901 – página 01 a 44.

Nº. II – Julho de 1901 – página 45 a 90.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> Para estudos mais aprofundados acerca da Revolta da Vacina sugerimos os trabalhos que aqui foram consultados: CARVALHO, José Murilo de. *Sobre o pré-modernismo*. 1988. *Os bestializados*. 1987. SANTOS, Joel Rufino. *Quatro dias de rebelião*. 1989. SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da Vacina*. 1993.

<sup>76</sup> Atribui-se a Olavo Bilac a autoria da frase sobre o Mal dos Sete números. De acordo com Bilac, as revistas literárias padeciam desse mal, não conseguindo imprimir mais que o seu sétimo número. A revista *Rosa-Cruz* é um exemplo perfeito.

<sup>77</sup> Nesse número, como bem observa Dimas, em seu livro *Rosa-Cruz*, há dois erros de paginação: a página 84 está repetida, em lugar da página 86; e 140

N.º III – Agosto de 1901 – página 91 a 130.

N.º IV – Setembro de 1901 – página 131 a 162.

F.º I – Julho de 1904 – página 01 a 44.

F.º II – Agosto de 1904 – página 45 a 76.

F.º III – Setembro de 1904 – página 77 a 116.

A revista, ou melhor, o microfilme contendo a reprodução da revista foi adquirido para incorporar o acervo de periódicos do NELIC através do programa de reprodução de acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Atualmente, a Biblioteca Nacional possui uma cópia em microfilme, rolo número PR-SPR 177-181, em um total de 172 fotogramas. O mesmo rolo conta com as revistas **Rio Revista** (1895), **Thebaia** (1895), **Vera-Cruz** (1898-1899) e **Terra de Sol** (1924). Os originais da revista *Rosa-Cruz* estão atualmente depositados na seção de periódicos da Coleção Plinio Doyle, da Fundação Casa de Rui Barbosa, como atesta o *catálogo de periódicos da Coleção Plinio Doyle*. Os exemplares de Doyle pertenceram antes a Múcio Leão, que por sua vez os ganhou de Josué Montello em 01 de abril de 1941, conforme dedicatória na capa do primeiro número de 1901: “Ao Múcio Leão, lembrança muito cordial de Josué Montello, Rio, 1/4/41”.

---

da página 68 passa-se à página 71. Os erros referem-se somente à numeração, não influenciando na continuidade dos textos.

A microfilmagem, realizada dentro do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos – iniciado em 1982, o qual atualmente já atingiu uma marca superior a 5.000 títulos microfilmados<sup>78</sup> –, utilizou os originais da Fundação Casa de Rui Barbosa. Como exigência da Biblioteca Nacional, as normas de reprodução e o termo de responsabilidade de uso do microfilme podem ser consultados nos apêndices desse trabalho.

Porém, por definição, como vimos no primeiro capítulo, uma revista é algo passageiro, feito com materiais menos duráveis, se compararmos com livros, o que dificulta a sua conservação em arquivos, acervos ou bibliotecas. Assim, poucos são os institutos, fundações ou bibliotecas devidamente equipados para manutenção e conservação de arquivos de periódicos, mesmo assim longe do ideal. Mesmo que o projeto de microfilmagem da Biblioteca Nacional já tenha atingido a impressionante marca de mais de 5.000 títulos, o suporte microfilme não é o ideal a ser perseguido, uma vez que é preciso, para o trabalho, um leitor de microfilmes, uma máquina que além de ser de grandes proporções – em uma época de extrema portabilidade como a atual – tem seu custo

---

<sup>78</sup> Dados retirados do site da Fundação Biblioteca Nacional <[http://www.bn.br/portal/index.jsp? nu\\_pagina=72](http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu_pagina=72)>, Acessado em 08 de setembro de 2010.

relativamente elevado. Nota-se uma maior preocupação por parte do Governo e de empresas públicas em investir na estruturação e em equipamentos de manutenção, conservação e reprodução em acervos brasileiros<sup>79</sup>. Para ilustrar esses investimentos, em 2009, com o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, a Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina adquiriu um leitor / digitalizador de microfimes, através do qual foi digitalizada a revista *Rosa-Cruz*, gerando os arquivos que podem ser encontrados no DVD anexo.

O aumento nos investimentos em equipamentos para acervos e bibliotecas tende a democratizar o acesso aos periódicos, a facilitar o trabalho de recuperação, restauração e pesquisa nesse tipo de acervo, além de ampliar a preservação desse rico material, através da ampliação de acervos digitais de periódicos.<sup>80</sup> Espera-se, portanto, que essa maior acessibilidade

---

<sup>79</sup> Em 2010, agências como o CNPq, a Capes, e bancos como o BNDES e o Banco do Brasil, para citar alguns exemplos, lançaram editais de apoio à estruturação e melhorias em bibliotecas ou acervos institucionais em todo o país. O Programa de Preservação de Acervos 2010, do BNDES, por exemplo, destinou R\$ 24 milhões para a seleção pública desse ano. Participam da seleção instituições como o Museu Nacional, a Academia Brasileira de Letras, além de diversas universidades brasileiras. As informações acerca do Programa estão disponíveis em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Areas\\_de\\_Atuacao/Cultura/Acervos/](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Areas_de_Atuacao/Cultura/Acervos/)>. Acessado em 28 de outubro de 2010.

<sup>80</sup> Talvez um entrave aos projetos de digitalização de periódicos no Brasil seja a questão legal de Direitos Autorais, cuja legislação proíbe a reprodução, portanto, a digitalização – ainda que para fins exclusivos de conservação – de materiais sob o período de 70 anos após a morte do autor.

reflita em uma maior produção em torno dos periódicos brasileiros, como demonstra a grande procura pela máquina digitalizadora de nossa biblioteca, sendo necessário marcar horas de trabalho, às vezes, com mais de um mês de antecedência.

### **3.1 A revista *Rosa-Cruz* e seu entorno**

Após exaustiva pesquisa<sup>81</sup> nos acervos digitais de bibliotecas de várias universidades brasileiras, a saber, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de São

---

O Ministério da Cultura, junto com a Fundação Biblioteca Nacional, a Fundação Casa de Rui Barbosa e outras entidades, trabalham em um projeto de lei que regulamentaria a digitalização para fins de conservação, pesquisas acadêmicas, ou de obras de grande relevância que já estejam esgotadas. Esse projeto de lei passou, nesse ano de 2010, por uma consulta pública, recebendo mais de 8 mil contribuições. O projeto de lei deve ser apresentado ao Senado Brasileiro já em 2011.

<sup>81</sup> Essa pesquisa foi realizada pela busca através dos catálogos on-line das bibliotecas, dos portais e dos repositórios. Tal busca dividiu-se em: pelas palavras-chave “Rosa-Cruz”, “Saturnino de Meirelles”, “Revista Simbolista”, “Revistas do início do séc. XX”, “Simbolismo em Revista”; pelos anos de 1890 a 1910 como assunto, época ou data; por autores, testando todos os nomes dos autores publicados em Rosa-Cruz gerados pelo relatório geral de indexação. Assim, dentro dessa metodologia de pesquisa adotada, pois era necessário um corte, temos um universo de resultados. Aplicando o filtro “Rosa-Cruz” como assunto, como citação ou como referência, cheguei à lista de referências aqui adotada. Essa metodologia me permite pensar um universo de pesquisa e afirmar que, dentro desse universo, dentro do mundo criado, o que há é o que aqui está arrolado. E também me exige de haver outros estudos aqui não citados.



Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, além do Portal de Periódicos, do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e da Biblioteca do Itamaraty, o único estudo dedicado **exclusivamente** a Rosa-Cruz localizado é o livro de Antonio Dimas, *Rosa-Cruz (contribuições ao Estudo do Simbolismo)*.

Há outros estudos que citam a revista, apontam sua marca na historiografia dos periódicos brasileiros, como o livro de Nelson Werneck Sodré, *A história da Imprensa no Brasil*. Sodré apresenta a revista, a situa na cronologia dos periódicos e cita os *principais* nomes colaboradores. Mesmo assim, a revista é apenas citada, tanto que o autor aponta Flávio da Silveira e Bernardes Sobrinho como alguns dos grandes colaboradores da revista<sup>82</sup> quando, na verdade, ambos só publicaram uma vez, em um universo de 131 colaborações. Um sintoma de que Sodré cita a revista a partir de outras referências, sem ter tido contato próximo com a produção.

Nessa desatenção não incorre Vera Lins, em seu *Gonzaga Duque: a estratégia do franco-atirador*. Em sua

---

<sup>82</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 81.

dissertação de mestrado, Lins cita a revista *Rosa-Cruz* apenas para situá-la dentre as revistas simbolistas e afirmar que *Rosa-Cruz* teve uma vida curta e a radical posição de não aceitar anúncios em suas páginas<sup>83</sup>, apesar de não elencar nenhum dos colaboradores.

Brito Broca também cita duas vezes a revista *Rosa-Cruz*, em seu *A vida literária no Brasil – 1900*<sup>84</sup>. Na primeira vez, apenas situa a revista dentre as outras revistas simbolistas e na segunda apresenta alguns detalhes, como datas de publicação, cidade, direção. Broca apresenta os nomes dos colaboradores e incorre no mesmo erro de Sodré, citando nomes como o de Mário Tibúrcio, o qual não publica na revista, e esquecendo-se de Castro Menezes, o quarto em número de colaborações, atrás somente de Saturnino de Meirelles, o diretor; de Cruz e Sousa, o homenageado; e de Luis Delfino.

Luciana Stegagno-Picchio, em seu *História da Literatura Brasileira*, também apenas elenca a revista *Rosa-Cruz* ao

---

<sup>83</sup> LINS, Vera. *Gonzaga Duque: A estratégia do Franco-Atirador*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, p. 56. Essa radical posição apontada por Lins merece atenção maior, uma vez que o fato de a revista *Rosa-Cruz* não possuir anúncios permite um desdobramento de pesquisa a fim de entender se a não existência de anúncio faz parte da proposta poética de "pureza" da arte ou se a revista *Rosa-Cruz* está tão deslocada do mercado que não havia interessados em anunciá-la. Esse é mais um dos desdobramentos possíveis que queremos elencar nesse trabalho, mas que ficará como apontamento de pesquisa por não ser esse o objetivo dessa dissertação.

<sup>84</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 128 e p. 235.

apresentar as revistas simbolistas brasileiras<sup>85</sup>. O mesmo fazem Ana Luiza Martins, em seu já citado *Revistas em Revista*<sup>86</sup> – acrescentando ser a revista *Rosa-Cruz* uma revista de escola, de movimento – e Massaud Moisés, em *História da Literatura Brasileira – Simbolismo*, o qual apenas menciona a revista<sup>87</sup>, sem apresentar nomes ou referências ao grupo.

Em outros trabalhos historiográficos da literatura brasileira, a revista *Rosa-Cruz* sequer é citada, como, por exemplo, na *Apresentação da Poesia Brasileira*, de Manuel Bandeira, ou no *De Anchieta a Euclides: Breve História da literatura Brasileira*, de José Guilherme Merquior.

Cassiana Lacerda Carollo, em seu *Decadismo e Simbolismo no Brasil* também cita a revista *Rosa-Cruz*, republicando trechos das cartas de Saturnino de Meirelles à Tavares Bastos, já publicadas no livro de Bastos de 1969. Mesmo sendo um volume unicamente dedicado ao simbolismo no Brasil, Carollo não apresenta a revista *Rosa-Cruz* de maneira adequada, afirmando inclusive que a revista possui somente seis números, quatro de 1901 e dois de 1904<sup>88</sup>.

---

<sup>85</sup> STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2004, p. 346.

<sup>86</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Op. Cit.*, p. 144.

<sup>87</sup> MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1985, p. 18.

<sup>88</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil*. 1980, p. 215.

Porém, como podemos perceber a partir do breve histórico dos estudos de periódicos no Brasil, realizado na introdução deste trabalho, a área de pesquisa em revistas ainda é muito recente, não “permitindo” duplicações, (re)trabalhos sobre as mesmas revistas. Tem-se 40 anos de pesquisas para “dar conta” de mais de 200 anos de imprensa. Assim, é muito difícil encontrar diferentes trabalhos cujo foco esteja sobre o mesmo objeto.

Do estudo de Dimas, desenvolvido como dissertação de mestrado, escrito em 1969 e defendido em 1970<sup>89</sup>, podemos afirmar, portanto, ser o único **exclusivamente** sobre a revista *Rosa-Cruz*. O próprio Dimas explica seu trabalho:

esta pesquisa sobre o grupo simbolista reunido em torno de *Rosa-Cruz* [...] faz parte de um amplo projeto desenvolvido no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, no sentido de se exumar periódicos literários, importantes para a compreensão mais apurada do desenvolvimento de nossa literatura.

Dessa forma, depois de apresentar rapidamente dados técnicos sobre a publicação (direção, periodicidade, divisão interna, e feitiço gráfico), nosso trabalho tenta reconstruir as origens do grupo, suas dificuldades e a dissidência final.

E o estudo se segue na análise das três categorias que Dimas propõe para pensar a revista: produção poemática, prosa poética, prosa não poética. É sintomático que Dimas tenha

---

<sup>89</sup> Conforme nota na introdução do livro de Dimas.

escolhido o termo *exumar* para referenciar o seu próprio trabalho. Se hoje nós temos um maior investimento na qualificação de acervos e arquivos, há 40 anos tínhamos condições precárias de reprodução de acervo. *Exumar* a revista *Rosa-Cruz* significa também dar a ela uma sobrevida, uma possibilidade de sobrevivência na historiografia de periódicos brasileiros, afinal, é graças à exumação de Dimas que hoje esse trabalho se faz possível. Exumar ultrapassa a dimensão do revirar o *caput mortum* para servir também como ferramenta de retorno à vida, retorno ao arquivo.

Porém, por ter sido apenas o terceiro trabalho acerca de periódicos orientado por José Aderaldo Castello, no IEB, e relacionando com a opção seletiva do Instituto pelas revistas modernistas e / ou paulistas – a partir da tese de Cecília de Lara, com as revistas **Klaxon** e **Terra Roxa e outras terras** – talvez o estudo de Dimas se justifique mais como um *trabalho de campo*, ou um teste para elaboração e aplicabilidade do *Roteiro de Pesquisa* do projeto de Castello, para as pesquisa em periódicos no IEB. Essa hipótese se confirma pela forte guinada no foco de atuação do projeto a partir da tese de Cecília de Lara, a primeira *tese* a ser orientada pelo então diretor do IEB. É importante ressaltar que essa hipótese não desmerece nem diminui em nada o trabalho de Dimas sobre a revista *Rosa-Cruz*; não à toa, o pesquisador deu continuidade

aos seus estudos, trabalhando com a revista **Kosmos** em seu doutorado – a tese de Dimas até hoje é referência nos estudos de periódicos. Porém, é preciso destacar que o trabalho de Dimas ia um pouco na "contramão" do que era a proposta do projeto do IEB, do que era a força do arquivo de Mário de Andrade. A revista *Rosa-Cruz* não faz parte do acervo do IEB, tendo Dimas a reunido a partir de coleções particulares não determinadas pelo pesquisador em seu trabalho. Mais um argumento na tentativa de mostrar que as produções iniciais do projeto de pesquisa em periódicos do IEB estava, à época da produção de Dimas, ainda testando seus propósitos. A partir do trabalho de Lara a força do arquivo de Mário de Andrade se impõe e a pesquisa do projeto do IEB se concentra em periódicos tidos por modernistas, conforme vimos no começo desse trabalho.

Agora, além dos dois estudos já apresentados, de Dimas e de Cassiano Tavares Bastos, um terceiro é indispensável a qualquer proposta de trabalho sobre o movimento simbolista brasileiro, seja em suas revistas, em seus poetas ou suas ausências: o *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, de Andrade Muricy. A vasta obra de referência – escrita por Muricy até idos de 1946 – foi publicada pela primeira vez somente em 1952, através do Conselho Federal de Cultura e do

Instituto Nacional do Livro. Em 1969, mesmo ano em que são reunidos os ensaios de Tavares Bastos em livro, Muricy é convidado a reeditar seu *Panorama*, pelo mesmo Instituto Nacional do Livro. Feitas as devidas correções, a segunda edição da obra é publicada, agora em dois volumes, em um total de 1347 páginas, em 1973, época em que Jarbas Passarinho era o Ministro da Educação e Cultura.

Assim, os três estudos, de Dimas, de Tavares Bastos e de Muricy podem ser considerados como balizas na produção dessa dissertação, uma vez que deles tirei grande parte das informações necessárias para pensar e entrever as correspondências percebidas através da indexação da revista. Desses três nomes, não haveria fuga, afinal, o trabalho de Dimas apresenta como apêndice a sua dissertação depoimentos / entrevistas feitas com Tavares Bastos e Andrade Muricy. Vale destacar que, excluindo o exumador Dimas, os outros dois estudos são de simbolistas, sobre o simbolismo, ou seja, é preciso estar atento às artimanhas dos peixeiros a venderem seus peixes.

### **3.2 Observando pétalas**

Diversos são os aspectos que provocam incômodos ou inquietações ao olhar a revista *Rosa-Cruz*, a começar pelo título. Se Dimas já cumpriu a tarefa de exumar a rosa, esse capítulo pretende examinar esse *caput mortuum*, seu conjunto e suas pétalas. Assim, aqui apresentarei os dados extraídos da indexação realizada na base de dados de indexação do NELIC, e apresentarei também como a indexação me "fez" ver alguns aspectos e estruturas da revista que em uma leitura prévia passaram despercebidos.

Uma breve análise codicológica<sup>90</sup> – de acordo com os pressupostos filológicos – nos revela que as atuais condições dos originais da revista *Rosa-Cruz* são precárias. Através dos fotogramas microfilmados percebemos que a coleção possui diversas manchas, como demonstra a figura 06, a capa do primeiro número, de 1901, além de páginas carcomidas e decompostas. Além disso, o microfilme reproduzido pela Biblioteca Nacional

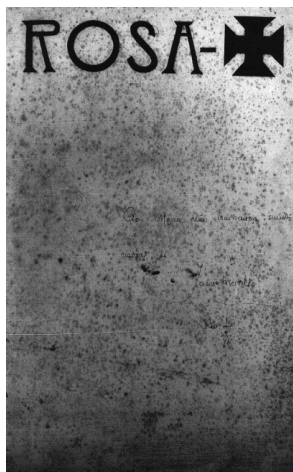


Figura 06 – Capa revista *Rosa-Cruz*, n.01, 1901. Apresenta diversas manchas e sinais de desgaste natural pelo tempo.

---

<sup>90</sup> A codicologia é o estudo do suporte material de documentos, de suas condições de conservação, aspectos físicos etc.



contém algumas páginas que foram erroneamente microfilmadas, com problemas de foco e centralização, principalmente nas páginas 42 a 44 do primeiro número, de 1901. Essas páginas encontram-se no microfilme e, por conseguinte, na digitalização, com o texto bastante desfocado, quase impedindo a correta leitura, além de estarem bastante tortas. Essas condições reconhecidas através do microfilme nos levam a acreditar que uma edição fac-similar da revista seria bastante complicada, exigindo a digitalização diretamente a partir dos originais, além de um tratamento e correção de imagens intensos.

Já a análise diplomática<sup>91</sup> – ainda de acordo com os pressupostos filológicos de análise de documentos – nos revela que a revista *Rosa-Cruz* não apresenta divisões internas em seções e mantém sempre a mesma ordem de publicação desde sua capa, seguida pelo sumário, pela folha de rosto e, por fim, pelo miolo. Não há seções de ensaios ou poemas. A sequência dos textos é definida de maneira arbitrária, portanto, não é possível estabelecer um modelo de ordenamento dos textos. Há algumas “coincidências”, como a presença marcante de textos ou de Saturnino de Meirelles ou de Castro de Menezes após os

---

<sup>91</sup> É a análise formal e estrutural de documentos, conforme BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

textos de Cruz e Sousa. Mas isso não é suficiente para criar um ordenamento para a revista completa. A revista também não apresenta uma contracapa ou uma página de encerramento. As poucas iconografias presentes na revista, um total de 04, servem sempre de apoio a um texto, sendo todas retratos dos autores cujos textos a iconografia ilustra, e todas assinadas por Mauricio Jubim.

A capa é sóbria, contendo somente o nome da revista disposto com a palavra ROSA em



Figura 07 – Cruz Pátea

maiúsculas, hífen, e uma cruz pátea, conforme a figura 07.

Essa ligação explícita com a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, assim como o título da revista não foi explicado por nenhuma das três balizas adotadas para esse estudo. Nem mesmo Tavares Bastos, em seu *Como surgiram os místicos de “Rosa-Cruz”*, faz menção ao nome da revista. O que, de certa maneira, frustra o seu leitor, que vai à procura de seu texto com a expectativa de encontrar explicações sobre os **místicos** de *Rosa-Cruz*. E Dimas, quando a oportunidade teve, de questionar a Tavares Bastos ou a Muricy acerca do nome da revista, não o fez, conforme os depoimentos publicados no apêndice do seu livro *Rosa-Cruz*.

Temos, portanto, três ligações entre a revista e diferentes ordens católicas ou maçônicas. A primeira delas é através do título *Rosa-Cruz*. A ordem Rosa-cruz<sup>92</sup> é uma congregação que foi conhecida publicamente apenas no século XVII e cuja origem é controversa. Para alguns teóricos, a ordem está inserida em uma tradição esotérica ocidental, ligada principalmente a uma corrente do pensamento hermenêutico cristão, esse, por sua vez, relacionado por alguns à publicação de *A divina comédia*, de Dante. Para outros historiadores, a Ordem está relacionada com um grupo de protestantes alemães, entre os anos de 1614 e 1616, da ocasião de lançamento de três manifestos: *Fama Fraternitatis R. C.*, publicado na cidade alemã de Kassel, em 1614; *Confessio Fraternitatis Rosae Crucis*, publicado na mesma cidade, um ano após; e *Núpcias Alquímicas de Christian Rozenkreuz ano 1459*, publicado em Estrasburgo, em 1616. A historiadora Frances Yates<sup>93</sup>, por exemplo, observou a grande influência desses textos no período, intitulando-o de *Iluminismo Rosa-cruz*.

---

<sup>92</sup> Atualmente, o maior centro da Ordem Rosa-cruz no Brasil está localizado em Curitiba, Paraná. Essa “pequena coincidência” de estar situada em um centro de forte presença do simbolismo no Brasil mereceria estudos mais aprofundados.

<sup>93</sup> YATES, Frances. *O Iluminismo Rosacruz*. São Paulo: Cultrix, 1983.

A Ordem Rosa-cruz teria sido fundada por Christian Rosenkreuz, um personagem mítico, cuja existência nunca foi comprovada. Alguns historiadores apontam que Rosenkreuz era apenas uma lenda, usada metaforicamente para explicitar os princípios e crenças da ordem. Em sua história, conta-se que, nascido em 1378, na Alemanha, Christian iniciou sua educação aos quatro anos, em uma abadia, na qual teria aprendido grego, latim, hebraico e magia. Após longa visita a países como Egito, Marrocos, Chipre teria retornado à Alemanha em 1407 e fundado a ordem Rosa-cruz de acordo com os ensinamentos acerca do ocultismo obtidos com seus mestres árabes. Depois, teriam fundado a Casa *Sancti Spiritus*, onde se desenvolveram seus trabalhos da fraternidade. Segundo o texto *Fama Fraternitatis*, Rosenkreuz teria falecido em 1484. O nome mais familiar dentre os membros conhecidos da Ordem é o de *Francis Bacon*, o qual teria ocupado o cargo máximo de *Imperador* na organização. Alguns boatos o ligam à autoria dos três textos-manifestos.

Uma das maneiras de verificar se a proximidade da revista *Rosa-Cruz* se dá apenas por seu título ou se está também nos seus textos e posições é cotejar os princípios da Ordem Rosa-cruz com as ideias e estéticas relacionadas na revista. Assim, a filosofia rosa-cruz pode ser definida, grosso modo, como uma defesa da fraternidade universal entre todos

os homens. Segundo as crenças da Ordem, os homens podem desenvolver suas potencialidades para tornarem-se melhores, mais sadios e felizes. Os pilares das ações da Ordem são o autoconhecimento e a manifestação da real natureza espiritual. E sua trindade pode ser explicitada pelos verbos sentir, pensar e agir, na busca pela constante evolução humana rumo à pureza espiritual e à paz total.

Esses princípios podem ser lidos em alguns dos textos publicados na revista *Rosa-Cruz*, como, por exemplo, o soneto de Carlos D. Fernandes, *A voz das Origens*, do primeiro número de 1901:

#### A VOZ DAS ORIGENS

Todo ser, que nos círculos da Vida  
Girando em convulsões e ânsias palpita,  
Aspira à placidez indefinida  
Da celeste mansão que o sonho habita.

Toda a alma que os anima foi proscripta  
D'essa eterna região desconhecida,  
De cuja natureza, em vão cogita  
O esforço da razão sempre vencida.

Da ave que voa ao verme que rasteja,  
Em todo ser, por ínfimo que seja.  
Há um secreto desejo de ascendência.

Há um vago desejo que os embala,  
Uma voz inefável que lhes fala

De um outro modo de ser n'outra existência.<sup>94</sup>

No soneto de Fernandes, os princípios rosacruzanos estão mais que expostos, estão ampliados da esfera humana para a esfera animal, da ave ao verme. Sempre o desejo de ascendência, de evolução – na qual a razão é sempre vencida – de atingir outra existência, ascender à celeste mansão onírica, sempre o desejo de imenso prazer a falar a voz das origens. Porém, essa possibilidade de ascensão é sempre reservada aos poucos de espírito sensível e evoluído, cabendo, aos mortais, o *mundo inacessível*:

#### MUNDO INACESSÍVEL

Tu'alma lembra um mundo inacessível  
Onde só astros e águias vão pairando  
Onde se escuta, trágica, cantando,  
A sinfonia da Amplidão terrível!

Alma nenhuma, que não for sensível,  
Que asas não tenha para as ir vibrando,  
Essa Região secreta desvendando,  
Falece, morre, n'um pavor incrível!

É preciso ter asas e ter garras  
Para atingir aos ruídos de fanfarras  
Do mundo da tu'alma augusta e forte.

É preciso subir ígneas montanhas  
E emudecer, entre visões estranhas,

---

<sup>94</sup> FERNANDES, Carlos D. *A voz das origens*. In: **Rosa-Cruz**, n. 01, 1901, p. 11.

N'um sentimento mais sutil que a Morte!<sup>95</sup>

Alma nenhuma que não seja sensível, que não parta do princípio da trindade rosacruziana de sentir, pensar e agir conseguiria vencer, abrir os caminhos dentre montanhas ígneas e os estranhos delírios a fim de alcançar os mundos inacessíveis de uma região secreta. Vale notar que os vínculos dos textos publicados na revista com a Ordem estão desde os novos – no caso, Carlos D. Fernandes que contava com 26 anos em 1901 –, até os textos selecionados de Cruz e Sousa.

Podemos, portanto, elencar diversos textos publicados em todos os números da revista que partilham de alguma correspondência – e vale destacar que essa correspondência é de leitura, ou seja, é uma correspondência de entrada no arquivo e não uma ligação que necessariamente está declarada na revista – para com a Ordem Rosa-cruz. Dentre os textos que podem ser destacados elencamos:

O MESTRE  
(Nuvens e Raios)

Nas tardes de janeiro, o sol no occaso, á beira  
Do mar inquieto, e ondeando á doce luz do poente,  
Parava *Elle* de olhar as vezes de repente,  
Como alguém que arfa e cai em meio da carreira.

---

<sup>95</sup> SOUSA, Cruz e. *Mundo inacessível*. In: **Rosa-Cruz**. n. 01, 1901, p. 29 – 30.

Cégo e surdo ao rumôr da natureza inteira,  
Na pallidez mortal de um marmore indifferente,  
Parecia ter ido, onde não vai a gente,  
Onde jamais chegou vôo d'águia altaneira.

Como quem surge após de um abysmo, trazia  
Nesgas d'alva cantante, e pedaços de dia  
No olhar, na fronte; e um pouco em si de cinza e lava. –

E nós: Mestre, por lá o que de nôvo achaste?  
E *Elle* erécto, bem como a flor em cima da haste:  
– Vi Prometheu no fim do céu: inda o escalava!... –<sup>96</sup>

*Como quem surge após de um abismo*, Rosenkreuz retorna de suas peregrinações em países árabes tendo avistado Prometeu, o responsável, de acordo com a mitologia, por dar aos homens o fogo dos deuses. Contamos ainda com os sonetos *Grandeza Oculta*<sup>97</sup>, de Cruz e Sousa; além dos três sonetos que compõem a sequência *Rosas Mysticas*<sup>98</sup>, de Gonçalo Jacome. Mais adiante veremos como a indexação nos "fez" ver uma possível organização e estruturação para os textos da revista *Rosa-Cruz* e dentre as categorias aqui propostas, temos a dos textos que podem ser ligados à Ordem Rosa-cruz.

---

<sup>96</sup> DELFINO, Luiz. *O mestre*. In: **Rosa-Cruz**, f. 03, 1904, p. 82.

<sup>97</sup> SOUZA, Cruz. *Grandeza Oculta*. In: **Rosa-Cruz**, f. 01, 1904, p. 06.

<sup>98</sup> JACOME, Gonçalo. *Rosas Mysticas*. In: **Rosa-Cruz**, f. 01, 1904, p. 13 – 14.



Dando sequência a análise filológica da revista, temos, seguinte a capa, o sumário, que fornece informações acerca da seriação da revista, ano, número, tipografia, além da relação – sem a paginação – dos textos publicados, na sequência título – autor. Logo após vem uma folha de rosto com as informações de valores de assinatura, os quais se mantêm nas duas fases em seis mil réis para assinaturas anuais no Brasil, três mil para seis meses e 500 para os números avulsos e, respectivamente, oito mil, quatro mil e 800 réis para o estrangeiro. A folha de rosto apresenta também a localização da redação, os avisos de “Publicação Mensal”, “a venda em todas as livrarias do Brazil” (sic), e “toda correspondência relativa à redação ou administração deve ser dirigida a SATURNINO DE MEIRELLES, Diretor da Revista”.

Continuando a análise diplomática da revista, nas páginas internas pares apresenta-se a numeração em posição superior



Figura 08 – Cruz de Cristo

esquerda e o título da revista com a palavra ROSA em maiúsculas, hífen, e a Cruz de Cristo na posição superior direita, conforme figura 08. Nas páginas internas ímpares, as posições se invertem. Porém, essas informações não aparecem em todas as páginas, sem uma lógica aparente, o que nos leva à

segunda ligação da revista *Rosa-Cruz* com ordens católicas ou maçônicas. Se o título pode estar ligado à Ordem Rosa-cruz, as escolhas pelas cruzes nos remetem à Ordem de Cristo ou Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Colocar tanto a Cruz Pátea – uma subcategoria da Cruz de Cristo – como vimos na capa, quanto a Cruz de Cristo nas páginas interiores pode ser entendido como uma ligação explícita, uma vez que a opção por um tipo específico de cruz em detrimento de todos os outros é sintomática.

A Ordem de Cristo é uma ordem militar e religiosa, criada em 14 de março de 1319 pela bula papal *Ad ea ex- quibus*, de João XXII, organizada a fim de substituir a Ordem dos Templários, depois dos sucessivos fracassos nas cruzadas católicas ao oriente. A extinção da ordem deu-se em 1834, ao final da Guerra Civil Portuguesa. Pelas fortes ligações não somente entre os princípios éticos e filosóficos da Ordem, mas também pelos sistemas de hierarquia e estruturação, a Ordem de Cristo está relacionada com o surgimento da maçonaria. Dentre os membros da Ordem Militar estão Bartolomeu Dias, o primeiro navegador europeu a dobrar o Cabo da Boa Esperança; Fernão de Magalhães, o primeiro navegador europeu a alcançar a Terra do Fogo; Infante D. Henrique, uma das figuras centrais das grandes descobertas da navegação portuguesa; assim como o também navegador Vasco da Gama.

162

Por sua origem comum para com a maçonaria – na Ordem dos Templários, muitas são as suspeitas de que a Ordem de Cristo foi extinta por estar mais ligada aos movimentos maçônicos do que à própria igreja católica.

Assim, são diversos os indícios que apontam para diferentes relações entre a revista *Rosa-Cruz* e movimentos místicos e religiosos. Mais adiante veremos como os textos que a revista publica podem ser agrupados através dessas ligações. Antes, porém, é preciso explorar outras relações construídas a partir da revista, a fim de melhor estruturar a categorização proposta.

### **3.3 O cão e seus frascos – ou ainda, da maceração de pétalas, perfume.**

O aviso em caixa-alta presente na folha de rosto, nomeando Saturnino de Meirelles como Diretor da Revista, reforça o depoimento de Andrade Muricy a Dimas, no qual o autor de *Panorama do movimento...* afirma que

no que se refere à organização, a organização de Rosa-Cruz era Saturnino de Meirelles. Era um moço de um desvelo, de uma dedicação prodigiosa. Filho de um pai, que era um dos maiores clínicos do Rio de Janeiro e tinha o mesmo nome do

filho: Dr. Saturnino de Meirelles. O pai lhe dava certos recursos, poucos, e ele trabalhava, gastava tudo com Rosa-Cruz. A organização, praticamente, era ele.<sup>99</sup>

Era ele, Saturnino, o nome forte da revista *Rosa-Cruz*. E por ser uma revista de um grupo, com um poeta à sua frente, é de se estranhar que a revista *Rosa-Cruz* não tenha publicado editoriais ou um “A que se deve” a fim de defender suas posições ou dizer a que veio. É de se estranhar porque essa era uma prática comum nos periódicos e revistas da época, como aponta Ana Luiza Martins, em *Revistas em Revista*:

*suprindo uma lacuna* era a chamada de apresentação recorrente nas revistas paulistas da virada do século, mas, não só. Tudo dependia do teor da publicação. Se jocosa, o *cavaco preliminar* era de rigor; se dinâmica, atenta à “velocidade” daqueles novos tempos, o *duas palavras* bastava para dizer a que vinha; se solene, um compenetrado *a que se deve* introduzia o primeiro número. No geral, todos esses artigos de fundo nada mais eram que o “narcótico habitual com que se entretêm o leitor”, de acordo com a apresentação da revista *A Borboleta*, de 1899.<sup>100</sup>

Porém, é possível delinear possíveis leituras, posições e “editoriais” nos textos, nas opções, nas escolhas que Saturnino faz, tanto na ordem de publicação dos textos, como na escolha

---

<sup>99</sup> Depoimento de Andrade Muricy a Antonio Dimas, em resposta ao questionamento “Num plano mais específico, quais os dados de que o Sr. dispõe a respeito de Rosa-Cruz: organização, circulação, projeção, realização, hegemonia do grupo etc.?” In: **Rosa-Cruz**. 1980, p. 132.

<sup>100</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Op. cit.*, 2001, p. 16. [Grifos da autora].

das contribuições estrangeiras, nenhuma feita para a revista, todas arbitrariamente selecionadas.

O texto que abre o primeiro número da revista *Rosa-Cruz*, de 1901, já na página 04, é um pequeno poema em prosa de Baudelaire, publicado em francês, intitulado *Le chien et le flacon*. Ao se oferecer um frasco do melhor dos perfumes ao cão, a reação é de asco; mas ao se oferecer *un paquet d'excréments, vous l'auriez flairé avec délices et peut-être dévoré. Ainsi, vous-même, indigne compaignon de ma triste vie, vous ressemblez au public, à quil ne faut jamais présenter des parfums délicats que l'exaspèrent, mais des ordues soigneusement choisies.*<sup>101</sup>

Eis o que pode ser lido como um editorial que diz, sem meias palavras, “a que se deve” a revista *Rosa-Cruz*, cujo objetivo é apresentar os melhores perfumes aos melhores

---

<sup>101</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Le chien et le flacon*. In: **Rosa-Cruz**, n.01, 1901, p. 04. Transcrevo a tradução completa de Leda Tenório da Mota:

O cão e o frasco

“Meu belo cão, meu bom cão, meu querido totó, aproxime-se e venha respirar um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade.” E o pobre cão, mexendo o rabo, o que é, acho, nesses pobres seres, o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, aproxima-se e curiosamente pousa o úmido nariz no frasco aberto; depois, subitamente recuando de pavor, late para mim, à guisa de reprovação.

“Ah miserável cão, se lhe tivesse oferecido um embrulho de excrementos o teria farejado com delícia e talvez devorado. Assim, até você, indigno companheiro de minha triste vida, se parece com o público, a quem nunca se devem apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas somente imundícies cuidadosamente escolhidas.” In: BAUDELAIRE, Charles. *Spleen de Paris*. Rio de Janeiro, Imago, 1995, p. 31.

narizes. O que nos faz perceber que o público que a revista *Rosa-Cruz* pretendia atingir é pequeno, restrito e não o suficiente para gerar lucro com vendas ou assinaturas da revista. Esse pode ser apontado como um dos motivos que encurtaram a vida da revista, que sofreu com o famoso “mal dos sete números” atribuído a Bilac, como apontamos anteriormente.

Em carta enviada a Tavares Bastos, datada de 01 de agosto de 1904, Saturnino de Meirelles solicita ao jovem poeta “o trabalho e os 20\$ que prometeste. Já estou cansado e me sinto cada vez mais só no meio da luta. Quero dar a revista [...] e, no entanto, falta-me dinheiro. Só posso contribuir com 100\$. [...] E a venda diminuiu muito, talvez não chegue a 70\$”.<sup>102</sup> Esse número referido por Meirelles nem chegou a ser editado, pois a crise já estava instalada. Desde o primeiro número, para editar a revista, Meirelles cobrava contribuições dos interessados a publicar, arcando ele com os maiores custos, como se percebe pela carta. Como não havia anúncios, por opção do diretor, e a vendagem não dava retorno nem ao próprio diretor, o prejuízo era maior a cada número. Se todos os números fossem vendidos a valores nacionais, de 500, para

---

<sup>102</sup> MEIRELLES, Saturnino de. Carta VIII 01 de agosto de 1904. BASTOS, Cassiano Tavares. *O simbolismo no Brasil e outros escritos*. Rio de Janeiro: São José, 1969, p. 23.

atingir os 70\$ referidos na carta, bastariam vender 140 exemplares da revista. Ou seja, o público leitor era diminuto. E com Saturnino doente, desempregado, sem apoio do grupo, a revista *Rosa-Cruz* estava terminada.

Os indícios que corroboram com a leitura do pequeno poema em prosa de Baudelaire como editorial são diversos. A começar pelo próprio nome da revista, afinal, a palavra *Rosa-Cruz* pode não fazer referências somente a misticismos ou ordem religiosas, ao contrário do que aponta Tavares Bastos, mas sim também ser uma composição muito bem engendrada de *Rosa* – perfume, *Cruz* e Sousa, levando ao extremo sua função de homenagem ao *Dante Negro*. Se levarmos em conta que o primeiro texto de Cruz e Sousa publicado, o segundo na ordem, intitula-se *Flor sentimental*, temos ainda mais indícios que fortalecem a hipótese do nome composto para a revista.<sup>103</sup>

Portanto, é sintomático também que – a corroborar a função homenagem assumida pela revista, nas palavras de Tavares Bastos – dos 16 textos de Cruz e Sousa publicados, 08 sejam precedidos ou sucedidos por textos de Saturnino de Meirelles. E não por mera coincidência, afinal, os títulos e temas dos textos do diretor da revista também são de

---

<sup>103</sup> Outro dos tantos indícios de que o pequeno poema em prosa de Baudelaire pode ser lido como um editorial é o fato de que é o único texto nos sete números da revista que não consta no sumário. Ou seja, aparece praticamente como um editorial, uma aberturada para a proposta da revista.

homenagem, por exemplo, os sonetos *O eterno guia*, *O supremo ser* e *O acordar da alma*, publicados nos números 01, 03 de 1901 e número 02 de 1904, respectivamente. Essa percepção só nos foi possível através da realização da indexação da revista, uma vez que foram os relatórios, estatísticas e listagens de textos e autores – como os índices absolutos de autores e publicações – que nos "fizeram" ver as diferentes funções possíveis dentro da revista.

Outros indícios dessas funções assumidas pela revista, ou melhor, presumidas à revista, podem ser observadas a partir dos números absolutos e percentuais de publicação, listados na tabela 01:

<b>Autores</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Número Percentual</b>
ALENCAR,Cabral de	2	1,53
AMARAL,Amadeu	1	0,76
ANDRÉA,João	1	0,76
ARAÚJO,Paulo	3	2,29
BARREIRA,João	2	1,53
BARROS,Rafaelina de	3	2,29
BARROSO,Colatino	1	0,76
BASTOS,Cassiano Tavares	5	3,82
BAUDELAIRE,Charles	1	0,76



BIGEON,Maurice	2	1,53
CARNEIRO,Mário	2	1,53
CORBIÈRE,Tristan	1	0,76
DELFINO,Luís	11	8,40
FERNANDES,Carlos Dias	9	6,87
GÓES,Carlos	2	1,53
GOMES,Roberto	1	0,76
GUIMARAENS, Alphonsus de	5	3,82
GUIMARAENS,Archangelus de	1	0,76
JACOME,Gonçalo	3	2,29
JUBIM,Maurício	4	3,05
LAUTRÉAMONT,Conde de	1	0,76
MAETERLINCK,Maurice	2	1,53
MALAGUTI,Heitor	2	1,53
MALLARMÉ,Stéphane	1	0,76
MEIRELLES,Saturnino de	13	9,92
MELO,Miguel	1	0,76
MENEZES,Álvaro de Castro	10	7,63
NIETZSCHE,Friedrich	1	0,76
PACHECO,Félix	9	6,87
PÉLADAN,	1	0,76
POMBO,Rocha	4	3,05
POMPÉIA,Raul	1	0,76
RIMBAUD,Arthur	2	1,53
SILVA,Pereira da	5	3,82

SILVEIRA, Flávio da	1	0,76
SOBRINHO, Bernardes	1	0,76
SOUSA, Cruz e	16	12,21
Totais:	<b>131</b>	<b>100,00</b>

Tabela 01 – Lista Geral de Autores

A partir da lista de autores e das estatísticas geradas pelo sistema de indexação, podemos organizar os colaboradores da revista *Rosa-Cruz* em quatro grupos. O primeiro, o grupo dos *estrangeiros*, cujas contribuições são escolhidas propositadamente para complementar as edições da revista e cuja presença contribui no mapeamento de referências e leituras da revista: João Barreira, Charles Baudelaire, Maurice Bignon, Tristan Corbière, Conde de Lautréamont, Maurice Maeterlinck, Stéphane Mallarmé, Friedrich Nietzsche, Sar Péladan e Arthur Rimbaud. O grupo dos *estrangeiros* é composto por 10 nomes e responde por 14 textos publicados, em um percentual de 10,68 de todos os textos da revista *Rosa-Cruz*.

Na contramão, Tavares Bastos afirma que:

a *Rosa-Cruz* não publicava anúncios. Não parecia nisso com as correligionárias de estética. Numa das efêmeras revistas que precederam a *Rosa-Cruz* não era assim. Só se fazia arte, e

arte simbolista. Cruz e Sousa era conservado como um Deus tutelar da publicação. Dos consagrados [dentre os da época] Luiz Delfino era o único que lhes merecia consideração. Tudo mais nada valia: “fósseis e desonestos”, na vossa classificação de então. Quando faltava matéria, transcreviam-se trechos de Nietzsche, Paul Adam<sup>104</sup>, Mallarmé, reproduziram-se rimas dos “poetas malditos”.<sup>105</sup>

A afirmação de Tavares Bastos pode ser aqui refutada por percebermos, como se deu no texto de Baudelaire, que as contribuições estrangeiras possibilitam uma leitura das seleções, propostas e desejos do grupo RC, ao editar a revista.

O segundo grupo, o famoso *trio*: Alphonsus de Guimaraens, Luis Delfino e Cruz e Sousa. Esse é o grupo dos nomes consagrados pelo grupo RC que muito os admirava e também atualmente pela crítica literária em geral. Luis Delfino era o único nome de fora do conjunto de poetas simbolistas que merecia deles alguma consideração, de acordo com Tavares Bastos. O consagrado *trio* é o que mais publica, na relação texto por autor, sendo apenas 03 nomes e correspondendo a um total de 32 textos ou 24,43% das contribuições. Metade delas, 16 ou 12,21% de Cruz e Sousa.

O terceiro grupo, o dos *menores*, contém os nomes já estudados pela crítica específica do simbolismo no Brasil:

---

<sup>104</sup> Deve-se ler pelo pseudônimo de Sar Péladan, e não Paul Adam.

<sup>105</sup> BASTOS, C. Tavares. *Como surgiram os místicos de “Rosa-Cruz”*. In: **O simbolismo no Brasil e outros escritos**. 1969, p. 09.

Álvaro de Castro Menezes, Amadeu Amaral, Archangelus de Guimaraens, Cabral de Alencar, Carlos Dias Fernandes, Cassiano Tavares Bastos, Colatino Barroso, Félix Pacheco, Flávio da Silveira, Gonçalo Jacome, Maurício Jubim, Rocha Pombo, Raul Pompéia, Paulo Araújo, Pereira da Silva e Saturnino de Meirelles. Com um total de 72 textos, e um percentual de 54,96% das contribuições, o grupo dos *menores* é o grupo dominante na revista, uma vez que “os demais colaboradores [o grupo dos ‘menores’], pouco mais de meia dúzia, concorriam com 50\$ por mês para a publicação, que sempre dava *déficit*; 50\$ mensais tirados de ordenados de repórteres ou da mesada de estudantes, calcula-se bem o sacrifício.”<sup>106</sup> Ou seja, era esse o grupo responsável pelo custeio da revista, afinal, como já vimos, a revista *Rosa-Cruz* era deficitária: cobrava-se dos autores uma colaboração, mas Meirelles ficava com a fatia maior da dívida.

O quarto e último grupo é composto pelos nomes *desconhecidos*, aqueles sem fortuna crítica consolidada à época – e muitos, senão todos, ainda hoje: Bernardes Sobrinho, Heitor Malaguti, João Andréia, Carlos Góes, Mário Carneiro, Miguel Melo, Rafaelina de Barros e Roberto Gomes. Esse grupo responde por 13 textos, 9,93% do total. Os nomes que

---

<sup>106</sup> Idem, *Ibidem*.

circulam no que chamei de quarto grupo, o grupo dos *desconhecidos*, ou não aparecem nas diversas referências anteriormente elencadas, ou aparecem muito *en passant*, sem quaisquer informações seguras o suficiente para serem creditadas. Acerca de Miguel Melo, por exemplo, a única informação localizada foi fornecida por Brito Broca, em seu *A vida literária*, ao afirmar que Melo era funcionário da Biblioteca Nacional. Apenas isso.

A divisão e os totais de contribuição dos grupos levam a crer que a revista *Rosa-Cruz* não serviu como um veículo de divulgação de textos estrangeiros e sim serviu na dupla mão de homenagear o trio, principalmente Cruz e Sousa, o maior colaborador absoluto da revista, com 16 entradas, e de, ao mesmo tempo, lançar as premissas dos “novos” simbolistas, o grupo dos *menores*. Novos não apenas por terem em *Rosa-Cruz* o primeiro veículo de publicação de seus textos, publicando na revista materiais inéditos – em alguns casos até hoje –, mas por suas idades propriamente ditas. Tavares Bastos, por exemplo, contava com 15 ou 16 anos em 1901. Paulo Araújo e Castro Menezes contavam com 18 ou 19 anos. Félix Pacheco<sup>107</sup> 22 ou 23, Saturnino de Meirelles 23 ou 24 anos.

---

<sup>107</sup> Félix Pacheco é bastante conhecido pelas suas atividades políticas, sendo eleito Deputado Federal pelo Piauí, em 1909, reeleito até 1921, quando

A presença do quarto grupo, hoje tido como *desconhecido*, pode ser mesclada ao grupo dos *menores* que, por motivos desconhecidos, não se mantiveram ligados à produção literária, ou tiveram sua produção totalmente dispersada pelo tempo, como ocorreu com o acervo deixado por Félix Pacheco à Biblioteca Municipal Mário de Andrade<sup>108</sup>.

Agora, além da categorização aqui proposta para sistematizarmos os colaboradores da revista *Rosa-Cruz*, podemos estabelecer, como afirmado anteriormente, uma categorização dos textos que a revista *Rosa-Cruz* publica através de sua temática, estrutura ou ligação semântica ou simbólica. As cinco categorias possíveis de serem lidas a partir dos textos da revista *Rosa-Cruz* são:

---

entrou para o Senado Federal. Foi ministro das Relações Exteriores no governo de Artur Bernardes, eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1912, além de ter sido o pioneiro da introdução do método de identificação Datiloscópica no Brasil, dando nome ao Instituto de Identificação Félix Pacheco, no Distrito Federal, o primeiro a ter um banco de dados de identificação datiloscópica no Brasil.

<sup>108</sup> Andrade Muricy afirma, em seu já citado depoimento a Antonio Dimas, que o acervo de Félix Pacheco, doado à Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, não foi catalogado e com o tempo se perdeu. Hoje, segundo ele, não é possível determinar quais documentos ou obras pertenciam a Pacheco. In: DIMAS, Antonio. *Rosa-Cruz*, 1980, p. 133. Em pesquisa através do site da Biblioteca Mário de Andrade, conferimos a informação de que o acervo de Pacheco está lá depositado e a identificação de quais obras pertenciam ao acervo não é possível por não ter sido feita a devida catalogação à época da aquisição.

a) Grupo *Rosa-cruz / Ordem de Cristo* (doravante grupo OC)– textos que podem ser relacionados direta ou indiretamente com as premissas e princípios das Ordens Rosa-cruz e a de Cristo, seja através de valores transmitidos, da reprodução de histórias e lendas, ou seja, através de referências explícitas e implícitas.

b) Grupo *Homenagem* – aqui reunimos as colaborações que podem ser lidos na função homenagem a Cruz e Souza a fim de verificar se a leitura da revista enquanto uma homenagem sustenta-se.

c) Grupo *Perfume Cruz* (doravante grupo Perfume) – textos que podem ser relacionados com a outra leitura proposta para o título da revista, na dupla função perfume – homenagem. Aqui estão elencados os textos que, direta ou indiretamente, possuem relações com a ideia de elevação do perfume, da aura; e os textos que exercem a dupla função perfume – homenagem.

d) Grupo *grupo* (doravante grupo RC) – esse conjunto de textos que receberam a categoria de duplo nome é composto por textos que visam defender o grupo de ataques e críticas, através de textos teóricos, críticos e de ataque aos adversários, como a José Veríssimo.

e) Grupo *patrocínio* – o último grupo na categorização aqui proposta é composto pelos textos que não

estão vinculados a nenhum dos grupos anteriores, cuja função na revista é “dar corpo” e verba para sua impressão. É o grupo das colaborações que aparecem para ajudar na arrecadação da quantia financeira necessária para publicação da revista.

Porém, antes de adentrar a explicitação de cada um dos grupos e da metodologia adotada para efetuar tal categorização, é preciso apontar a primeira discrepância a ser observada, resultado das diferentes metodologias: quanto ao número absoluto de textos publicados na revista. O modelo do projeto do IEB, como já vimos, possui um esquema reduzido quanto à classificação das publicações ao contabilizá-las, enquanto a metodologia do NELIC leva em conta a classificação das publicações (vocabulário controlado) – em poesia, crítica, ensaio etc. – a fim de não contar como texto as iconografias, por exemplo. Assim, o roteiro seguido por Dimas apresenta um número absoluto de 134 textos publicados, enquanto a gerada pelo Banco de Dados do NELIC soma 131, três a menos. Fazendo a conferência, a metodologia que Dimas adotou o levou a contar as iconografias de Maurício Jubim – no número 01, de 1901, página 06, retrato de Cruz e Sousa; no número 03, de 1901, página 94, retrato de Luis Delfino; e no número 01, de 1904, página 02, retrato de Maeterlinck – como textos publicados. A contabilidade do número total de colaboradores 176



é a mesma, 37 diferentes colaboradores. Trabalharemos, portanto, com 131 textos publicados na revista *Rosa-Cruz* que serão distribuídos nas quatro categorias acima elencadas.

Antes de finalmente adentrar na metodologia e na análise da categorização em cinco grupos proposta nessa dissertação é preciso apresentar os motivos e interesses que nos levaram a propor essa divisão.

O primeiro elemento motivador era a incômoda sensação de que ler a revista *Rosa-Cruz* como uma revista de e em homenagem a Cruz e Souza poderia ser uma armadilha de informantes. Isso porque, conforme veremos através da categorização, não há nenhum indício explícito na revista, nenhum texto, nada que aponte diretamente a essa função na revista. Essa leitura caracteriza-se, portanto, como uma leitura analítica do periódico, baseado não no *objeto* revista e sim no grupo que circula através (e adiante) dela. Alguns fatos históricos – por exemplo, foram Saturnino de Meirelles juntamente com Nestor Victor os responsáveis por dar um *funeral digno* a Cruz e Souza, ambos também herdaram o *inventário* do escritor – em conjunto com as declarações de Cassiano Tavares Bastos, Andrade Muricy e Antonio Dimas fortalecem a leitura de que a revista *Rosa-Cruz* possui a função de homenagem. A incômoda sensação de que essa leitura

pudesse ser frágil adveio da análise dos relatórios de indexação, através dos quais percebemos que não há textos analíticos<sup>109</sup> relativos ao poeta, não há homenagem explícitas, não há textos apresentando essa proposta para a revista, ou seja, não há argumentos, *na revista* – é preciso deixar claro que estamos "mergulhados" no arquivo –, de uma função homenagem.

Assim, desconfortável por essa leitura, resolvemos propor uma outra categorização dos textos publicados na revista *Rosa-Cruz*, a fim de pensar outras leituras possíveis e não restringir toda a publicação a uma só chave de leitura.

Reunimos, portanto, a partir do relatório geral de indexação, os textos em cinco grupos. É preciso reconhecer que nossa leitura também é fraca, bastante instável e não permite nenhuma segurança, porém, essa é a proposta. Não queremos substituir a leitura da função homenagem por outra, pretendemos apenas demonstrar que há diferentes leituras possíveis, queremos prov(oc)ar as outras leituras que a indexação nos "fez" ver. Porém, reunir em um só grupo textos tão diversos, de tão diversos autores como fizemos com o

---

<sup>109</sup> Com exceção do texto de Felix Pacheco, intitulado *A monografia do Senhor Sylvio Romero*, no qual Pacheco aponta o tardio reconhecimento da obra de Cruz e Souza por parte do crítico Romero. In: **Rosa-Cruz**, n 01, 1901, p. 22 – 23. Não consideramos o texto em nossa conta por tratar de Sylvio Romero e não de Cruz e Souza.

grupo OC é mais arriscado e inseguro que reafirmar a leitura convencional desde a análise de Tavares Bastos para a revista. Isso somado ao fato de que um mesmo texto pode ocupar mais de uma das categorias propostas concomitantemente fornece argumentos fortes o suficiente para desestabilizar a categorização. Contudo, a proposta não é exumar a revista ou propor uma leitura "oficial" que substitua a dos autores citados. Por conta disso, acreditamos ser válida a proposta, mesmo que insuficiente. É válida justamente por ser insuficiente... Quem sabe consigamos provocar novos e mais aprofundados debates acerca da revista, quem sabe consigamos abrir outros caminhos nesse arquivo.

Assim, estruturamos a categorização a partir de uma pequena adaptação na indexação realizada. Essa adaptação foi realizada fora da base de indexação do projeto *Poéticas Contemporâneas*, a fim de não "contaminar" o sistema de indexação da base ou a leitura de um possível pesquisador que leia os relatórios a partir da base. Adaptamos uma pequena chave de leitura nas notas de resumo, identificando os cinco diferentes grupos com o seus respectivos rótulos entre chaves. Por exemplo, nas notas de resumo da indexação do poema de Carlos D. Fernandes encontra-se a chave [Grupo OC]. Essas notas nos permitiram gerar dados estatísticos em relação à

quantidade de textos relacionados a cada um dos grupos. Como há textos relacionados concomitantemente a mais de um grupo, a duplicação de notas é prevista. Depois de gerar os relatórios que serão apresentados mais à frente, optamos por apagar essas marcas a fim de não "contaminar" as consultas e leituras futuras da indexação da revista. A fim de caracterizar melhor cada um dos grupos, adotamos a seguinte metodologia de leitura ao colocar a marca dos grupos:

a) [Grupo OC] – para compor o grupo OC contamos os textos que de alguma maneira estejam ligados a Ordem de Cristo ou a Ordem Rosa-cruz. A instabilidade da metodologia de composição desse grupo dá-se por sua característica de ser uma leitura, uma proposta de análise semântica dos textos. Ou seja, a fim de agrupar os textos dessa categoria foi realizada uma leitura da revista baseada no relatório de indexação em busca de textos que versavam diretamente sobre a Ordem Rosa-cruz, como o texto *Rosenkreuz*, de A. S. de Castro Menezes<sup>110</sup>, ou textos que de alguma maneira poderiam ser aproximados aos princípios e as normas das ordens, como o soneto de Mauricio Jubim,

---

<sup>110</sup> MENEZES, A. S. de Castro. *Rosenkreuz*. In: **Rosa-Cruz**, f. 01, 1904, p. 03.

*Olhos*<sup>111</sup> que versa sobre os princípios de amor, fé e esperança. Princípios esses que não são exclusivos dessas ordens, mas que podem nortear a proposta de leitura que aqui apresentamos.

b) [Grupo Homenagem] – para compor o segundo grupo de nossa metodologia agrupamos os textos que poderiam corroborar com a leitura de Tavares Bastos, Andrade Muricy e Antonio Dimas de que a revista *Rosa-Cruz* é uma revista em homenagem a Cruz e Souza. O diminuto número de textos que poderiam assumir – forçadamente – essa função já é uma demonstração de que a leitura homenagem não se sustenta a partir da revista, e sim por conta de outros fatores externos ligados ao grupo que publica a revista. Ou seja, mantemos o grupo homenagem a fim de verificar se essa leitura se legitima a partir da revista ou se ela está mais apoiada em fatos históricos alheios à publicação, alheios ao arquivo. Os maiores exemplos desse grupo são os textos publicados logo em seguida aos de Cruz e Souza, com referências diretas a sua figura, elogiando-se, saudando-a.

c) [Grupo Perfume] – reunimos, sob essa categoria – os textos que corroboram com a possível leitura da revista *Rosa-Cruz* a partir da chave perfume, como vimos na análise do pequeno poema em prosa de Baudelaire. Fazem parte desse

---

<sup>111</sup> JUBIM, Maurício. *Olhos*. In: **Rosa-Cruz**, n. 03, 1901, p. 104 – 105.

grupo alguns textos que podem ser lidos como uma proposta de poesia perfume, poesia elevada, refinada, para poucos.

d) [Grupo RC] – os textos aqui relacionados são aqueles que não possuem uma ligação direta com os demais grupos, porém, foram escritos por membros do grupo "responsável" pela revista. São textos que não podem ser aproximados nem aos princípios das ordens nem às categorias de perfume ou homenagem.

e) [Grupo Patrocínio] – esse último grupo foi pensado para dar conta dos textos que não entram em nenhum dos grupos anteriores e nem estão ligados aos membros do grupo responsável pela publicação da revista. Chamamos de patrocínio baseado na afirmação de Tavares Bastos de que alguns nomes só eram publicados por contribuírem financeiramente para a revista. Incluímos nessa categoria alguns textos que podem ser lidos como "tapa-buracos", que aparecem na revista para dar o corpo e o volume necessário para a publicação, como alguns dos textos estrangeiros. Isso não diminui a importância do texto dentro da publicação, apenas estrutura a função de leitura que aqui propomos. Um exemplo de textos do grupo patrocínio é a sequência de sonetos de Miguel Melo, *De um livro inédito*<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> MELO, Miguel. *De um livro inédito*. In: **Rosa-Cruz**, n. 04, 1901, p. 156 – 157.

É importante destacar que a proposta de divisão nesses cinco grupos deu-se através da leitura da revista e da análise dos relatórios de indexação que apontaram a possibilidade de agrupar os textos a partir dos grupos citados a fim de instrumentalizar nosso objetivo de demonstrar que é possível exercer outras leituras da revista. Outras leituras que estão diretamente ligadas ao movimento de arquivo realizado pelo pesquisador, seu repertório, seu caminho percorrido dentro do arquivo. Ou seja, estamos, através dessa categorização, apresentando uma possível organização dos dados da revista possibilitada através da indexação. Indexação essa que além de dar suporte para organizar os dados também agiu na própria produção de nossa leitura do arquivo. Não pretendemos produzir uma análise textual da revista, pretendemos apenas demonstrar como a metodologia de indexação gera uma demanda de leitura em favor da abertura dos sentidos da revista, enquanto o roteiro de pesquisa do projeto do IEB cria a armadilha de "prender" o pesquisador na primeira impressão da revista. Ou seja, ao propor esses cinco diferentes grupos, queremos apenas demonstrar que há outras leituras possíveis para a revista, demonstrar que a metodologia de indexação instrumentaliza o pesquisador a ver (e a ser visto) por essas outras leituras, e, por fim, demonstrar que a leitura de

homenagem realizada por Dimas não é a única leitura possível. A revista é sim de homenagem. Mas não só. Também tem essa função, mas não é a única. Se lermos a revista *Rosa-Cruz* apenas como uma homenagem, estaremos produzindo uma leitura frágil e empobrecida da revista.

Assim, geramos as seguintes tabelas de apresentação dos totais de cada grupo, por número, fascículo<sup>113</sup> e os totais por ano:

	n. 01	n. 02	n. 03	n. 04	1901
Grupo OC	11	10	7	6	34
Grupo Homenagem	2	1	3	1	7
Grupo Perfume	6	2	2	2	12
Grupo RC	1	4	3	5	13
Grupo Patrocínio	2	2	4	4	12

Tabela 02 – Totais de grupo de leitura – ano 1901.

	f. 01	f. 02	f. 03	1904	Total geral
Grupo OC	8	6	6	20	54
Grupo Homenagem	0	1	0	1	8
Grupo Perfume	1	2	3	6	18
Grupo RC	5	4	5	14	27
Grupo Patrocínio	4	5	9	18	30

Tabela 03 – Totais de grupo de leitura – ano 1904 e total geral da revista *Rosa-Cruz*.

<sup>113</sup> Lembrando a distinção que apresentamos anteriormente, no início do capítulo, entre números as edições do ano de 1901 e fascículos as de 1904.



Com uma rápida análise dos valores totais já percebemos que o grupo de menor publicação dentro da revista – de acordo com a catalogação aqui proposta – é justamente o grupo homenagem, com 8 textos no total. Por outro lado, encontramos certo equilíbrio entre os grupos RC (27) e Patrocínio (30). O grupo perfume soma um total de 18 textos. E o grupo de maior expressão é o grupo OC, com um total de 54 textos. Vale destacar que somando todas as contribuições aqui tabeladas encontramos 137 textos, 6 a mais do que o total apresentado na tabela 01, com o quadro geral de autores. Essa discrepância é explicada pelo simples fato de que a metodologia adotada para agrupar os textos permite duplas entradas, ou seja, o mesmo texto pode pertencer a dois grupos simultaneamente, fato esse que ocorreu apenas 6 vezes.

Partindo para a análise de cada um dos grupos, começamos com o grupo patrocínio, justamente por ser o grupo dos textos que podem ser lidos na dupla função de "tapa buracos" e de apoio financeiro para a publicação da revista, como vimos no começo desse capítulo. Com um total geral de 30 textos, é o único grupo que cresce de acordo com os números da revista. Esse fato pode ser explicado por dois motivos. Primeiro, ao decidir publicar a revista, Saturnino de

Meirelles contava com apoio de outros escritores, tais como Tavares Bastos e Carlos D. Fernandes. Com o apoio de um grupo, com um "projeto" novo de revista, Saturnino não precisava, de início, preencher espaços da publicação. Aqui encontramos a primeira controvérsia de nossa metodologia de catalogação. Reunidos no grupo patrocínio encontramos textos que não "couberam" nos outros grupos e textos que sabemos entrar na revista diretamente como apoio financeiro para a publicação<sup>114</sup>, como vimos na afirmação de Tavares Bastos anteriormente.

Os textos desse grupo remetem, em sua maioria, aos autores com poucas publicações na revista *Rosa-Cruz*, de acordo com a tabela 01. As publicações únicas de Colatino Barroso, João Andréa, Amadeu Amaral, Miguel Melo, Bernardes Sobrinho, Roberto Gomes, Archangelus de Guimaraens, Mallarmé, Corbière, os dois textos de Rimbaud e de Mário Carneiro, assim como os dois textos traduzidos de Maurice Bigeon, os poemas de Maurice Maeterlinck, um dos dois poemas de Heitor Malaguti, um dos dois textos de Carlos Góes, um dos três textos de Paulo Araújo, um dos cinco textos de Pereira da Silva, três dos cinco textos assinados por Alphonsus de Guimaraens, e seis dos onze textos assinados por

---

<sup>114</sup> É o caso dos sonetos de Miguel Melo, publicados com o título *De um livro inédito*. In: **Rosa-Cruz**, n. 04, 1901, p. 156 – 157.

Luiz Delfino compreendem o universo de autores do grupo patrocínio. Assim, do conjunto de autores chamado de "desconhecidos" anteriormente, apenas Flávio da Silveira e Rafaelina de Barros não estão elencados no grupo patrocínio. Ou seja, esse elenco de autores confirma nossa hipótese de leitura de que há um grupo de textos na revista *Rosa-Cruz* na função de "tapa buracos", de preenchimento das páginas da revista na tentativa de mantê-la em circulação. Vale notar que por não haver nenhum relatório ou controle financeiro da revista, não podemos afirmar com plena certeza quais textos entraram na proposta de financiamento. No caso de Miguel Melo estamos confiando apenas nas informações retiradas do texto de Tavares Bastos, não foi possível comprovar o que Bastos afirma. Entendemos ser arriscado reunir em um só grupo um *desconhecido* como Melo ao lado de Mallarmé ou Rimbaud. Porém, a aproximação foi realizada como uma ferramenta de leitura para as publicações que não pertencem aos demais grupos, que podem servir como um "tapa-buraco" a fim de dar corpo suficiente para a revista. Uma análise mais detalhada, mais aprofundada dos textos pode nos encaminhar para outras leituras dessas diferentes contribuições. Porém, como a proposta aqui é apenas demonstrar que há mais leituras possíveis – e que a metodologia de indexação nos "faz" ver outras leituras possíveis – não nos deteremos nesses aspectos.

É, portanto, sintomático que o número de textos do grupo cresça de maneira praticamente uniforme. Com apenas dois textos em cada – nota-se que ambos do conjunto de autores estrangeiros – os dois primeiros números da revista não "necessitava" de textos complementares. Já o último fascículo da revista *Rosa-Cruz* conta com nove textos, metade do total do grupo patrocínio, apontando mais um elemento que demonstra a desestruturação do projeto da revista que culminará com seu fim em 1904.

Enquanto o grupo patrocínio assina 30 textos de um total de 137, o grupo RC responde por 27 textos, sendo 13 do ano de 1901 e 14 de 1904. O predomínio de autores do conjunto de "menores" e de autores ligados à editoração da revista *Rosa-Cruz* é evidente. Três dos cinco textos assinados por Cassiano Tavares Bastos, três dos nove textos de Carlos Dias Fernandes, um dos dois textos de Carlos Góes, um dos cinco poemas de Alphonsus de Guimaraens, duas das três publicações de Gonçalo Jacome, uma das quatro entradas de Mauricio Jubim, cinco dos treze textos de Saturnino de Meirelles, quatro dos dez textos de Castro Menezes, o único texto de Nietzsche, três dos nove textos de Félix Pacheco, um dos quatro textos de Rocha Pombo e quatro das dezesseis publicações de Cruz e Souza compõem o grupo RC. Reunimos nesse grupo textos que não entraram nos demais grupos, mas que de alguma maneira

188

pudessem estar ligados a uma noção de grupo como a que vimos a partir de Raymond Williams. Os 27 textos selecionados são ou de autores do grupo que publica a revista *Rosa-Cruz*, todos ligados à figura de Saturnino de Meirelles, ou de autores admirados e que corroboram com as ideias do grupo, tais como Cruz e Souza e Nietzsche. Por sinal, a presença de um trecho do prefácio de Assim falou Zaratustra tem muito a dizer, principalmente em uma revista como a revista *Rosa-Cruz*, com forte influência católica. A terceira parte do prefácio narra a chegada de Zaratustra a uma cidade e o seu encontro com uma multidão reunida na praça do mercado da cidade. É justamente nesse trecho que Zaratustra fala ao povo: "eu vos ensino o super-homem" <sup>115</sup>. Assim, o texto de Nietzsche poderia aparecer tanto no grupo RC, por apresentar conceitos comuns ao grupo que publica a revista, mas também poderia ser elencado no grupo OC por falar de ideais de superioridade humana, ou ainda no grupo perfume. Optamos por elencá-lo no grupo RC por entender que há, na escolha específica desse texto, desse trecho de Nietzsche, uma proposta do grupo. Como o principal objetivo dessa dissertação não é uma elaborada e profunda análise da revista *Rosa-Cruz* – e sim propor a discussão acerca das noções de arquivo, de trabalho

---

<sup>115</sup> Adotamos a tradução de Mário da Silva, publicada pelo Círculo do Livro.

de arquivo e conseqüentemente de indexação, a partir do cotejamento dos projetos do IEB e do Poéticas Contemporâneas – algumas questões permanecerão em aberto para futuros desdobramentos desse trabalho. A presença de Nietzsche em uma revista predominantemente católica é uma dessas questões. O que pretendemos demonstrar aqui é como a indexação nos "fez" ver outras leituras possíveis dentro da revista e nos permitiu discutir a leitura da revista enquanto homenagem a Cruz e Souza. A catalogação aqui proposta é uma dessas leituras possíveis que a indexação da revista *Rosa-Cruz* nos moldes do projeto *Poéticas Contemporâneas* nos "fez" ver. Isso demonstra a necessidade de uma análise textual do periódico, assim como demonstra também a insuficiência da metodologia da indexação para "dar conta" de uma leitura. A metodologia é apenas um começo para o trabalho de arquivo, é uma estratégia de entrada nesse arquivo.

O trabalho de Dimas, seguindo o roteiro de pesquisa do projeto do IEB, é mais tributário dos estudos anteriores acerca do período – como o de Tavares Bastos e de Andrade Muricy – do que um estudo da revista propriamente dita. Afinal, a afirmação de que a revista *Rosa-Cruz* é uma revista em homenagem a Cruz e Souza não mais se sustenta a partir dos dados apresentados nas tabelas 02 e 03, afinal, dos 137 textos tabulados, apenas 8 foram relacionados ao grupo homenagem.

190

A revista é também em homenagem, mas não só. Ou seja, o movimento de arquivo realizado por Dimas dá-se principalmente por conta do roteiro de pesquisa do projeto do IEB. Seguindo esse roteiro, Dimas – e qualquer pesquisador que seguisse o roteiro – acaba por valorizar mais o grupo em torno da revista, do que a revista *em si*<sup>116</sup>. Por isso, a repetição da afirmativa de Tavares Bastos de ser a revista uma homenagem. Enquanto o roteiro de pesquisa do projeto do IEB força um tipo muito específico de entrada no arquivo<sup>117</sup>, a entrada do arquivo através da indexação instrumentaliza o pesquisador a percorrer diversos caminhos, a realizar diversas leituras do arquivo, cabendo a ele, o pesquisador, realizar os cortes e escolhas necessários para compor o trabalho.

Agora, além dos textos do diretor da revista, o grupo homenagem conta ainda com textos de Cassiano Tavares Bastos, Carlos Dias Fernandes, Alphonsus de Guimaraens e Félix Pacheco, sendo cada um responsável por um texto. Dos oito textos, seis aparecem logo após publicações de Cruz e

---

<sup>116</sup> Utilizaremos sempre a expressão "em si" com destaque em itálico por conta dos problemas que a expressão carrega *em si*. Falar da revista *em si* é falar de um arquivo que – conforme vimos no capítulo anterior – ao mesmo tempo em que é olhado nos olha. Ao utilizarmos aqui o termo a revista *em si* nos referimos a tudo aquilo que está guardado dentro das páginas da revista, todos os textos que a revista publica sem pensarmos nos diferentes arquivos que a revista aciona em sua leitura.

<sup>117</sup> Lembrando que esse arquivo também é um arquivo muito específico, o de Mário de Andrade.

Souza e por terem uma ligação direta com o texto do poeta foram lidos enquanto homenagem. Dos oito textos apenas *A monografia do Senhor Sylvio Romero* faz elogios diretos a obra de Cruz e Souza, elogiando a atitude de Romero em reconhecer – ainda que seja um reconhecimento póstumo – a riqueza e qualidade da obra do "Dante Negro". Ou seja, a revista *Rosa-Cruz* é também uma revista em homenagem a Cruz e Souza.

Adotamos o soneto *Eterno Guia*, de Saturnino de Meirelles, como exemplo do que lemos como textos de homenagem a Cruz e Souza:

Eterno Guia

Da Vida nas obscuras escaladas  
És o meu guia e companheiro amigo.  
Andamos juntos pelas vãs estradas  
Como exilados do celeste Abrigo.

Como a alma de outras almas desoladas  
Vamos andando livres de perigo,  
Envolvidos nas dodras estrelladas  
Da eterna noite do immortal Castigo.

Vamos com sêde de galgar distancias  
Acorrentados pelas mesmas ancias  
Desafiando sem temôr a Morte.

Até que emfim então já esquecidos  
No mundo como dous pharóes perdidos  
Apontaremos o sagrado Norte.<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> MEIRELLES, Saturnino de. *Eterno Guia*. In: **Rosa-Cruz**, n. 02, 1901, p. 75.



Nota-se como nossa aproximação do soneto de Meirelles para com a função homenagem é uma força de leitura, a leitura de um dos muitos sentidos possíveis para o soneto. Estamos lendo que o guia e companheiro amigo possa ser Cruz e Souza, também vítima do imortal castigo do tédio humano. Aproximamos o soneto do diretor da revista *Rosa-Cruz* com o soneto que o precede, do poeta homenageado, percebemos que o soneto de Meirelles pode ter sido escrito a partir do soneto de Cruz e Souza:

Unico Remédio

Como a chamma que sóbe e que se apaga  
Sóbem as vidas a espiral do Inferno.  
O desespero é como o fogo eterno  
Que o campo quiéto em convulsões alaga...

Tudo é veneno, tudo cardo e praga!  
E as almas têm sêde de phalerno  
Bebem apenas o licôr moderno  
Do tédio pessimista que as esmaga.

Mas a caveira vem se aproximando,  
Vem exótica e nua, vem dansando,  
No estrambotismo lugubre vem vindo.

E tudo acaba então no horrôr insano  
– Desespero do Inferno e tédio humano –  
Quando, d'esguêlha a Morte, surge, rindo... <sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> SOUZA, Cruz e. *Único Remédio*. In: **Rosa-Cruz**, n. 02, 1901, p. 75.

O imortal castigo em um é o tédio humano em outro, o horror insano do desespero do inferno é desafiado por quem anda livre de perigos. Porém, as chaves de ouro apontam para diferentes direções. Se no soneto da homenagem o que aparece ao horizonte é o sagrado norte, desafiando a morte, no poema de Souza é a morte que, rindo, surge de esguelha. Se a solução para Meirelles é unir-se ao seu eterno guia, Cruz e Souza demonstra um desespero como um fogo eterno.

Vemos, portanto, como é a aplicação de uma leitura fechada de alguns poucos textos da revista *Rosa-Cruz* que nos permite pensar na função de homenagem para a revista. Ou seja, situamos que a leitura produzida por Dimas de ser a revista *Rosa-Cruz* uma revista publicada somente em homenagem a Cruz e Souza é uma leitura decorrente da metodologia de pesquisa, incubada a partir do roteiro de pesquisa do projeto do IEB, o qual, conforme vimos no capítulo anterior, dedica-se mais aos elementos em torno da revista do que com a revista *em si* e seus textos. Arriscamos afirmar que Dimas, preso ao roteiro de pesquisa, preso também ficou às informações e depoimentos de informantes, como o próprio Tavares Bastos, sem ter – afinal, não está previsto no roteiro – como verificar o teor das informações a partir dos textos da revista. Ou seja, o que queremos demonstrar é que,

por força do roteiro de pesquisa do projeto do IEB, Dimas entrou no arquivo da revista *Rosa-Cruz* com uma leitura já pronta da revista e de seus textos a partir do que pesquisou sobre o grupo responsável pela publicação; e que, ao contrário do projeto do IEB, a metodologia de indexação não aponta um só caminho a ser percorrido dentro do arquivo, apenas instrumentaliza o pesquisador na difícil tarefa de escolher o que olhar dentre as diversas possibilidades do arquivo.

Agora, se estruturamos todos nossos argumentos em desconfiar da leitura "oficial" da revista *Rosa-Cruz*, quais os demais elementos que podemos trabalhar dentro da revista? Foi pensando nisso que elaboramos os dois grupos ainda não comentados. Tanto o grupo OC quanto o grupo perfume exercem aqui um papel de demonstrar que há diferentes leituras possíveis da que Dimas apresentou<sup>120</sup>.

O grupo OC é o conjunto de textos que lemos como partidários dos preceitos e ideais tanto da Ordem Rosa-cruz quando da Ordem de Cristo. É o grupo de maior expressão, com um total de cinquenta e quatro textos distribuídos nos sete números da revista *Rosa-Cruz*. Sua importância para a revista é tamanha que somente no último número o grupo OC não é o

---

<sup>120</sup> E há também leituras diferentes das que aqui apresentamos, afinal, cada pesquisador produz sua entrada no arquivo, a partir do seu repertório, a partir de uma metodologia diferente, criando um arquivo diferente.

primeiro em número de textos, perdendo para o grupo patrocínio. Fato esse que demonstra, mais uma vez, que a falência da revista era iminente<sup>121</sup>.

Por ser o grupo de maior expressão, torna-se improdutivo elencar todos os autores ligados ao grupo. Queremos apenas apontar os critérios que elegeram os textos nessa organização. Alguns textos tiveram sua vinculação direta com os princípios e ideais das ordens, outros foram também uma manobra de força de leitura.

Dentre os textos declaradamente ligados a Ordem Rosa-cruz podemos encontrar o ensaio de abertura do primeiro fascículo, assinado por Castro Menezes, intitulado *Rosenkreuz*<sup>122</sup>. O texto de Menezes narra a história de Christian Rosenkreuz, o mítico personagem tradicionalmente aceito como o fundador da Ordem Rosa-Cruz. Menezes é o quarto autor em número de publicações na revista *Rosa-Cruz*. De seus dez textos, cinco vinculamos ao grupo OC. Assim, a sua ligação com a Ordem Rosa-Cruz torna explícita a necessidade de pensar na função "ordens" dentro da revista

---

<sup>121</sup> Pode ser bastante improdutivo localizar dados que afirmam a obriedade do fim da revista *Rosa-Cruz* em seu sétimo número, porém, insistimos em reconhecer esses dados a fim de demonstrar como a revista não possuía um projeto programado, um planejamento de continuidade e demonstrar também que não foi somente a ruína financeira de Saturnino de Meirelles a única responsável pelo fim da publicação.

<sup>122</sup> MENEZES, A. S. Castro. *Rosenkreuz*. In: **Rosa-Cruz**, f. 01, 1904, p. 03 – 06.

*Rosa-Cruz*. Não somente pelo título de revista, nem só pela opção de usar o desenho de cruces em suas páginas, como vimos anteriormente, mas por haver nos textos que a revista faz circular uma ligação direta com os princípios e os ideais da Ordem Rosa-Cruz e da Ordem de Cristo.

Aliás, todos os autores mais expressivos da revista possuem textos elencados no grupo OC. Dos dezesseis textos publicados de Cruz e Souza, onze aparecem com alguma conexão para com as ordens. Estamos apenas estabelecendo conexões de leitura. Assim como com os quatro dos onze textos assinados por Luiz Delfino. Lembremos que os textos de Cruz e Souza foram selecionados por Saturnino para aparecerem na revista, uma vez que o autor já estava morto. Isso demonstra também uma ferramenta de leitura: porque Saturnino de Meirelles escolheu esses textos em detrimento dos demais? Não procuraremos responder, não é esse nosso objetivo agora, porém, destacamos a pergunta justamente para demonstrar que há ainda muitas perguntas a serem feitas acerca da revista *Rosa-Cruz*.<sup>123</sup>

É natural que por ser o com o maior número de publicações, o grupo OC tenha também o maior número de

---

<sup>123</sup> Outras tantas perguntas podem ser feitas. Por exemplo, em relação aos textos de Cruz e Souza, já que alguns dos sonetos publicados na revista *Rosa-Cruz* aparecem com palavras, versos ou até mesmo estrofes diferentes das versões publicadas no livro póstumo do autor, *Últimos Sonetos*.

autores. Porém, é de se estranhar a fraca presença de Saturnino de Meirelles, o qual responde por apenas três dos cinquenta e quatro textos do grupo. E ainda por cima, com aproximações um pouco forçadas, afinal, em nenhum de seus textos Meirelles fala das duas ordens, nem defende abertamente seus princípios. Em *Sétima Epístola*<sup>124</sup>, por exemplo, o diretor da revista *Rosa-Cruz* analisa a ideia de tristeza a partir de uma expressão grega citada pelo autor, "elle vem da caverna de Trophonio"<sup>125</sup>. Apoiando-se em um livro de Maeterlinck, intitulado *Le Temple enseveli*, Meirelles argumenta, em sua epístola, que a tristeza é uma sombra que a luz interior da virtude humana projeta, e não uma expressão de dor, desgraça ou perdas; e que a saída para a tristeza é usá-la para fazer ver que há alguma coisa de superior à consciência humana. Se essa alguma coisa de superior a consciência humana é Deus ou o Super-homem<sup>126</sup>, não poderia afirmar. Essa é mais uma das questões que ficarão aqui abertas para futuros desdobramentos. Esse é mais um dos caminhos abertos no arquivo que precisamos recortar a fim de manter o foco principal do trabalho: pensar sobre o que é escavar um arquivo.

---

<sup>124</sup> MEIRELLES, Saturnino de. *Sétima Epístola*. In: **Rosa-Cruz**, f. 01, 1904, p. 18 – 23.

<sup>125</sup> Idem, p. 18.

<sup>126</sup> E eis Nietzsche novamente...

O último grupo que antevemos na catalogação proposta é o grupo Perfume. Esse grupo corresponde a um pequeno número de textos, mas de fundamental importância para analisarmos uma proposta poética através da revista *Rosa-Cruz*. Com um total de apenas 18 textos, todos os textos aqui reunidos partem do pequeno poema em prosa de Baudelaire que abre a revista *Rosa-Cruz*, por isso adotamos o nome de perfume para o grupo. Se lembrarmos de que a revista *Rosa-Cruz* não apresenta nenhum tipo de editorial ou um texto de abertura, conforme vimos no início desse capítulo, e de que o poema de Baudelaire é o único texto que não aparece no sumário da revista em seus sete números, poderemos pensar que o texto do poeta francês pode fazer as vezes de um editorial, de uma apresentação da revista, dos ideais do grupo de Saturnino.

Assim, a chave de leitura que em Dimas era Rosa = homenagem e Cruz = Cruz e Souza passa a funcionar nas equações Rosa = perfume e Cruz = poesia. Mas não qualquer poesia. A poesia de *um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade*<sup>127</sup>, Baudelaire.

A ideia desse grupo é pensar se por trás da escolha do poema em prosa de Baudelaire existe uma proposta poética

---

<sup>127</sup> BAUDELAIRE, Charles. *O cão e o frasco*. In: **Spleen de Paris**. Rio de Janeiro, Imago, 1995, p. 31.

definida, de produzir e circular a  *fina*  poesia somente para os narizes mais refinados, enquanto o restante que circula não passa de embrulhos de excrementos, deliciosamente devorados pelo público em geral. O primeiro dos textos desse grupo, além do de Baudelaire, não à toa é também um poema em prosa de Cruz e Souza, intitulado  *Flor sentimental* .

O texto do poeta conta com uma epígrafe sem a autoria indicada:

prodigioso Santa-Sanctorums vedado aos Infiéis, ó mysterio  
subtida Sensibilidade, envolve-me nos delicados azues, nas  
diluencias de magnolias maceradas dos teus diaphanol luares,  
vibra-me os vagos e finos scherzos dos teus stradivarios  
amargurados...<sup>128</sup>

E é com essa epígrafe, logo após o poema de Baudelaire (em francês) que o leitor se depara ao abrir a revista  *Rosa-Cruz* . É a mesma sensação de adentrar o Santa-Sanctorums vedado aos infiéis. Ou melhor, a revista assume ser o próprio Santa-Sanctorums, vedada aos infiéis, vedada ao público,  *a quem nunca se devem apresentar perfumes delicados* <sup>129</sup> de magnólias maceradas. Assim, compusemos esse grupo a fim de pensar que a proposta poética da revista é dirigida aos mais

---

<sup>128</sup> SOUZA, Cruz.  *Flor Sentimental* . In:  **Rosa-Cruz** , n. 01, 1901, p. 05.

<sup>129</sup> BAUDELAIRE, Charles.  *Op. Cit.*  p. 31.



finos narizes e ouvidos treinados para admirar scherzos de stradivarius.

A proposta da revista seria, portanto, a de convidar seus poucos e refinados leitores a visitarem Cocanha, como um *convite à viagem*:

Existe um país soberbo, um país de Cocanha, como dizem, que sonho visitar com uma velha amiga. Um país singular, mergulhado nas brumas do Norte [...] onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde apraz ao luxo enxergar-se na ordem. [...] Incomparável flor, tulipa revelada, alegórica dália, não é lá, nesse belo país, tão calmo e sonhador, que seria bom viver e florescer?<sup>130</sup>

Um país ou uma revista onde tudo é belo, rico, fino, honesto. Um país onde a mais fina flor pudesse florescer e viver em meio a tudo o que é calmo, sonhador. Um país onde a flor sentimental pudesse

[...] recompor ainda, ao menos uma vez em sonhos, das essências immaculadas do teu ser delicado, angélico, surge, aparece e vem trazer a esta existência que se debate, que aneia nos círculos titânicos das inquisitorias Inclemências, o segredo da crença, que tu levaste.<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> Idem. *O convite à viagem*. In: op. cit., p. 57-59.

<sup>131</sup> SOUZA, Cruz e. *Op. Cit.*, p. 05.

Ainda que em sonho, recompor a flor sentimental, dessa misteriosa sensibilidade de um perfume. Perfume do melhor perfumista da cidade do Rio de Janeiro.

A relação que Saturnino desenvolve para com o público que almeja atingir é explícita já no terceiro texto da revista (contando a partir do poema de Baudelaire). Em *Exposição de Pintura*, o diretor da revista ensaia comentários acerca de uma exposição de Antonio Parreiras ligando-a diretamente ao embrulho de excrementos de *O cão e o frasco*:

Se remontarmos a epochas mais distantes e fugidias, na investigação de typos correspondentes aos da epocha actual, representativos sêres da mediocridade que se firma e que triumphá, n'aquelles como n'esta, como um resultado natural e até mesmo explicavel do proprio meio em que viveram e em que vivem, havendo encontra-os, cada um na sua orbita de acção, bem definidos e destacados.

São elles o producto espontaneo de todos os tempos e de todos os meios. Irrompem quer dos centros ruidosos e adeantados, quer dos centros retrogrados e analphabetos. São as grandes flôres que os *excrementos* das civilisações fazem desabrochar, mas que não resistem á luz do sol vivificadora e fecundante.<sup>132</sup>

As grandes flores de excrementos. Os tipos da época atual são as grandes flores de excrementos que não resistem à luz do sol. Esses são os três primeiros argumentos que o leitor

---

<sup>132</sup> MEIRELLES, Saturnino de. *Exposição de Pintura*. In: **Rosa-Cruz**, n. 01, 1901, p. 07. Grifo nosso.

encontra ao abrir – desde que abra na ordem de exibição dos textos, obviamente – a revista *Rosa-Cruz*. A revista faz, portanto, ao seu modo, um *convite à viagem*, a uma viagem muito demarcada de uma proposta poética fina, rica, superior a todos os excrementos da civilização. E a busca pela fina flor da poesia é constante na revista, seja pela incessante repetição da ideia da flor, da rosa, do perfume, seja na própria proposta, como podemos ver no longo poema de Luiz Delfino, *Inania Verba*<sup>133</sup>.

Em seu poema, Delfino, *Para bem da humanidade, / Quiz fazer uma mistura, / Que fosse especialidade, / Que todos os seus males cura; //*. Delfino quis fazer uma mistura, uma maceração que fosse uma especialidade para a cura de todos os males. Assim, o poeta parte em busca do material necessário, *andei de planta á procura, / que cure todos os males; /*. E que triste dor coube ao poeta, ao descobrir que *não terá elle [Deus] em seus valles, / uma flôr entre outras flôres, / que cure todos os males / que arranque todas as dôres?... //*

Qual seria se não uma flor, uma fina flor a planta procurada a fim de curar todos os males, a fim de elevar o homem a Deus. E podemos comparar a tristeza do poeta em descobrir que tal flor não existe com o que vimos no texto

---

<sup>133</sup> DELFINO, Luiz. *Inania Verba*. In: **Rosa-Cruz**, n. 01, 1901, p. 19 – 21.

*Sétima Epístola*, de Meirelles, anteriormente. A tristeza não deixa de ser uma maneira, um caminho de atingir a sabedoria. O reconhecer-se um nariz refinado carrega junto a tristeza de reconhecer-se solitário.

Mas o grande resumo da proposta poética da revista *Rosa-Cruz* pode ser lido no texto de fechamento do primeiro número<sup>134</sup>, com o trecho de *Les Fragments* (Novalis), de Maurice Maeterlinck:

On cherche, par la poésie, qui n'est en quelque sorte que instrument mécanique à produire des sentiments intérieurs, les tableaux, des contemplations, peut-être aussi des danses spirituelles, etc. La poésie est l'art d'exciter l'âme.

La poésie est la représentation de l'âme, du monde intérieur dans son ensemble: ses intermédiaires, les mots, l'indiquent déjà, car ils sont la manifestation de ce monde de puissances intérieurs; exactement ce qu'est la plastique au monde des formes extérieurs et la musique aux sons. L'effet est ici strictement inverse, en tant qu'il est plastique, mais il ya une poésie musicale, qui met l'âme en un jeu multiple de mouvements.

La poésie est l'héroïne de la philosophie. La philosophie fait de la poésie une base. Elle nous apprend à connaître la vale de la

---

<sup>134</sup> É preciso destacar que apesar de elegermos apenas textos do primeiro número da revista *Rosa-Cruz* não é somente nesse número que há manifestações do grupo Perfume. Como podemos verificar através das tabelas 02 e 03, em todos os números a textos que podem ser lido através dessa nossa estratégia de leitura. O ensaio *A poesia moderna*, de Meirelles, publicado no quarto número de 1901 é um exemplo perfeito. Porém, como não é nossa pretensão alongarmos os trabalhos de análise textual, escolhemos – e quantas foram as escolhas! – citar apenas os textos da revista *Rosa-Cruz* número 01.

poésie. La philosophie est la théorie de la poésie. Elle nous montre ce qu'est la poésie, qu'elle est *une et tout*.<sup>135</sup>

Para Maeterlinck, cuidadosamente selecionado por Saturnino de Meirelles para fechar o Sancta-Sanctorum, o perfume, digo, a poesia é a arte de excitar a alma, é a representação da alma, é o que coloca a alma em movimento. Assim, se ao leitor que *entra* na revista *Rosa-Cruz* é oferecido um frasco do melhor perfume do melhor perfumista da cidade, ao leitor que sai fica a impressão de que a poesia, qu'elle est *une et tout*.

---

<sup>135</sup> MAETERLINCK, Maurice. *Les Fragments* (Novalis). In: **Rosa-Cruz**, n. 01,1901, p. 44.

#### 4 **Emanação de cruzes – desdobramentos**

– Vejo que o piedoso Hsi P'êng se esforça por corrigir minha solidão. Sem dúvida, o senhor deve estar querendo ver meu jardim?

[...]

– O jardim?

– O jardim das veredas que se bifurcam.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*.

Mais que um breve capítulo de conclusão dessa dissertação de mestrado, essa parte do trabalho serve como uma emanção, como um ponto de partida, de abertura para futuros desdobramentos de questões que foram desenvolvidas ao longo da dissertação e de questões que nos surgiram durante o trabalho, mas que por conta da necessidade recorte e de escopo não foram exploradas. Como o ponto central desse trabalho é a noção de arquivo e como o que foi apresentado ao longo dessas páginas é simplesmente um caminho percorrido dentro desse arquivo, diversas são as questões, diversos são as bifurcações que se abrem daqui a diante.

Porém, antes de rascunhar um mapa do jardim das veredas que se bifurcam, é preciso recordar das iniciais intenções da nossa proposta. Tendo o trabalho de Antonio Dimas como baliza, objetivamos estabelecer um estudo comparativo das diferentes metodologias de trabalho para com

um arquivo de periódicos tanto do projeto de pesquisa em periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, coordenado por José Aderaldo Castello quanto do projeto *Poéticas Contemporâneas*, atualmente em sua quinta edição, coordenado por Maria Lucia de Barros Camargo dentro das dependências do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo comparativo proposto serviria para, além de rever os métodos de trabalho dos dois projetos, avaliar os diferentes resultados atingidos a partir de cada uma das metodologias.

Para tanto, foi necessário desenvolver, ainda que de maneira não satisfatória, uma discussão acerca do *arquivo*, do que é trabalhar com arquivo. Feito isso e reconhecidas as diferentes abordagens para a questão por parte de cada um dos projetos, pretendemos demonstrar, através do arquivo *Rosa-Cruz*, como cada uma das metodologias apontava diferentes resultados.

Creemos que conseguimos demonstrar como o roteiro de pesquisa do projeto do IEB "fez" com que Dimas repetisse – ainda que sem necessariamente perceber – o discurso de Tavares Bastos ao afirmar que a revista *Rosa-Cruz* é uma revista em homenagem a Cruz e Souza. Demonstramos como a metodologia de indexação do projeto *Poéticas* nos "fez" e nos permitiu ver outros caminhos diferentes a serem percorridos

dentro do arquivo, evidenciando o quanto a análise deve partir da indexação para o mergulho nos textos. Nessa perspectiva, o trabalho de indexar funciona como uma abertura a diferentes leituras e não apenas como confirmação de pressupostos.

Como não era nossa proposta de trabalho, optamos por não explorar devidamente essas tantas veredas bifurcadas, o que nos traz a esse último capítulo, com o qual pretendemos sintetizar algumas questões que julgamos pertinentes na revista *Rosa-Cruz* para futuros desdobramentos das pesquisas aqui desenvolvidas.

A primeira grande questão que podemos levantar refere-se ainda ao trabalho de arquivo, à reflexão acerca do que é isso que insistentemente chamamos de arquivo. Se partimos das teorias apresentadas por Derrida, falta-nos pensar o arquivo a partir das concepções desenvolvidas por Foucault. É preciso verificar como diferentes noções de arquivo influenciam diretamente no próprio trabalho com o periódico. A segunda questão de arquivo seria aprofundar as discussões apoiadas em Walter Benjamin.

Além das questões diretamente ligadas ao arquivo, é preciso aprofundar também as discussões acerca disso que chamamos de *invenção*, tanto a partir dos conceitos jurídicos do inventário quanto das inferências retóricas da *inventio*.



Quanto à revista *Rosa-Cruz*, são diversas as questões que merecem um aprofundamento, principalmente por parte de pesquisadores que pretendam lançar novos olhares sobre a obra de Cruz e Souza, muitas vezes lida de maneira enviesada. Lembramos que nosso objetivo aqui não era o estudo da revista *em si*, mas sim das metodologias de pesquisa e de indexação, tendo a revista como um ponto em comum a fim de instrumentalizar o cotejamento. Assim, podemos apontar algumas veredas que julgamos bifurcarem-se em proficuas pesquisas, não exploradas aqui por motivos de foco e escopo. A primeira delas é um aprofundamento das discussões acerca do grupo católico dentro da revista *Rosa-Cruz* e dentro do movimento simbolista brasileiro. Acreditamos que há muito mais o que pensar sobre essas relações do que as superficiais relações que aqui apresentamos. Uma delas é a presença de Nietzsche, principalmente por ter sido escolhido um trecho de *Assim falou Zaratustra*.

Outro aspecto que mereceria um debruçar-se sobre é a relação da revista *Rosa-Cruz* com outros periódicos da época, pesquisar se há conexões com outras revistas ou se a revista é *a última flor do Lácio*.

Dentro da revista *Rosa-Cruz*, uma questão que acreditamos ser proficua é procurar entender como se deu a seleção de textos de Cruz e Souza para a publicação,

principalmente se observarmos que alguns sonetos aparecem com versos, linhas, e até mesmo estrofes totalmente diferentes se comparado com o livro *Últimos Sonetos*, publicado postumamente.

Uma última questão que gostaríamos de apontar é um maior aprofundamento das reflexões acerca da proposta poética da revista, a partir da noção de perfume adotada em função do poema em prosa de Baudelaire.

Enfim, acreditamos a partir do momento que esse trabalho (de arquivo) se encerra, se reinicia, acrescentando ao arquivo em questão essa dissertação, afinal, essa é a proposta do arquivo: ter sempre medo de encerrar, porque encerrar é sempre uma perda.

## 5. Bibliografia

*Livros:*

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. e Apres. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALVES, Ivira Iracema Duarte. *Arco & Flecha*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1978.

ANTELO, Raul. *Literatura em Revista*. Ensaio 105. São Paulo: ed. Ática, 1984.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BASTOS, Cassiano Tavares. *O simbolismo no Brasil e outros escritos*. Rio de Janeiro: São José, 1969.

BAUDELAIRE, Charles. *O Spleen de Paris*. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: EdUFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BOAVENTURA, Maria Eugênia de Gama Alves. *Movimento Brasileiro*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Governo do Estado de São Paulo, 1978.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BROCA, Brito. *Vida literária no Brasil – 1900*. 3.<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB – Origens e Significados*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos – INL / MEC, 1980.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

CARVALHO, José Murilo de. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados*. 3.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EdUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa de periódicos na literatura brasileira*. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. **Lanterna Verde e o Modernismo**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Romantismo no Brasil*. Tese Doutorado. São Paulo: USP, 1950.

*Catálogo de Periódicos da Coleção Plínio Doyle*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

DEMARCHI, Ademir. *Cultura em busca de vitrines – literatura e mercado, morte do Modernismo e populismo*. (Uma leitura do Suplemento Letras & Artes, de "A manhã". Rio de Janeiro 1946 / 53. Dissertação – Mestrado em Literatura. Programa de Pós-Graduação em Literatura. UFSC, 1991. Orientador: Raul Antelo.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Dicionário Eletrônico HOUAISS, versão 1.0, dezembro de 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

\_\_\_\_\_. *O anacronismo fabrica a história: sobre a inatualidade de Carl Einstein*. In: **Fronteiras**. Arte, Crítica e outros ensaios. (p. 19 – 53).

DIMAS, Antonio. *Rosa-Cruz* (Contribuição ao Estudo do Simbolismo) São Paulo: IEB-USP, 1980.

\_\_\_\_\_. *Tempos eufóricos: Análise da revista Kosmos* (1904 – 1909). São Paulo: Ática, 1983.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: EdUNESP, 2004.

EDMUNDO, Luis. *Memórias vol. I aV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

FONSECA, Gondin. *Biografia do jornalismo carioca* (1808-1908) Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

FOSTER, Hal. *Diseño y Delito*. Trad. Alfredo Muñoz. Madrid: Ediciones Akal, 2004.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Um estadista da República*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros. 1971.

\_\_\_\_\_. *Nova Cruzada*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros. 1971.

LATOURE, Bruno. *Rendre le social à nouveau traçable*. In : **La chronique de Bruno Latour**, 2007.

LAZANO, Fernando. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Estética e Modernismo*. São Paulo: Hucitec, 1984.

LINS, Vera. *Gonzaga Duque e a estratégia do franco-atirador*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1991.

\_\_\_\_\_. *Novos pierrôs, velhos saltimbancos*. Os escritos de Gonzaga Duque e o final do século XIX carioca. Curitiba: Câmara Brasileira do Livro, 1997.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: EdUNESP, 1999.

\_\_\_\_\_ et MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Aníbal. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAGALHÃES Júnior, Raimundo de. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

MAINER, José Carlos. *Modernismo y 98*. Barcelona: Crítica, 1980.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: EdUSP, Fapesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura Brasileira*. 2.<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MOISÉS, Massaud. *O simbolismo*. (1893-1902). 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2 volumes, 2.<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1973.

NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro. Sem data.

OLMOS, Ana Cecília Arias. *Revistas culturais de transição: práticas políticas e estratégias de intervenção cultural*. Uma leitura comparada de Punto de Vista e Novos Estudos do CEBRAP. Tese – Doutorado em Letras, USP, 2000. Orientador: Jorge Schwartz.



PEDERNEIRAS, Raul. *Cenas da vida carioca*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1924.

RIO, João do. *O momento Literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SALES, Campos. *Da propaganda a presidência*. Brasília: Editora da UNB, 1983.

SANTOS, Joel Rufino. *Quatro dias de rebelião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *A revolta da Vacina*. Rio de Janeiro: Scipione, 1993.

SILVEIRA, Tasso da. *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro : GRD, 1964.

\_\_\_\_\_. *Nestor Vitor*. Rio de Janeiro : Agir, 1963.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro : Aguilar, 1961.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2.<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2004.

SUSSEKIND, Flora. *As revistas do ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

TAVARES, Gonçalo M. *Breves notas sobre a ciência*. Florianópolis : Editora da UFSC : Editora da Casa, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YATES, Frances. *O Iluminismo Rosacruz*. São Paulo: Cultrix, 1983.

*Artigos publicados em Periódicos:*

ANTELO, Raul. *As revistas literárias brasileiras*. In: **Boletim de Pesquisa NELIC** – Periodismo contemporâneo em Perspectiva II, V. 01, N. 02, Florianópolis: NELIC, 1997. (p. 03 – 11).

\_\_\_\_\_. *A literatura é um arquivo*. (Os *Fantasmata* de Link). In: **Boletim de Pesquisa NELIC** – V. 10, N. 15, Florianópolis, NELIC, 2010. No prelo.

\_\_\_\_\_. *O arquivo e o presente*. In: **Gragoatá**, v. 22, Niterói: EdUFF, 1º sem. 2007. (p. 43 – 61)

BASTIDE, Roger. *A poesia nórdica de Cruz e Sousa*. In: **Revista Escrita**. N.º 11, Ano 01. São Paulo: Vertente. 1976. (p. 08 – 11).

BRANDÃO, Iulo. *O simbolismo*. In: **Revista Cultural**. N.º 09, Ano 03. Brasília: MEC. Jan – mar 1973. (p. 38 – 45).

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Poéticas Contemporâneas: marcos para uma pesquisa*. In: **Continente Sul Sur**. n. 2, 1996. (p. 111 – 120).

\_\_\_\_\_. *Sobre revistas, periódicos e qualis tais*. In: **Travessia 40 / Outra Travessia 1**. 2003. (p. 21 – 36).

CARDOSO, Maria Cecília. *A memória e a pesquisa nos arquivos pessoais do IEB – USP*. In: Anais do **Seminário Internacional de Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana**. SESC Vila Mariana, São Paulo, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. *Apostamentos para a história do simbolismo no Brasil*. In: **Revista da USP**. N.º 01, Ano 01. São Paulo: USP, jan-mar 1950. (p. 111 – 121).

CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. *O suplementário Folhetim da Folha de São Paulo*. In: **Boletim de Pesquisa NELIC – Periodismo Contemporâneo em Perspectiva**, V. 01, N. 01, 1997. (p. 12 – 18).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *El punto de vista anacrónico*. In: **Revista de Occidente**. mar. 1999. (p. 25 – 40).

DIMAS, Antonio. *Um suplemento carnudo*. In: **Continente Sul Sur**. n. 2, 1996. (p. 35 – 45).

LEAL, Flávio. *Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello: as histórias literárias das universidades brasileiras*. In: **Espéculo**, N. 45, Madrid: Universidad Complutense. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero45/boscaste.html>> Acessado em 25 de outubro de 2010.

LINS, Vera. *Índios de papelão, monumentos tropicais*. In: **Revista do Brasil**. N.º 08, Ano 04. Rio de Janeiro: Fundação Rio Arte / Jornal do Comércio, 1989. (p. 71 – 76).

\_\_\_\_\_. *Gonzaga Duque e o Simbolismo: a barricada da imaginação*. In: **Revista 34 Letras**. N.º 3. Rio de Janeiro: 34 Letras. Mar 1989. (p. 178 – 185).

\_\_\_\_\_. *Os simbolistas: virando o século*. In: **O eixo e a roda**, v. 14. Belo Horizonte, 2007. (p. 113-125).

MURICY, Andrade. *Música e Poesia*. In: **Cadernos da hora presente**. N.º 01, Ano 01, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, mar 1939. (p. 191 – 198).

NIEDZIELUK, Luzinete Carpin. *Uma apresentação de Arte em Revista*. In: **Boletim de Pesquisa NELIC – Periodismo Contemporâneo em Perspectiva**, V. 01, N. 01, 1997. (p. 41 – 46)

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Memória (afetiva e esparsa) dos encontros sobre periódicos*. Ensaio publicado no site do IV ENAPEL – Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários: Percursos e Propostas, disponível em <<http://www2.uefs.br/enapel/memoria2.htm>>, acessado em 26 de outubro de 2010.

ROCCA, Pablo. *Por que, Para que uma revista*. In: **Boletim de Pesquisa NELIC** – Instabilidades e Modernismos, V. 07, N. 10, 2007. (p. 01 – 22). Trad.: George Luiz França.

SEVCENKO, Nicolau. *O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano*. In: **Revista Almanaque**. N.º 14. São Paulo: Brasiliense. 1982. (p. 80 – 83).

SILVA, Edson Rosa da. *A poesia simbolista*. In: **Revista Tempo Brasileiro: poesia sempre**. N.º 83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, out – dez 1985. (p. 108 – 126).

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. *O projeto de estudos de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*. In **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 21, 1979. (p. 117 – 122).

SILVEIRA Neto. *O Paraná e o Simbolismo*. In: **Jornal do Comércio**. 19 de junho, 1938.

SILVEIRA, Tasso da. *Últimos Sonetos de Cruz e Sousa*. In: **Revista América Latina**, n.º 02, Tomo 01, Ano 01. Rio de Janeiro, set. 1919.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As modernas sensibilidades brasileiras*. Uma leitura das revistas literárias e de humor na Primeira República. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1500.html>>.

*Periódicos:*

**Boletim de Pesquisa NELIC** – Periodismo contemporâneo em perspectiva, V. 01, N. 01, 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/254>>.

**Boletim de Pesquisa NELIC** – Periodismo contemporâneo em perspectiva II, V. 01, N. 02, 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/244>>.

**Boletim de Pesquisa NELIC** – Leituras do Periodismo Cultural, V. 02, N. 03, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/245>>.

**Boletim de Pesquisa NELIC** – Páginas do Periodismo, V. 03, N. 04, 1999. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/246>>.

**Boletim de Pesquisa NELIC** – Com um periódico na mão, V. 08, N. 12 / 13, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/1012>>.

**Continente Sul Sur.** N. 02, Porto Alegre, novembro de 1996.

**Rosa-Cruz.** N.01, Rio de Janeiro, junho de 1901.

**Rosa-Cruz.** N.02, Rio de Janeiro, julho de 1901.

**Rosa-Cruz.** N.03, Rio de Janeiro, agosto de 1901.

**Rosa-Cruz.** N.04, Rio de Janeiro, setembro de 1901.

**Rosa-Cruz.** N.01, Rio de Janeiro, julho de 1904.

**Rosa-Cruz.** N.02, Rio de Janeiro, agosto de 1904.

**Rosa-Cruz.** N.03, Rio de Janeiro, setembro de 1904.

*Sites:*

Banco de Teses – CAPES –  
<[www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses](http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses)>

Biblioteca Brasileira – <[www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br)>

Biblioteca Embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira – Itamaraty – <[www.biblioteca.mre.gov.br](http://www.biblioteca.mre.gov.br)>

Biblioteca – Universidade Federal de Santa Catarina –  
<[www.bu.ufsc.br](http://www.bu.ufsc.br)>

Biblioteca – Universidade de São Paulo –  
<[www.usp.br/sibi](http://www.usp.br/sibi)>

Biblioteca – Universidade Estadual de Campinas –  
<[www.sbu.unicamp.br](http://www.sbu.unicamp.br)>

Biblioteca – Universidade Estadual Paulista –  
<[www.unesp.br/cgb](http://www.unesp.br/cgb)>

Biblioteca – Universidade Federal do Rio de Janeiro –  
<[www.sibi.ufrj.br](http://www.sibi.ufrj.br)>

Biblioteca – Universidade Estadual do Rio de Janeiro –  
<[www.rsirius.uerj.br](http://www.rsirius.uerj.br)>

Biblioteca – Universidade Federal Fluminense –  
<[www.ndc.uff.br](http://www.ndc.uff.br)>

Fundação Biblioteca Nacional – <[www.bn.br](http://www.bn.br)>

Fundação Casa de Rui Barbosa –  
<[www.casaderuibarbosa.gov.br](http://www.casaderuibarbosa.gov.br)>

IEB – <[www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br)>

NELIC – <[www.nelic.ufsc.br](http://www.nelic.ufsc.br)>

Portal de Periódicos CAPES –  
<[www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)>

*Documentos:*



ANTELO, Raul. *Pressupostos teóricos na definição da área e modo de atuação*. Documento que explicita os pressupostos teóricos das áreas de atuação do Núcleo de Estudos Literários e Culturais. Disponível no Arquivo Histórico do NELIC.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Exposição de Motivos*. Documento enviado ao chefe do Departamento de Língua de Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, expondo motivos e argumentos para implantação oficial do Núcleo de Estudos Literários e Culturais. 1996. Disponível no Arquivo Histórico do NELIC.

CCE – Centro de Comunicação e Expressão. *Portaria 080*. Portaria de 17 de dezembro de 1996 que cria o NELIC – Núcleo de Estudos Literários e Culturais e aprova seu regimento interno. Disponível no Arquivo Histórico do NELIC.

NELIC – Núcleo de Estudos Literários e Culturais. *Regimento Interno*. Documento que apresenta do regimento interno do NELIC, aprovado em 17 de dezembro de 1996, através da portaria 080 do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível no Arquivo Histórico do NELIC.

## 6. ANEXOS: